

FORGETTABLE  
LUBROAMOMMY



2

# EUROPA

MAGAZINE  
MENSAL  
No 3



PP 27392 V

ANO 1.º - N.º 3

J U N H O

DE

1 9 2 5

# EUROPA ★ MENSAL ★ MAGAZINE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO CALHARIZ, 29

L I S B O A

TELEFONE 517 T.

DIREÇÃO E EDIÇÃO DE JUDITH TEIXEIRA  
SECRETARIO DE REDAÇÃO JOSÉ ADOLFO COELHO



bate

Uma criação da Iliada, executada por Manfred Noa, segundo o argumento de Hans Kyser





# Lisboa, tantos de tal...

Sim, é um pouco de tudo :  
Nervos, saudade e, mesmo, um pouco  
(Demais, talvez...) de aneio louco...  
Mas é saudade, sobretudo!

Saudade, sim! e imensa, imensa!  
Tu sabes lá como eu te adoro...  
Quantas as vês que eu não choro,  
Só para não parecêr creança...

Ao chá, então! ah! se tu visses...  
— E como eu rira, no entanto,  
Se fosses tu que me servisses  
O mesmo chá, no mesmo canto...

É tudo assim, sabes? Em tudo  
Vivo a encontrar melancolia:  
Até a lua ao fim do dia  
Me lembra o teu olhar sisudo...

Como se tudo o que eu escrevo  
Longe do teu olhar sisudo,  
Não fôsse amôr cheio de enlevo...  
E de saudade, sobretudo!

Até as lojas... Numa rua  
Vi um chapéu — visão pungente! —  
D'aquela côr que é mesmo tua  
E te ficára lindamente...

Nos meus passeios sem sentido,  
A quantas flôres deixo ficar!  
E que de flôres tinha colhido  
Se t'as pudesse ir entregar...

Dir-te-hei, ainda, que se diz  
Que eu já não sou «nacionalista»,  
Como se tudo o que me entrista  
Não fosse bem d'este país...

Como se tudo o que, talvez,  
Vás lêr com os olhos rasos de agua,  
Não fôsse amor, não fôsse magua,  
Não fôsse, emfim, bem português...

*Inédito*

JOSÉ BRUGES D'OLIVEIRA





## © SEGREDO DAS PIRAMIDES

**C**OLOSSAIS montanhas de pedra, que através dos seculos veem marcando o limiar d'uma grande civilização. Assombrosas construções que resistiram ao embate destruidor dos elementos e dos homens.

Como um desafio audacioso, as pirâmides do Egipto, mantem atravez dos seculos, a vontade formidavel do seu creador.

Na treva dos tempos perde-se a sombra do homem em cujo cerebro potente surgiu a ideia de vincar o destino d'uma raça na materia prima, que constitui a essencia do globo terrestre. A pedra foi o unico material empregado para erguer esses estranhos monumentos, cuja construção é, ainda, hoje um enigma para os engenheiros e os arquitetos.

Trabalho gigantesco, em que se consumiram milhares de vidas, tarefa titanica cimentada com as lagrimas e o sangue dos escravos jun-

gidos, como bestas de carga, no transporte de imensos blocos de pedra.

Dez anos se gastaram, conta Herodoto, só na construção da estrada por onde deveriam passar as pedras destinadas ás pirâmides.

A idade moderna, assombrada, pergunta qual teria sido a ideia creadora destes estranhos monumentos, ideia perdida no olhar enigmatico que a Esfinge lança para o deserto, por onde viriam as novas raças, os novos homens.

— Simples monumentos funerarios destinados a sepultar as mumias dos faraós?

— Talvez! Mas essa hipotese não se pode aplicar á grande Piramide, onde nenhum sepulcro se encontrou.

Porque não? — um grande monumento destinado a simbolisar todos os conhecimentos da casta sacerdotal, que herdara duma grande

civilização desaparecida os mais adeantados conhecimentos e as mais extraordinarias revelações?

Foi esta a interpretação que o abade Th. Moreux, illustre director do observatorio astronomico de Bourges, deu ao monolito egipcio, e nesta ordem de ideias procurou, e forçada pela sua inteligentissima investigação, a Piramide revelou alguns dos seus segredos.

Espantosas revelações que nos deixam perplexos ante a sciencia dos tempos passados! Verdades de hoje, que foram verdades ha milenios! Conhecimentos que a idade moderna acaba de arrancar dolorosamente á natureza, estão representados na grande Piramide!

São inumeras as descobertas que o illustre astronomico acaba de fazer, irrefutaveis, indiscutíveis, perturbantes.

A grande Piramide ou Piramide de Khéops



tem por base um quadrado de 232<sup>m</sup>,805 de lado e uma altura de 148<sup>m</sup>,208. As diagonais prolongadas do monumento contem exactamente o Delta do Nilo, e o meridiano que passa pelo seu cume divide o Delta em dois sectores rigorosamente iguais. A mesma Piramide está orientada segundo a estrela polar, apenas com um erro de 5 minutos, sendo de notar que, ha apenas tres seculos, o astronomo Tycho Brahé cometeu um erro de 18 minutos na orientação do observatorio de Urianenburg.

Mas deixemos a orientação da Piramide que ficou, precisamente, no ponto do globo onde os seus construtores quizeram erguer o mais estranho padrão da sciencia, e passemos ás suas dimensões:

Herodoto conta que os sacerdotes egipcios lhe tinham ensinado que as proporções estabelecidas para a grande Piramide entre o lado da base e a altura eram tais que: *o quadrado construido sobre a altura vertical egualava exactamente a superficie de cada uma das faces triangulares*, e essa regra encontra-se absolutamente verificada.

Tudo de resto neste curioso monumento lembra as relações numericas: 4 lados na base (2 × 2), 4 arestas, 5 faces, 5 angulos; isto é, os numeros 2 e 5, característicos do sistema decimal, são os escolhidos para a Piramide.

Estabelecido pois que a Piramide foi construida como um padrão geometrico, as revelações vão succeder-se numa marcha alucinante: O valor de π (3,1416) quociente da divisão do perimetro duma circunferencia pelo seu diametro, que só no seculo XVI Adrien Romain calculou com 15 decimais exactas, encontra-se expresso na Piramide; para o que basta divi-

dir o perimetro da base da Piramide pelo dobro da sua altura:

$$\frac{4 \times 232,805}{2 \times 148,208} = 3,1416$$

Tambem a area da secção meridiana da piramide está para a area da base na relação de 1 para π.

O valor do raio da terra, tão necessario para os calculos astronomicos e que de preferencia ao valor do meridiano, poderia fornecer o metro padrão, só ultimamente foi determinado e fixado aproximadamente em 6.367.000 metros (raio polar) e 6.378.300 (raio equatorial). Pois, este valor que, só com o auxilio dos mais aperfeiçoados instrumentos foi determinado pelos sabios de hoje, está tambem expresso na Piramide.

Pelo que vejamos: a medida empregada para a construção da Piramide é o *covado sagrado* ou *covado piramidal*, dividido em 25 *polegadas piramidais*, que se aproximam extraordinariamente da polegada inglesa, visto que 999 polegadas piramidais valem 1000 polegadas inglesas, o que dá a cada polegada piramidal o valor de 25<sup>mm</sup>,4264 e para o *covado sagrado* o valor de 0<sup>m</sup>,635.660.

Ora, se nós multiplicarmos este valor por 10.000.000 obteremos 6.356.600 metros ou seja o valor do raio terrestre. O covado pira-

midal é pois a *decima milionessima parte do raio terrestre!*

Se multiplicarmos por 3.1416 o comprimento da antecamara que precede a Camara do Rei da Grande Piramide, expresso em polegadas piramidais, encontraremos o valor 365.242, numero que representa a duração exacta do ano em dias, calculo este que nem os gregos nem os romanos souberam fazer.

Multiplicando o volume da Piramide por 2,06, densidade media das pedras que a compoem, encontraremos 5,52, valor que as recentes experiencias atribuem á densidade do globo terrestre!

Se tomarmos como unidade de peso, o de um covado cubico com a densidade da terra, vemos que o peso da Piramide está para o da terra na razão de 1 para 10<sup>15</sup>!

A avaliação precisa da distancia que separa a terra do sol constitui um dos problemas capitais da astronomia, e que em todas as idades preocupou os homens de sciencia, mas só em 1900, em virtude das observações simultaneamente realizadas em 18 observatorios, esse valor pôde ser fixado em 149.400.000 quilometros, com uma incertesa de 70.000 quilometros.

Pois se multiplicarmos a altura da grande Piramide por 1.000.000 obteremos esse valor: 148.208.000!

Se multiplicarmos a polegada piramidal por 100 biliões, obteremos o comprimento do percurso feito pela terra na sua orbita num dia de 24 horas!

Se... os homens soubessem compreender a linguagem silenciosa das pedras, quantas maravilhosas descobertas de amanhã seriam reveladas pelo passado!



## COLARES VELHO

DR. C. S.

da QUINTA DA TOMADIA

(Praia das Maças)

VINHO DE MESA

Reserva Especial

Pedidos a Telef. N. 4168

RUA ARCO DO BANDEIRA, 231, 3.º

## MESSAGERIES DE LA MODE

146, Rua do Ouro, 1.º

MODAS e NOVIDADES de PARIS

A casa mais antiga no genero

Nenhuma senhora de bom gosto deixe de visitar a MESSAGERIES DE LA MODE

e não quererá outra coisa





# Adeus! Adeus!

POR

AQUILINO RIBEIRO

**J**Á rolamos em terras de França. Há uma boa hora que lá vão os Pirenéus, damasquinados de sol, e o meu louco sonho de ser um camponês basco, fanático de Deus e de D. Carlos, e alta noite, descarregada a mulinha do contrabando, vir de escopeta ao ombro abraçar Genoveva, trémula de frio e de receio ante a Virgem do Pilar. Já lá vão as garças reais, toucando de diademas fugitivos os morros altos, os arroios, lépidos a saltar os alcantis, os miqueletes de bóina vermelha, e a minha alegria, como tudo em volta, ágil e desassombrada. Há pouco, por alturas de Hendaia, à mesa do restaurante, diante de rapazes de vinte anos, sadios, vivos e tolos como novilhos, outra vez minha alma se turbou e descompôs. Um deles deitava a Genoveva um olhinho faceiro e contumaz; ela não se moveu, não pestanejou sequer, mas em seus requebros para comigo, um pouco estranhos, um nada mais animados, a senti grata ao meliante e desvanecida.

Bem sei que azares destes são fortuitos ao homem que acompanha mulher moça e formosa; bem sei que a irmã Eva, ainda a mais honesta, é sensível ao namôro, e que galaroz, mesmo de rijos esporões à vista, não afasta galaroz. Embora, aos meus trinta e oito anos aprouve ver ali o mane, thecel, phares duma serôdia e incorrigível galantaria.

Vou triste e, de tempos em quando, os olhos de Genoveva levantam-se para os meus, perplexos e magoados. Ouço as vozes de todos os meus fantasmas, mais discrepantes que uma junta de doutores à cabeceira dum enfêrmo. A minha condição é pensar, meu pensar fugitivo e louco como galope do vento.

Entramos nas landes; já os Pirenéus, ao longe, para lá da toalha de luz branca, não são mais que uma fieira de nuvens, dum azul ténue, esvaente. A floresta interminável de pinheiros dilata-se às bandas com o incenso acre e a penumbra morta das catedrais. As ramas sobem ao céu nas mil colunetas dos troncos negros, aproximam-se, deixam cair ao solo sobre as ervas loucas e as silvas um fantástico frouxel de sol

e de sombra. Redobra de velocidade o combóio e os troncos rompem a formatura por um bailado vertical e acelerado. As copas inclinam-se um momento, e na meia mesura se somem umas à vista para aparecerem outras. E lá vão as miilentas pernas da floresta correndo sempre por entre bétulas e ervaçais, ao nosso lado.

Afogado no pasto, dispara um rebanho em monte, espavorido ao fragor do combóio: uma corrida em semicírculo e, de súbito, as reses estacam e quedam a olhar para nós, de olhos embasbacados e timoratos. Barracas de resinheiros, casas de guarda, pilhas de tábuas, e é tudo o que distrai a nossa vista, quebra a monotonia tufada e rectilínea desta página de antifonal.

Pouco a pouco invade-me não sei que moleza, quebranto comparável, talvez, ao môfo místico que, nas igrejas, torna as almas beatas permeáveis à iluminação. No eco do combóio, reflectido pelas arcarias da floresta, distingo a plangência arrastada dum órgão, a tocar distante num recesso que se não vê. Sem grande esforço da fantasia, percebo que é um oratório delicado de Palestrina. Vou até desenredar a letra: S. José e o menino derrubando o mais velho cedro para um tear de Maria. Ressoa a machada, Jesus canta a mōdinha que ouviu aos pescadores de Tibériades.

Enfadado de mim, de Genoveva, de tudo, saio para o corredor, que é o bulevar do combóio. Deparam-se-me fisionomias por alguma particularidade fixadas atrás, no restaurante, no embarcador das estações, umas que me são simpáticas, outras antipáticas, e gente que fuma, que palestra, que perora, que olha a paisagem, que sonha, que se aborrece. Até não falta uma ama a um canto, com seu ar de povo, bovino e resignado.

O vício de observação, que me vem em linha direita da curiosidade de homem nado e criado nas serras, um pouco infantil e basbaque, a pontos de me surpreender, às vezes, em meu fôro íntimo a admirar seres e coisas sem realce nenhum, liberta-me um momento de meu infernal tédio. Aí está junto de mim, bem digno de nota,

êsse francês de bigodinho em saca-rôlhas, sobretudo de presilha, colete que dá a ilusão da camurça amarela, muito senhor de si, alheio aos outros, superior à cobiça que sua mulher ou amante, nada feia, género «pancada alta», anda despertando ao buscar olhos que a olhem.

Aquele estilo de homem que *se fiche de tout* diminui-me. Sinto-me na pele do galucho, boquiaberto diante do cavalo de bronze de D. José. À final de contas sou um tímido. As minhas audácias, os meus triunfos, os meus rasgos de superior, são o fruto paradoxal da timidez. Na aldeia creio-me civilizado, quero dizer, homem afeito ao remoinho das eventualidades, e no meio da civilização descobro-me camponês, com a alma metida dentro duma fatiota de burel. Devia cortar com a aldeia e tenho a superstição de que a aldeia é a minha fonte de Juventa. Vou lá para matar saudades, não do que ali há, mas do que fui, aspirar a seiva de que se nutriram as raízes tenras da minha vida, já que outra vez a não posso beber. Numa palavra, vou com a santa ilusão de que há bálsamos para todos os males na terra madre, e só trago um pouco de dinheiro, que outros para mim andaram cavando.

De raro em raro a aldeia, que, por virgem, é teatro de milagres, reserva-me uma surpresa deiticiosa. Desta vez foi Matilde, adolescente rija e de pele dourada como bago de diagal, o manjar guloso que me esperava. Os meus joelhos conheciam já a sua turbulência alada de impúbere, com laçarotes vermelhos nas madeixas e saía pelos joelhos. Anos andados, fui encontrá-la menina do Conservatório, núbil, com um buçozinho no lábio carnoso, mais fragrante e apetitosa que uma talhada de melão para quem tem sede.

A audácia que as rapariguinhas põem no impudor trouxe-me sem que fôsse necessário grande pleito de requebros. Novamente os meus joelhos sentiram a sua graça leve, desta vez tremente e voluptuosa. E sua bôca, sob a minha bôca, ensinou-me que a beijar nada se aprende nem se repete.

Uma dríade não seria mais ladina e subtil a fugir de casa, entre árvores e searas, para os



meus joelhos de fauno. Sabia iludir o dragão da tia, os criados, a própria luz do sol. Era a mais adorável cabrita daquelas montanhas. Lá ficou à espera de mim, para o ano que vem, ou de atrevido que, antes, não hesite em colher o pomo a sazonar.

Matilde não se embarçou com os meus trinta e oito anos nem me deu azo a fazer meditações cronológicas. O isolamento, a minha arte de seduzir, a falta de concorrentes entregaram-me de olhos cegos em seu instinto recém-desperto à sensualidade. E' a hora perigosa da mulher, e dessa hora, com Matilde, talvez eu fôsse, talvez eu seja o único feliz beneficiário. E' a hora perigosa de Genoveva, mas diz-me o conhecimento que tenho da criatura humana, que possui esta mocinha outras defesas e é formado seu espiritual dum quilate mais fino. Por isso mesmo, talvez, eu a amo e me confranzo todo em minha carcassa avelhentada. Quem sabe!... Mas lá torno eu a ouvir o adágio de Palestrina, e a canção dos barqueiros de Tiberíades.

Comigo fica Genoveva, mas nada de Paris, do mundo. Vago acima das realidades. Aparta-se a doce amiguinha também de mim e, correndo, correndo-ihe no encalço, pôsto que meus calcanhares tenham a agilidade de Aquiles, não a alcanço. Às vezes vou a colhê-la e dilui-se num luaceiro menos claro que o sorriso que de quando em quando me lança. É fugitiva como a miragem... Desespero-me, fecho os olhos a correr e, quando os levanto do chão, não a vejo mais. Mas no meu ângulo passam vultos ligeiros, com idas e vindas de parada. Teem o passo lépido, o meneio ágil e, como se neles ou em meus olhos batesse um clarão, reconheço-os. É Maria Paula, meu primeiro, meu grande amor! É Mina, a rucinha, que com braços rijos algemava meus rins à sua cintura de neve! Espera! aquela é Leonor, que tão bem chorava e parecia o anjo da suavidade! Marta, beberagem letal que trago no sangue, Evelina loira, de colo de garça para que vindes aqui? E tu quem és... que fazes aqui? Reconheço-te, mas nem te sei o nome, ó mocinha das serras, que um dia endoidei no arraial, ao clarão dos balões venezianos e das árvores de fogo preso. Tu deste-me, no dia em que fui procurar-te ao teu povo, uma lição sobre a vaidade das coisas, como nunca sonharam os ascetas nem o *De contemptu mundi*. Descias o caminho das hortas, e com uma enxada apanhavas para a cesta que trazias no braço o estrabo dos animais. Se tivesse alma de D. Juan, ficava saturado de mulher. Não fujas, cachopinha que fazias naturalmente, para benefício do teu quin-

tal, o que S. João de Deus fazia para ganhar o céu. Porque me fugis? Estou velho, bem sei, mas vossas imagens estão na minha alma, imprecadoras e eternas como ex-votos de bronze. Ludibriei-vos? Tudo na vida é ludíbrio, tudo! Mas onde estou eu? No combóio, um combóio que corre como o vento, que não descarrila, prestes a chegar ao pôto. Ah, é preciso dizer-lhe que nos separamos em Austerlitz...

—Desço em Austerlitz — pronuncio num murmúrio que parece o eco duma voz forte e imperiosa.

—Sai em Austerlitz...?—balucia ela numa voz branca emquanto seus olhos doloridos me perguntam porquê.

—E' forçoso... Com-promisso tomado...

Noite picada de luzes... ruídos ásperos... sereias — é o arrabalde de Paris que vai desfilar. A locomotiva assobia fina e prolongadamente. Combóios que cruzam conosco são bólides a uivar.

Genoveva vai de olhos no chão, a face muito afoguada. Súbitamente, ouço-lhe dizer voltando-se para o pai:

—Ópapá porque não apeamos nós também na gare de Austerlitz? O atraso não é grande...

—O' filha, temos as malas despachadas para o Quai d'Orsay... — E amorável, depois duma pausa: — Logo... amanhã, tornamos a juntar-nos... descansa.

Bom homem, pobre pai, não sonhaste sequer o grilhão que a tua frase despreocupada veio lançar à minha alma erradia. Fôsse eu príncipe e terias a filha princesa; pobre, gasto, sem confiança em mim próprio, serei o seu escravo.

O combóio vai saltando, saltando, rá, rá, rá,

como a cega-rega nas feiras dum batuque negro. Muda agora para o passo pesadão, de urso... penetra num mar de claridade... Austerlitz!

Empunho a maleta de mão e despeço-me; não encontro a emoção que temia e desejava. Apartando os passageiros, aglomerados no corredor, vem Genoveva comigo até a portinhola.

— Adeus! — murmuro.

— Adeus! — soluça ela.

(Inédito das «Filhas de Babilónia», a sair).



# COLARES BURJACAS

O VINHO DE MEZA

PREFERIDO

RUA NOVA DA TRINDADE, 126-132

LISBOA

Telefone N. 5435





# A LOUCURA DO "JAZZ,,

NOVELA POR

JOÃO DE COUSA FONSECA

**U**M grito calafriante, varou a sala. Depois outro grito e outro ainda, apunhalaram o arfar oprimido que enchia o espaço. Na roda de gente, de rostos contrahidos, uns, mais perto, olhos cocainados de pasmo, faces cavadas pelo escôpo dos paraizos vedados, outros, mais longe, atirados para os cantos, para as paredes, em atitude de cariatides dolorosas, suportando um tédio e um mal estar irresistíveis, irresistivelmente sedutores; na roda de gente, aqueles gritos, os primeiros, tiveram o efeito de chicotadas vehementes, certas que lhes crispassem os nervos. Uma rajada de es-

panto lhes devastou as faces enfermas d'ansia, logo dulcificadas pela onda de som, gemente, desconcertante que agora vinha de lá do canto da sala onde os olhos se fitavam hipnotizados. Aqueles magotes de párias não podiam desamparar com os olhos extasiados as convulsões horrentes, gemebundas agora, hilares logo, desconjuntadas como palhaço atáxico, d'ali a pouco. Uma gargalhada crúa, dura como estocada, soou mais, comunicando áqueles feixes de nervos subjugados, mais uma contorsão involuntária dum cômico tragico. A gargalhada passou, avassaladoramente, dominadoramente, fazendo arre-

gaçar aqui e além em carátulas grotescas, labios corroídos sobre gengivames palidos, desolados, fétidos. Depois o homem das contorsões que todos fitavam gulosamente com a curiosidade doentia dos especuladores das tragédias anónimas da vida, lançou ao ar outro grito ainda, desconjuntou os braços longos numa complicada evolução que tinha alguma coisa do esbracejar dum naufrago ao afundar-se longe, onde ninguém socorre, e deixou-os cair num desalento. Um estralejar acre de movel despedaçado, um tinir guerreiro de metal, um guincho longo de violino e os peitos de todos os párias arfaram,



libertos enfim do pesadelo que lhes punha vícios violáceos nas olheiras. Pancho, «O Guatemaltêco» acabara de fazer uivar o seu sinistro «Jazz-band».

\* \* \*

Libertos do cruel deleite que os amachucara durante uns minutos, os párias elegantes do «club», como que hiperestesiados por algum afrodisíaco subtil, especie de excitação masoquista proveniente daquela barbara violação do som, arrancharam-se aos pares, naquela falsa posse da dança no grande lupanar doirado, casa, jaula e ante-câmara da morte.

Pancho, suando, a fronte luzidia, o peitilho do «smoking» estalado em corcovas, zebreantes, o laço arredado a uma banda, em desalinho, ergueu-se de trás do seu pelourinho eriçado de manipulós e latas, de complicados sistemas de paulitos torneados e de caixas de rufo em escala de tamanhos. Maquinalmente, ageitou o prato de cobre que puzera ponto final á tortura e que, agora, semelhante a uma grande pupila dourada de felino o olhava sarcasticamente, e descendo o estrado esgueirou-se pela primeira porta entreaberta fazendo jogar os musculos tãnisados dos seus pulsos chatos, negrúscos, inçados de cordoveias. Ao fundo da sala, o primeiro violino, encadernado em vermelho, esguichava o seu tango voluptuoso, passeando os olhos cançados de comediante farto, pela carnadura das mulheres semi-nuas que volteavam junto do estrado. *Tzigano* falso, representava com consciencia a sua dolorosa comédia de enfeitador de borboletas.

\* \* \*

Com Pancho, o caso era diferente. Esse, não podia sequer aspirar ao lugar do outro, empoleirado num estrado especial, tocando de pé, no posto de honra. Pancho, embora fosse o mago, o hipnotizador que durante a exhibição tinha presos dos seus guinchos, dos seus esgares, da sua rara virtuosidade de Inca selvático rufando musica, aquela caterva, sentia bem que nada representava para a fauna buliçosa do club. Enquanto os possuía pela brutalidade era um semi Deus. Depois os homens viravam-lhe as costas sem um olhar ou com uma gorgeta e as mulheres passavam de largo, fugindo do seu carão ossudo e moreno, chorreando suor. O Deus caíra do pedestal e ficara em seu lugar, arquejante e descomposto, «o homem do Jazz-band».

\* \* \*

Pancho era um tipo curioso. Não tinha aquele aspecto alvar ou redondamente plebeu da maior parte dos histriões da musica, misto de «souteneurs» e de parasitas, vegetando sempre em empregos nocturnos, «com gorgeta». Pancho, pelo contrario, tinha alguma coisa de aristocrático, na sua linha esbelta, sem denguiço femeníl. Só a pele baça e escura denotava o americano do sul. A conformação da cabeça pequena, inclinada para a frente, de ordinário, uma perene

atitude de ataque de teimosia, parecia indicar uma origem talvez teutonica ou slava e o cabelo cortado, quasi rente, quasi rapado aos lados, sobre os malares duros, voluntariosos, completava o seu aspecto francamente antipático. Tinha o aspecto de um soberbo macho e mais de uma daquelas bonecas dengues e volutuosa desfaleceria de volupia sob o amplexo dos seus braços rijos, se ele não fôsse apenas o triste homem do «Jazz». Mas qualquer daquelas rainhas da carne, temeria a *degringolade* do seu pedestal de vicio, no dia em que condescendesse em dar o seu amor, cartaz de feira, de esquina, suja. aquele guatemalteco que fazia uivar o «Jazz!!» O magarefe da musica sentia o desdem de todos a escorrer-lhe pelo corpo, envolvendo-o gelidamente numa maldição. E então os seus olhos não mais olharam de frente, os seus uivos quando



Ninon era uma grande senhora ali perdida.

rufava um *shimmy* turbulento, tinham um estranho timbre de fatalidade e entrou de odiar, odiar sem descanso, as mulheres resplendentes, de carnadura ofertada, os homens, maniacos de todas as manias, a luz, o jôgo e o som, a odiar até aquele seu múltiplo coração, aquele seu desconjuntado «Jazz-band».

Quando entrou na sala de jôgo, Pancho procurou com os seus olhos frios e crueis a pobre Ninon. Ao vê-la junto da mesa do «écarté», a face desanuviou-se-lhe e os dentes brancos, agudos, de lobo, arrogenharam-se-lhe num *rictus* de perversidade. A sua negra melancolia tinha desaparecido como por encanto. Tinha ali, em frente dele, aquela que lhe fornecia, na sua submissão, no voluntario rebaixamento de todo o

seu ser, a desforra de todas as humilhações sofridas pelo desdem dos outros. De entre todas as mulheres do rebanho imenso, aquela devia sofrer-lhe tudo, tudo que a sua fria imaginação lhe inspirasse como suficiente desforra de todo o mal sofrido. Quedou-se a olhar a amante de três dias felizes, esgotantes, aniquiladores, três dias em que puzera á prova todas as suas astucias e perversidades de amoroso requintado para prender a si, pela garra terrível do desejo aquela mulher que se lhe entregava ansiosa em gritos de iniciada. Ninon aparecera, havia umas noites, inquietando todos pela sua magestade no andar, pelo brilho garço dos seus olhos raros, unicos, de metal pulido, pelo afilar gracioso das suas mãos delicadas como nenufares e pelo misterio misogino do seu recolhimento, num *cottage* do alto da colina, silencioso e triste entre os tu-

fos de buxo dum jardim de lenda. Quem era, ninguém sabia. Vestia como uma cocotte impudica, os ombros, o colo, o cavado voluptuoso das espaldas, o bombear dos seios erguidos, tudo numa nudez perfeita de pecado sem joias ou ornatos, além do erguer leve das pontas dos peitos, picando a seda do vestido. No demais, porém, Ninon era uma grande senhora ali perdida. Nenhum homem pareceu interessá-la. Entrava, dirigia-se ao jôgo, jogava violentamente, ardentemente, com um fulgor de pupilas, um arfar dos seios maravilhosos, uma perturbação de posse em todo o seu ser. Nos primeiros dias, ganhou, ganhou muito e isso aumentou a sua aureola. Depois, um homem encontrou-a sosinha, no terraço escuro, avançado para o mar e viu que chorava. Isto destruiu-lhe a reputação de mulher de gelo, de mulher fatal. Dias depois, soube-se a noticia estúpida. Ninon andava metida com Pancho, com... o homem do «Jazz-band» e dali em diante, Ninon foi considerada por todos como uma vulgar profissional que tem um capricho que lhe consome a vida e o dinheiro. Ninguém se lembrou de que a existencia de Pancho na vida daquela mulher, fôra apenas consequencia daquelas lindas lagrimas de saudade, choradas noites antes, no terraço deserto, em frente ao mar sereno e indiferente, esse grande mar que ia, lá longe, encher do seu bafo, fecundador, em revoadas de extase, a sua America longiqua, o seu Guatemala delicioso. Pancho tivera um merecimento sobre todos. Pancho era guatemaltêco como ela.

\* \* \*

O homem do «Jazz-band» aproximou-se do ruidoso circulo que cercava a banca. As pantalhas verdes lançavam a luz, duramente, sobre o dorso dum reptil lodoso, esquarterado, posto a nu, com chagas de ouro, punhaladas em forma de coração e gangrenas negras em trevo simbolico. Por sobre a dissecação, lidando afanosamente com rodela de côres, algumas laivadas dum pus violáceo, outras amarelentas de ictericia e outras cruamente brancas, talhadas em cirios funerarios, pulavam mãos lividas, tra-



tadas, ageis até ao desconjuntamento, umas em gestos bruscos, anquilosados, outras molengas, sem ossos, como grandes alforrecas gelatinosas à busca da presa. Um marear de tempestade rodeava a paisagem macabra cuspidada de luz pelos reflectores. Em roda, as caras, olhos envidraçados, pescoços torcidos, crispados, eram uma galeria hedionda de condenados num purgatorio terrível. De pé, por detraz dum homem calvo, jogava Ninón. Perdia sem cessar, naquela noite, como nas anteriores. Perdia e não podia arredar pé dali. O dinheiro esgotara-se-lhe a breve prazo e o homem calvo, elevando para ela uma face torpe, salpicada de *acné*, ofereceu-lhe, com um gesto, um monte de fichas. Não pôde resistir e jogou. Perdeu uma e outra vez. Percebendo, emfim, pelo olhar insistente do calvo qual o preço porque se estava alugando, Ninón, reagiu contra a tentação. A sua voz flebil, hesitante, balbuciou umas palavras de promessa de restituição proxima. Mas ante a insidiosa bondade do calvo que recusava o pagamento, envolvendo-a num olhar nojento de sensualidade, Ninón emudeceu. Alguem estava, porém, junto dela que se interpôs entre o seu corpo de lirio e as mãos grosseiras do homem do *acné* que buscava um contacto torpe. Silenciosamente, aquele homem desconhecido tirara do bolso um punhado de notas e amachucara-as no concavo da garra estendida. Então Ninón ergueu os olhos. Ante ela estava o homem que havia três dias era a sua propria sombra. Eram aqueles olhos grandes, garços e abertos á luz como duas lealdades, que insistentemente a seguiam em todos os seus movimentos á roda do demonio tentador do jôgo. Era aquela figura possante, mas esbelta, de atleta aristocrata que a seguia de noite como uma sombra vigilante, era aquela mesma boca varonil, formosamente varonil que lhe murmurava umas desculpas quando, na vespera, aquele mesmo homem, num movimento brusco, inexplicavel, lhe fizera saltar das mãos e espalhar-se no solo a caixinha minuscula da *cóco*, que ela agitava febrilmente entre os dedos longos, afilados, pulidos, de narcar.

Eram agora, os mesmos olhos, humidados de ternura, de uma grande ternura sã, imensa, masculina que a fitavam de frente. Ninón sentia em si alguma coisa de estranho, de espantoso e de inexplicavel e levou as mãos ao peito, num gesto de pudor, o seu primeiro gesto de pudor como se a sua carne que todos viam não devesse ser vista por aqueles grandes olhos pardos, tão bondosos!

A cabeça formosa, oscilou brandamente e os seus labios iam descerrar-se, dizer qualquer coisa de vulgar, que outra cousa lhe não deixava dizer a sua alma alanceada por uma angustia deliciosa, inenarravel. Mas Pancho, estava por detraz dela e Ninón sentiu nos hombros nús, o calafrio daquele olhar máu que a dominava, que a varava, que a possuia ali, com a mesma perversidade com que a enlouquecia no seu leito baixo, voluptuoso de cortezã. Lentamente, voltou costas aos grandes olhos garços que a fitavam estranhamente e olhando Pancho, perguntou:

— O que queres?  
— Vae para casa! Vou esta noute, tenho que falar contigo...

\* \* \*

A casa de Ninón era sobranceira ao grande palacio do jôgo e ficava escondida num parque-sinho minusculo de esguias piramides de buxo a desenhar aleas ensaibradas.

O quarto em que Ninón se despia, abria uma janela sobre o panorama infernal do Casino scentelhante na noute. Um ruido vago de musica e de vozear surdo, subia até ao remanso azulenco do jardim estilizado.

Um penteador lasso, esbagaxado nos ombros altaneiros, pendia-lhe das pontas erectas dos seios, magnolias trementes de desejos nunca sa-



Pancho era um tipo curioso, francamente antipatico

tisfeitos e era como um grande *peplum* branco. Encostada ás janelas escancaradas olhava longe, muito longe na noute perfumada e a sugestão magnifica do silencio fazia-a evocar todo o ferver agitado da sua vida desde que, as tranças ao vento e botinas vermelhas, pespontadas de retrós, saltara no dorso do primeiro garrano, nos Pampas longiquos. A plantação era vasta, quente e gemia á noute uns melancolicos cantares que as *chinitas* entoavam ao som de alaúdes primitivos que iam embalar a dança dolente das folhas movidas pela brisa suave e mansa. Depois, viera uma vaga guerra civil e as plantações tornadas campo de manobras foram devastadas. Os milhares de pesos arrecadados por seus paes, tinham-na trazido á Europa e feito fi-

xar em França. Fugiam dum fogacho e cahiam numa fogueira imensa e apocaliptica. A profecia de grandes desgraças que uma mestiça de olhos de fogo lhes gritara lá longé, na sua Guatemala ardorosa, cumpria-se sinistramente. A grande bacanal da morte assolando a Europa, não podia poupar a sua propriedade rustica dos arredores de Arras. Os dois velhos fazendeiros foram massacrados pela horda que passava. O filho mais velho tinha partido alguns dias antes, voltando á America do Sul, a tentar a reconquista das plantações, confiscadas por um revolucionario, outróra triunfante e agora vencido. Quanto a Ninon, acordou, dois dias depois do massacre, dum deliquio raro. A humanidade pareceu-lhe a mesma mas ela não era já a creança que atravessara o Atlantico pulando doidamente no «Spardeck» do gigante dos mares. A tragédia deixara-a mulher e a seguir foi mãe, uma mãe dolorosa que via morrer-lhe o filho espantoso, dum espantoso crime, dias depois da sua execranda maternidade. Então, amealhados os ultimos ouros e as ultimas joias, que constituíam uma fortuna, passeou uma parte da Europa convulsa e desgrenhada até á hora do armistício. Feita a paz, o prazer arrastou-a na sua onda invencível. A filha daqueles velhos Sanz, os millionarios guatemaltêcos massacrados em Arras, foi Ninón a glutona curiosa de todos os prazeres. Mas o seu tédio, agravado pelo após a guerra, sem interesse e sem imprevisto, deixou-a sempre na curiosidade, para lá da paixão. A guerra, grande demais não tinha sequer consequencias pitorescas. Os seus invalidos, reliquias sentimentaes, eram tantos que não interessavam a alma de Ninón e os homens, como dadores de prazer, interessavam-na menos. Até que a estatua se animou ao sopro canalha dum novo sádismo. Aparecera Pancho o homem do «Jazz-band».

Justamente ele ahi vinha atravessando o jardim. Nessa noute, porém, Ninón, obsecada pelos olhos garços do homem que a seguia como uma sombra, estava nervosa, distraida indiferente. Parecia que aquela grande lealdade do rosto másculo do desconhecido lhe tonificava a alma e pela primeira vez Ninón, como as outras mulheres, sentiu asco pelo homem do «Jazz-band». Pancho, ás primeiras palavras trocadas, percebeu tudo quanto Ninón não dizia. Estremeceu interiormente no receio enorme de perder aquela mulher, a única.

Via-se outra vez relegado ao plano do misogynismo forçado em que sempre vivera sem o amparo das dádivas generosas de Ninón e sem a posse daquele lindo corpo inteiriçado e vibrante sob os beijos. Lutou então bravamente, primeiro tentando reavê-la pela sensualidade das suas caricias depois explorando a nota sentimental, falando-lhe muito na patria longiqua e amada. Mas Ninón, num voluntario alheamento repeliu-lhe os beijos e reagiu contra a sugestão das suas palavras enganadoras. Então Pancho, as cordoveias do pescoço tumefactas, a face enegrecida pelo sangue ruim, foi sobre-ela com violencia e sem uma palavra, mudamente, brutalmente, enlaçou-a como fera á preza mansa e quiz atiral-a sobre o



divan propicio buscando a dominação vergonhosa do macho em cio, sobre a fêmea submissa. Mas um grito de Ninón varou a noite e os seus dedos agudos, cravaram-se nos olhos da besta que, enlouquecida pela dor, foi cravar os dentes, raivosos, na brancura lactea do cõlo da amante embravecida. Um estralejar áspero, cortou a scena e ambos os lutadores se voltaram, espantados, para a porta. Esta, tinha saltado dos gonzos e abria-se escancaradamente como que num grito também. E no limiar, hirto, solene, a sua estatura enorme erguida no quadro soberbo, estava o homem dos olhos garços, irrepreensível na sua toilette severa e sombria, a mão direita crispada no punho da sua bengala reluzente de malaca.

Perante o silencio dos dois amantes, silencio feito de espanto e de pasmo, o homem dos olhos garços avançou lentamente para Pancho. O guatemaltêco porém, reagira depressa contra o estupor que o paralisava e a sua mão direita appareceu bruscamente, empunhando um revolver rebrilhante. Mas já a bengala de malaca vibrara no ar e duma pancada terrível, fustigara o pulso acobreado do homem do «Jazz-band». O revolver, rolara no solo aos pés de Ninón e então a bengala, silvando como uma cobra, vergastou uma, duas, três vezes a cara de Pancho. O sangue jorrara logo e ao ver aquele esgar tragico que arrepanhava a face contraída do homem que a possuía infernalmente pela sensualidade, Ninón não pôde pensar nem pôde resistir.

Num impulso cego, ajoelhou-se no solo, tomou o revolver e soberba de desespero, os cabelos tombando pelas espaldas, a mordedura que a

queimava, chorreando sangue no colo alvissimo, duas vezes premiu o gatilho. O homem dos olhos garços curvou-se sobre o flanco e com o braço direito como que tapou as profundas feridas que acabava de receber. Um instante depois erguia-se outra vez em toda a sua estatura esbelta e lentamente, num passo quasi espectral, sem que uma palavra lhe descerrasse os labios, andou em direcção de Ninón, que ainda o visava com o cano ameaçador do revolver. Quando chegou junto dela, sem que a pobre tivesse coragem de disparar novamente, arrancou-lhe o revolver da mão crispada e numa voz indefinível, os olhos marejados de lagrimas que lhe sulcavam a face livida, murmurou:

— Pobre... pobre... infeliz!...

E no mesmo passo saíra a porta escancarada. No silencio de fim de mundo que ficou na casa solitaria, Ninón ouviu de mistura com os acordes longiquos da musica do Casino, uns passos pesados, desiguais, que faziam ranger a areia do caminho, bordado de piramides de buxo, que levava ao portão do parque. Depois só se ouviu no grande quarto da cortezá o chorar de Pancho, escondendo num canto a face chicoteada...

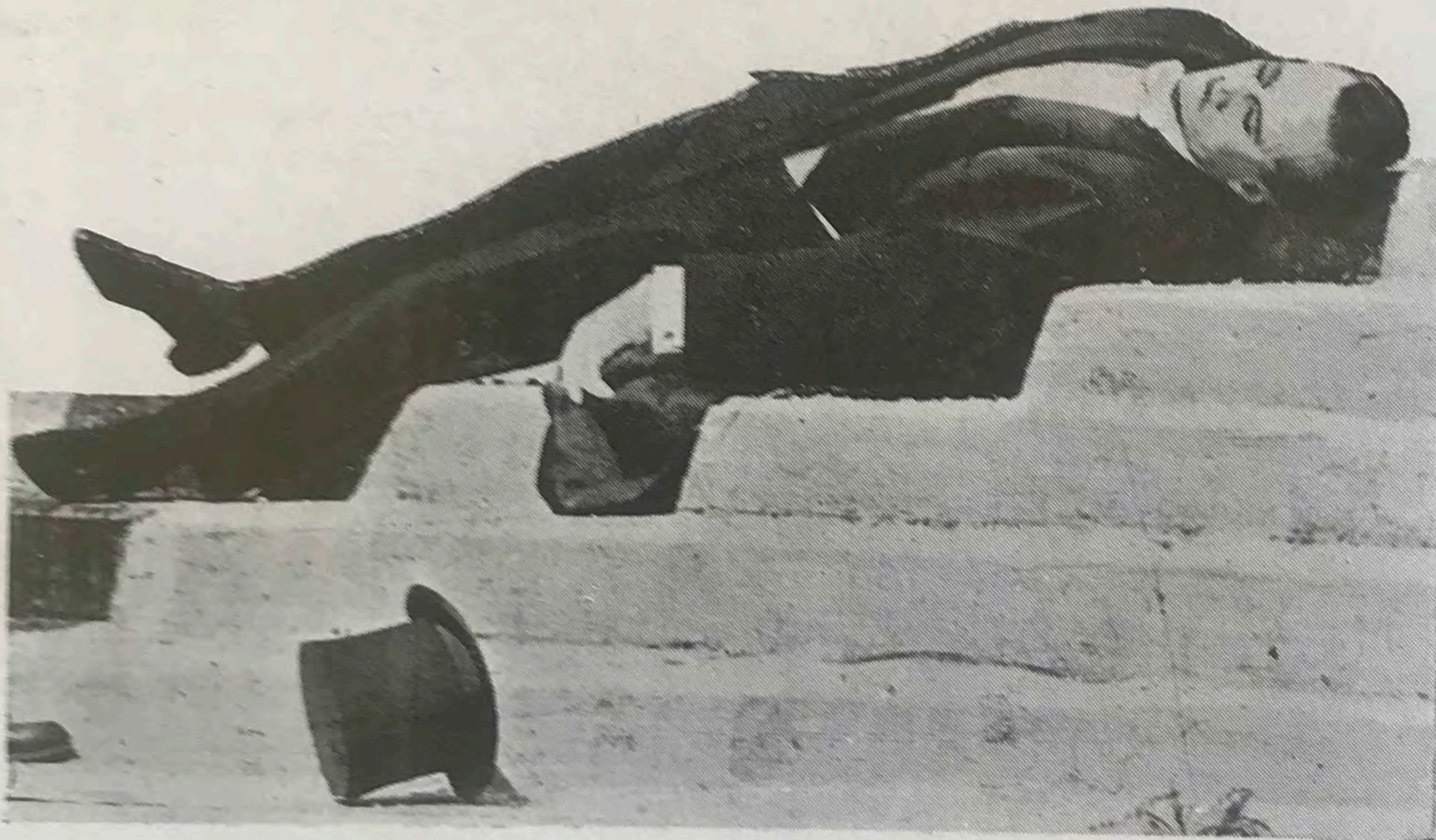
.....  
Fizera um esforço sobrehumano para apresentar indiferença ante a criada que lhe trouxe o periodico. Logo que ela saiu desdobrou o jornal anciosamente. Viu nas *Ultimas noticias* o que procurava. As letras eram de formato grande, no formato em que se relatam as coisas que se passam com gente rica. Ninón leu vagarosamente:

«Um suicidio estranho. Pela madrugada uns frequentadores do Casino encontraram, numa das escadarias das trazeiras do edificio, o corpo de um elegante estrangeiro que, de ha uns dias, vinha sendo notado entre a população flutuante da grande casa de diversões. O revolver com que se ferira, porque se trata, certamente, dum suicidio, estava junto dele. Conduzido, ainda com vida, ao hospital, falecia logo a seguir, depois de ter pronunciado algumas palavras tendentes a corroborar a hipotese do suicidio por motivos passionais.

Pelos papeis encontrados vê-se que o infeliz tresloucado era o proprietario sul-americano Guilhermino Sanz, filho dos milionarios Guatemaltêcos Sanz, cuja tragica morte nos arredores de Arres foi muito pranteada por ocasião da incursão dos alemães em França ..

\* \* \*

Um grito calafriante varou a sala. Depois outro grito e outro ainda, apunhalaram o espaço. A loucura estendia o manto sobre a alma daquela mulher, a mulher que caíra nas garras impiedosas do «Jazz-band».



Uns frequentadores do casino encontraram o corpo de um estrangeiro...

VICTOR GONÇALVES, L.<sup>DA</sup>

CHANGEURS - CAMBISTAS - CHANGERS

RUA AUREA, 152 - LISBOA





# Féras e Domadores

**E**M todos os tempos as multidões apreciaram o espetáculo emocionante da luta da fera contra o homem, reminiscência, talvez, das primeiras idades em que o homem armado apenas do machado de sílex tinha de disputar aos dentes aguçados dos carnívoros a guarida quente escavada na rocha.

Leões, tigres, panteras, ursos, serviram no circo romano para castigar os condenados, que num último arranco de defesa lutavam bravamente para defender uma vida condenada.

Comensais dos reis asiáticos, foram também as feras empregadas como um dos motivos da

pompa oriental. Aos pés dos tronos taucheados de pedrarias, seguros pela mão firme dos be-luários, deitaram-se os leões e as panteras do cortejo real. E em muitas cortes os grilhões que prendiam o rei do deserto, eram de ouro, num símbolo escarninho de servidão.

Que a arte de domar as feras fosse já conhecida na antiguidade não oferece dúvidas se nos lembrarmos que Cleopatra passeou em Alexandria num carro triunfal puxado por dois leões.

Durante a Idade Média as feras foram pertença dos reis, raros espécimens que das selvas vinham através de mil dificuldades.

Entre nós ainda corre a memória do Pateo dos Bichos, onde estava alojada a *menagerie* real. Porém, a exibição de feras domadas, trabalhando sob as ordens do homem, é um espetáculo que só nasceu nos princípios do século findo.

Foi o inglês Georges Wombwel quem primeiro viu o partido que se poderia tomar do ensino das feras, ao notar a familiaridade existente entre um dos tratadores da sua *menagerie* e um pequeno leão que por ele fôra cuidado durante uma doença.

O primeiro espetáculo desta natureza consistiu na apresentação de um homem dentro da





O tratador José Rodrigues que ha mais de vinte anos cuida das feras do Jardim Zoologico, tendo ao colo um leão... de 15 dias nascido no Jardim

jaula com dois leões, o que despertou a mais intensa curiosidade em Inglaterra.

Varios são os processos que os domadores empregam, mas o que nenhum deles esquece é que nunca deve dar a conhecer á fera o seu poder.

Desde que o animal tenha a noção de que pôde fazer mal ao domador, este está perdido; a fera torna-se insubmissa, desobedece a torto e a direito e na primeira oportunidade vingá-se do seu cativo.

E' conhecido o caso do domador Weedon, que costumava acariciar o seu urso favorito aproximando o rosto das grades da janelá, um dia porém, tendo-se esquecido desta praxe, conversava com uma visita junto da janelá do urso, este estendeu a pata para o puxar para junto de si, apanhou-lhe a face rasgando-lhe as carnes e dilacerando-lhe um olho. Banhado em sangue, Weedon repeliu um dos guardas que acorria



com uma forquilha, e já a desfalecer com as dores recomenda que não castiguem a fera, que não tinha a intenção de o ferir.

Os felinos, leopardos, jaguares e panteras, são por via de regra os animais mais difíceis de domesticar, e nada mais perigoso para o domador do que uma inadvertencia quando está dentro da janelá. Necessario se torna dispor sempre os mesmos objectos, nos mesmos logares e vigiar as mais pequenas atitudes das feras.

Não supõe o publico que assiste a uma exi-

bição de feras, no circo, sob a luz intensa dos projectores, acompanhada com os acordes alegres da orquestra, quanta audácia, quanta serena coragem é necessria ao domador para manter em respeito dez os doze tigres, pachorentamente empoleirados nos seus tamboretos — donde lhes é impossivel formar o salto — e conseguir deles as mais complicadas habilidades.

E sirva de memoria o exemplo da domadora Selica, que estando uma noite executando uma dança artistica na jaula onde se encontravam três leões e duas leoas, não reparou em que uma das feras descera sorrateiramente do pedestal, e quando um grande grito ecoou no circo, a leoa tinha já derrubado a domadora; imediatamente os outros leões saltaram dos seus logares e lançaram-se sobre ela.

Quando as forquilhas dos tratadores conseguiram repelir as feras, Selica deixara de existir.

Domadores ha, de serena coragem, que obteem o dominio sobre as feras empregando uma persuasão doce, e para as quais as pancadas são apenas um recurso supremo em caso de perigo. Infelizmente, porém, a grande maioria utiliza ainda o sistema brutal de abrir uma chaga na axila da fera, de modo que a ponta metálica do chicote, possa atingindo esse ponto doloroso, aniquilar toda a tentativa de ataque.



(Clichés de Mario Novais obtidos no Jardim Zoologico de Lisboa)



# Mulheres de agora

P O R

ANTONIO DE CÉRTIMA

**M**AS, afinal, mudarão porventura as mulheres? Deixarão elas de concorrer para os grandes espectáculos da Historia com os seus vistosos caprichos, as suas misteriosas atitudes e as suas incoerentes e dominadoras paixões? Irão elas submeter á desgraçada sabedoria do homem o orgulho secreto dos seus sentimentos, a sua picante e subtil intelligencia de dominar, as armas finas e sentimentais da sua sensibilidade exquisita e, ao demais, todo o arsenal venenoso e sortilego da sua química de volupia e de morte?

Descanemos, que não. As mulheres continuarão a ser, para bem da energia do mundo e das nossas razões de felicidade, a nossa dôr mais angustiosa e incompreensível e tambem a nossa mais deliciosa, alacre e compensadora ventura!

Entretanto, se as mulheres não têm mudado quanto á sua arte feiticeiramente solerte de encantar e perverter, têm, comtudo, mudado bastante, quasi todos os anos, conforme as estações e as modas, no que respeita á forma voluptuosa em que envolvem o fruto doirado e escultural dos seus divinos corpos de pecado.

E este capricho extravagante, feminino até á raiz dos cabelos, vai até ás demonstrações mais intimas e caladas, pois não é raro encontrar numa determinada *saison* uma certa amiga provocadora com uma côr de pele, o feitio do tronco e a nudez esbelta da nuca inteiramente diferentes dos tons e linhas que *usava* na estação anterior...

Daqui o longo, paciente e fatigante tratado que teriamos necessidade de escrever quatro vezes por ano, se nos qui-

zermos dar á tarefa elegante de registrar cuidadosamente os diversos devaneios e metamorfoses fantasiosas a que se dão com prazer, exageradas e impiedosas na ansia de se dissimular, as nossas belas, e crueis, e encantadoras inimigas.

embriagam os sentidos com o perfume mórbido das *toilettes*, o magnetismo bisantico dos olhares ou a ritualidade apolinea de suas maneiras sacerdotais.

Em toda a mulher de hoje, tendo desenvolvido como nunca a capacidade de

interior e fragrante da sua *coquetterie*, se nota o sentido serpentino, vampírico do dominio amoroso, ao lado de misteriosas preocupações morais que a levam a ambições impossiveis e desejos fulgurantes de modernismo onde arde a satiríase espásmica das joias e ulula num antifonário vermelho de alucinações a sereia negra do pecado.

... E os corpos passam numa ronda voluptuosa de milagre! Ha rimas absinticas de Baudelaire, arredondando as curvas andróginas de certos talhes, como Samain plange indolencias outoniças na musicalidade de certos bustos e extertorizam fatalidades eróticas de harém na flexura nevrálgica daquela magra que nos sorri...

A *varina*, musa boémia de Laforgue sobre uma aguarela marítima de sôlheira, com os pés alados, os seus braços nús de nereida e as grilhetas de ouro escaldando os seios, é já um tipo descaracterizado, encontrado —

em tardes de domingo do *quartier*, calçada a capricho com os seus sapatos de camurça cinzenta e a meia de seda a estridular tonturas no vermelho salgado da perna seca e harmoniosa.

A costureira, cromo ladino das montanhas de Paris, nervosa, gárrula, sempre satisfeita, sempre de cravo vermelho sobre a bôca e o coração, é aquela que melhor caracteriza as transições e a que transporta consigo, mais livre e enfei-



Por conseguinte, falaremos hoje apenas daquela tendencia afuzelada para os caprichos da forma e do instinto que notamos todos os dias nas mulheres que passam ombro a ombro conosco, que nos entontecem com a sua graça fresca de adolescentes, recumando plasticidades virgens ou os dionisismos sensuais das campearinas que inspiraram as mãos devotas dos oleiros de Tanagra — ou, doutra grei, daquelas outras que nos

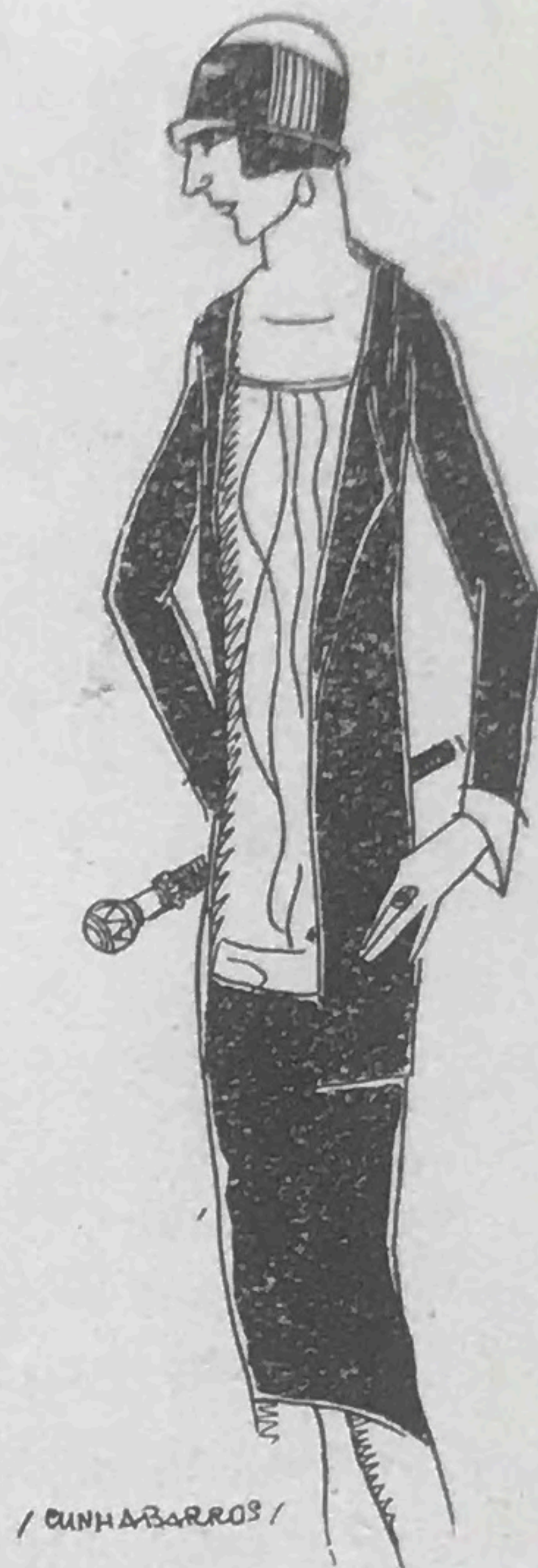




pciosa, capaz de enganar a observação mais precavida que porventura tente investigar a raça petulante de que procede.

A dactilografa honra uma genealogia áparte entre a classe garrida destas lindas trabalhadoras. E' um operario de privilegio, um producto aristocratico de que só se couhecem... as mãos. Tem horas especiais para trabalhar, mas horas rígidas, monótonas, que se repetem todos os dias. uniformemente, dando ao seu trabalho um forro burocrático de repartição pública.

A dactilografa passa na rua como uma exilada, como uma grande rima solitaria... toda de negro, tulipa negra onde as mãos afloram como duas frases ideais, brancas e languidas — essas duas unicas



tiçada, a viciosidade de agradar. Ela assimila tudo, descobre tudo e vai até ao fenomeno esbelto de inventar, de criar. Por isso, vestidos e perfumes, geitos de andar e artes de "escrever cartas de amor", ninguem como esta buliçosa *grisette* que desce ás 7 tarde o *trottoir* mundano da rua do Carmo, sabe fazer uso com mais capitosa solercia, com uma delicadeza mais discreta e ca-



frases que a maquina onde escreve ja-mais poderá traduzir.

-E tantas, tantas outras mulhercs que os senhores logo, pelo cair da tardinha sobre o chá loiro do Chiado, verão passar ali, á primeira esquina, e que colarão no branco desta pagina com suas legendas de sonho, de desvairo e das mais execrandas e eternamente moças e divinas tentações...

DOENÇAS DA BOCA, DENTES E MAXILARES

**Manuel Valente**

**Travessa do Corpo Santo, 29, 1.º**

(Esquina da Rua de S. Paulo)

Telefone Central 1853

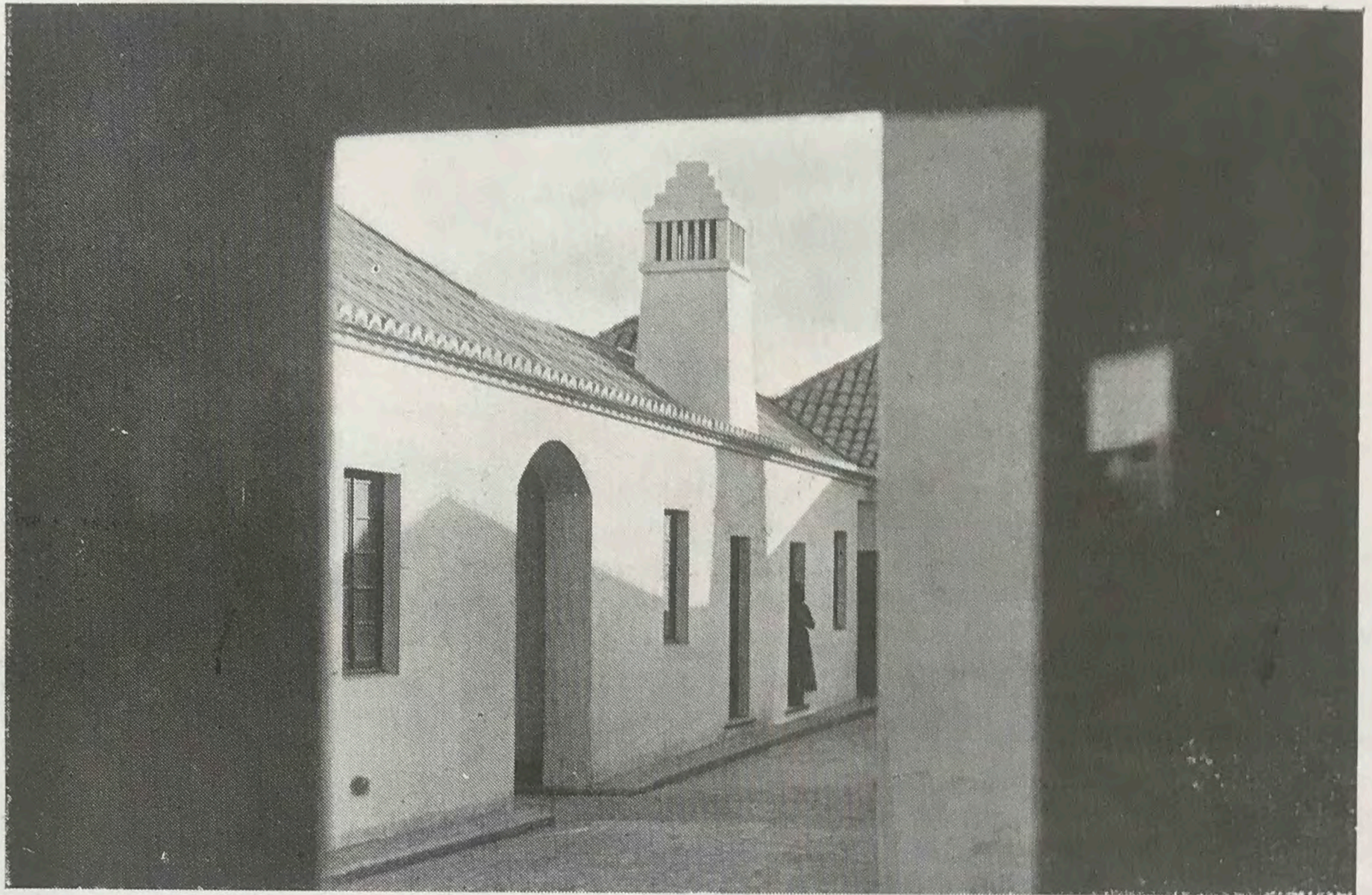


# ARQUITETURA REGIONAL



O arquiteto Carlos Ramos, autor do magnífico projeto de um bairro operário em Olhão, que marca uma valiosa etapa nas artes decorativas nacionais, pela sua estilização e pela sua maravilhosa adaptação às necessidades regionais

Conjunto exterior do B.irro Operario de Olhão



Bairro Operario em Olhão  
— Pateo



# A CINEMATOGRAFIA ALEMÃ

## Coisas vistas por REINALDO FERREIRA

**K**ARL Wolffsohn, o maior jornalista cinematográfico da Alemanha, logo que me viu entrar no seu gabinete, preveniu-me: — Já falei com Pfitzner pelo telefone e obtive d'ele a licença que ambicionava. Espere-o ás nove da manhã, nos *studios* da *Efa-Film*...

E depois, numa piscadela velhaca, de homem experimentado, acrescentou a meia-voz:

— Mas não lhe diga que é *metteur-en-scène*. Não o deixaria entrar... E' muito difficil transpor os porticos dum *studio* cinematográfico alemão... Apresente-se apenas como jornalista.

Agradei a Wolffsohn o interesse com que satisfizera o meu pedido e saindo á pressa do seu escritorio, saltei para o primeiro taxi que passava: — Hardenberstrasse, 39...

Era legitima a emoção que trepidava nos meus nervos. Como reporter e como cinematografista, não quizera partir de Berlim sem ver o Papa... perdão: sem ver os *studios* cinematográficos alemães que são hoje, sem duvida, os maiores e os mais perfeitos da Europa — e, quem sabe, se superiores aos proprios americanos. E desde que chegara andara farejando a gazua duma recomendação que me introduisse nesse mundo á parte, nesses reinos de silencio e de luz violeta, nesses laboratorios das grandes sensações universais...

Ah! Mas Wolffsohn não exagerara, Era difficil, muito difficil — sobretudo apresentando-me como profissional da mesma arte. Nos *studios* cinematográficos succede o contrario do que nos templos religiosos. Nestes só se prohibe a entrada aos infieis, aos das outras seitas; nos *studios* fecham-se hermeticamente as portas aos que professam a mesma fé, aos que se dedicam á mesma arte — aos sacerdotes da mesma religião. Os directores só se mostram ás vezes tolerantes com os estranhos...

Por isso, enquanto o auto rodava sobre a lisura espelhante do asfalto, entre as massas verdes do arvoredo, salpicado de flores, nessa radiante manhã de primavera, o meu pobre coração, demasiado sensual ainda, vibrava num ritmo apressado, nesse nervosismo sorridente e alegre da petizada que corre para a bilheteira dum circo, em dia de *matinée*...

A *Efa-Film*, ao contrario do que é costume, não escolheu o socego e a liberdade dos

arredores para construir os seus *studios*. Montou-o num dos bairros mais luxuosos e elegantes de Berlim, o bairro das legações estrangeiras, dos *fiyes* aristocraticos, das cavalgadas *snobs*, dos desfiles de beleza e *toilette* fem-

— Herr Pfitzner está? Sim?

— O senhor é o jornalista italiano que ele espera? indaga o «groom».

— Portuguez! — rectifiquei.

— Queira acompanhar-me...

Segui-o a um gabinete *yankeemente* sobrio, forrado de retratos de grandes estrelas de todas as nacionalidades. O de *Pola Negri* «dedicado ao maior *metteur-en-scène* que conheceu na sua carreira cinematográfica.» Uma outra artista de fama mundial, cujo nome nos é indiscreto revelar, termina assim a sua dedicatória: «E' a artista e não a mulher que oferece esta fotografia. Teria preferido escrever o contrario.»

Que grande coisa é ser *metteur-en-scène* cinematográfico... na Alemanha!

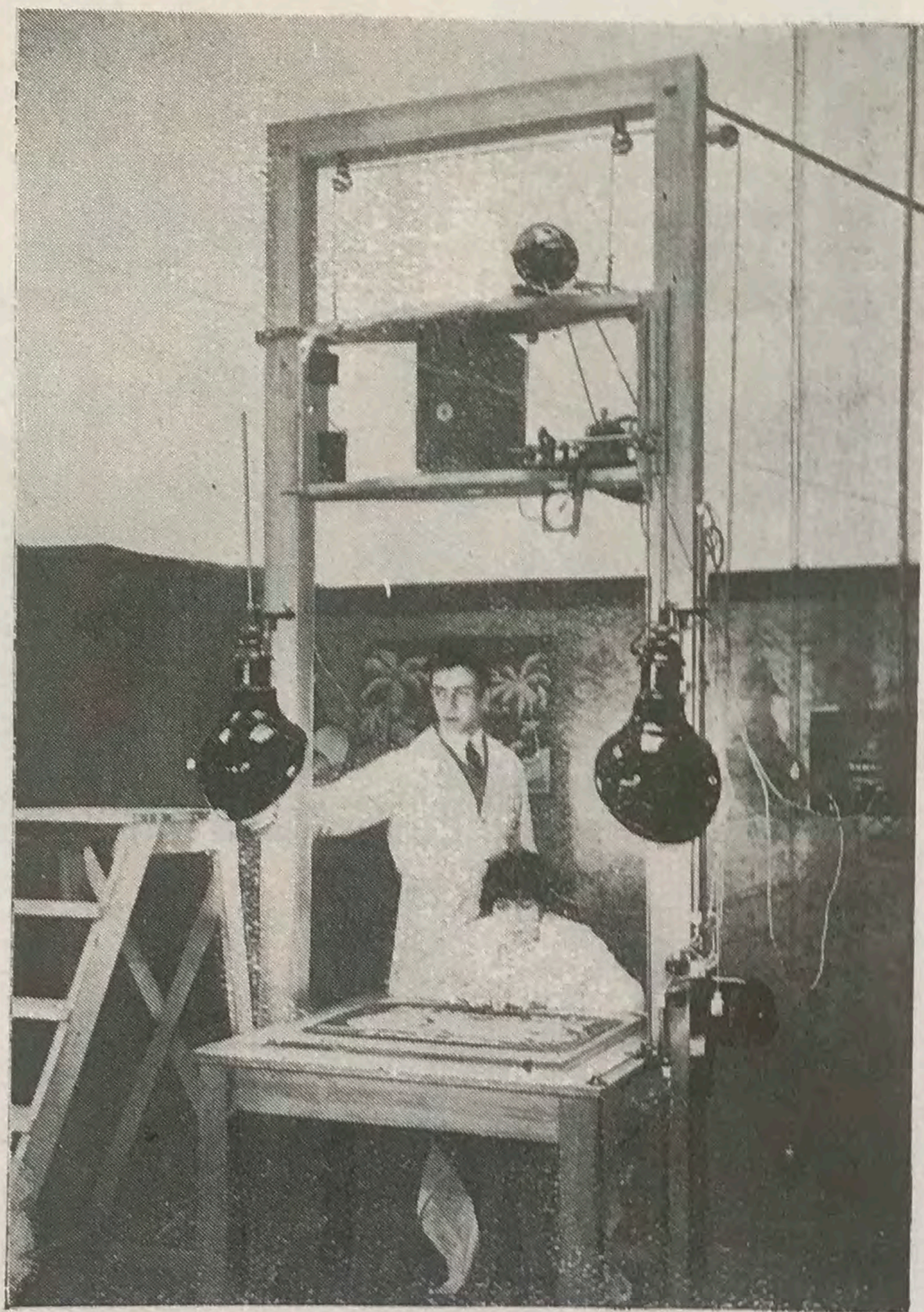
Pfitzner é um alemão agigantado que a longa residencia nos Estados Unidos americanisou. Não gosta de perder tempo.

— Quer visitar os *studios*? Seja...

Dizendo isto levou-me a um extensissimo corredor. A parede da direita possui trez portas chapeadas e grossas, como muros duma fortaleza. Um empregado vem, correndo, com um molho de chaves, a abrir uma delas, que se fechou imediatamente, sob a nossa passagem. Tinhamos devassado o misterio que dividia o mundo do ruido do de silencio. Estavamos num dos maiores *studios* do mundo — no *studio* da *Efa*.

\*

\* \*



A maquina onde são feitos films de reconstituição animada

nina: — o bairro do Lutzow. Passamos o Jardim Zoologico, cujo portico se ergue sobre dois *kolossais* elefantes de marmore e fomos estacionar frente a um estranho edificio que tudo parecia ocultar, menos um *studio* cinematográfico. Ocupando todo o quarteirão, tinha apenas um andar, e estava arquitetado em uma longa arcada de grossas colunas. Cada coluna correspondia a um estabelecimento comercial — excepto a do centro, — a do n.º 29. Nos dois extremos do edificio, coincidindo com os angulos do quarteirão, havia dois portaes de ferro.

Subimos a escada do 29 — e entramos num escritorio de aspecto comercial — de boa decoração e refinado mobiliario — mas *comercial*, no fim e ao cabo...

Sou pouco forte em calculos a olho. Não acertaria nunca com as dimensões daquele enorme casarão; mas, dar-lhes uma ideia — uma ideia bastante disparatada, pela certa, dir-lhes-hei que se duas mãosorras de gigante apertam o nosso Coliseu dos Recreios como as parteiras apertam a cabeça dos recém-nascidos — o edificio circo, perdendo a sua forma actual, e ficando rectangular, aproximar-se-hia, em comprimento e em largura, do *studio* da *Efa*.

O director levou-me para uma especie de ponte estendida sobre o *studio*. Debrucei-me — e senti o zig-zag duma vertigem. Lá em baixo, ensaiam-se cinco scenas diferentes: a porta dum *cabaret*; uma rua de grande cidade com arcos voltaicos e casario monumental; um salão galigarista, com caprichosos reposteiros e tapetes estilo taboleiro de xadrez; um *hall*



de hotel, com escadarias flanqueadas por grandes figuras e ascensores com autentico funcionamento e uma sala de teatro, sem palco, mas com trez ordens de camarotes e plateias. Frente ás quatro primeiras, os *metteurs-en-scènes*, operadores e artistas, preparavam o trabalho dos respectivos *films*.

Sobre a quinta, a do teatro, formigava uma multidão de operarios, desmanchando-a, desfazendo-o arrancando os camarotes, como se fossem dados sobrepostos duma edificação de brinquedo:

— Serviu ontem para o drama «A labareda do Amor» — explica-me Pfitzner. Durante a filmagem, Haid feriu-se com certa gravidade: caiu da segunda ordem e não pode aproveitar as redes de protecção...

Quantos individuos trabalham no *studio*? Dificil seria de precisar. Mas todos eles, os que obedecem e os que mandam, cumprem o seu dever, nessa meia voz discreta, compreensivel á distancia a que me encontro deles. Por isso, a impressão que recebi era que todo aquele quadro e os seus personagens não eram figuras reaes; pertenciam apenas a uma projecção luminosa sobre um fastastico *ecran* que cstivesse frente aos meus olhos.

\*

\* \*

Descemos .. Logo ao chegar ao primeiro *plateau* de filmagem, tive de semi-cerrar as palpebras .. Estava dentro da zona ocupada pela scena da rua, e a um sinal do *metteur-en-scène* os electricistas puzeram a funcionar os projectores.

O jacto de luz violeta enxarcou os artistas e o scenario, produziu-me uma impressão violentissima.

A quantos artistas esta luminosidade venenosa não reduziu já ás trevas da cegueira? A Pearl White sofre ha muitos anos de miopia — provocada pela sua longa permanencia nos *studios*...

Trila um apito e toda aquela gente se move — em silencio; sempre em silencio.

Passamos pela rua improvisada, *gentlemen* e mundanas; apaches e miseraveis; autos e bicicletas. Os primeiros artistas ensaiam no segundo plano, uma lucta de morte.

As suas blasfemias, os seus berros, são apenas advinhados pelos esgares, pelos movimentos dos labios. O silencio tortura os espectadores dessa representação muda; parece que nos separa daquella gente um muro de cristal que tudo transparece mas que, de tão espesso, não deixa aperceber os seus gritos, as suas



O nosso colaborador Reinaldo Ferreira nos «studios» da «Efa-Film» em Berlim

palavras, as suas pragas. E a *maquillage* extravagante dos *batons rose* mancham de azul os labios e as palpebras, agravando a impressão de estranheza, que ela nos causou, parecem transformal-os em fantasmas, em habitantes de outro planeta...

A minha presença no *studio* surpreende os artistas que estão fóra de scena. Começam a cercar-me, fitando-me com curiosidade. Falando num quasi murmurio, perguntam-me se sou da profissão, se opero, se escrevo argumentos — o que venho ali fazer.

Entretanto Pfitzner apresenta-me a um actor dinamarquez — Charles Wie — um galã louro e de enormes olhos verdes, que começou em Wdisk, ao lado de Psilander. Vem desabotoando a farda de oficial de marinha.

o meu cigarro...

No primeiro momento julguei que fôsse uma partida de mau gosto, que os habitantes daquele planeta de silencio applicassem aos caloiros dos seus misterios... Mas não... O cavalheiro, sem pronunciar uma unica palavra, reguiu, mui sério e mui grave para o extremo da scena onde estavam trabalhando, e repetiu a mutilação no charuto dum velho actor que saía do falso cabaret, lançando grandes fumaças ao ar.

E Pfitzner, tão grave e tão sério como aquele desconhecido, elucida-me:

— Os scenarios e os adereços deste *studio* estão avaliados em vinte e oito milhões de marcos. Calcule o que seria um incendio aqui. As ordens são terminantes: Ninguém pode

— Concluiu o seu trabalho por hoje! indaguei.

— Concluí o film que estava fazendo; *Müder*. Fiz agora o ultimo interior. Corro ao meu hotel para preparar a bagagem... Parto amanhã para Italia... Vou começar um novo trabalho... Uma comedia de Sylver, *A Derrocada*.

— Quantos films fez até agora? pergunto.

Charlee Vie sorri-se, e responde:

— Sei lá... Mais de cem, com toda a certeza...

Neste instante sinto roçar pelo rosto uma mão grosseira e papuda. Num gesto instintivo, recuo um pouco: vejo então um homem uniformisado que, com uma minuscula tesoura viera cortar pelo meio



Preparando os modelos para uma reconstituição anti-diluviana



## Europa

fumar fóra de scena. Por isso os guardas do *studio* andam munidos de uma tesoura — a cujas laminas nem os meus proprios charutos escapam...

\*

\* \*

Pelo *studio* continua formigando uma multidão heceterogenia, com *maquillages* bizarras e bizarro vestuario.

Os directores, correm, rectificam gestos, fazem trilar apitos, gesticulam, combinam as situações; os artistas choram, riem, lutam, discutem, assassinam-se, beijam-se...

Os operadores, como bombeiros correm atraz do fôgo, andam numa dobadoura, com a maquina aos ombros, reviravolteando a manivela, mudando continuamente de posição.

Os operarios, os moços de scena, trazem e levam moveis, acendem e apagam projectores, correm em todas as direcções... E a par

desta actividade febril e muda — a quietação dos que aguardam ordens, já prontos para entrar em scena...

Os figurantes, os soldados razos da cinematografia formam grupo á parte; são muitos — são mais de duzentos. São tantos que não se conhecem entre si.

Sentados em longos bancos, fitam de iris acesa pela ambição, o trabalho e o triunfo dos que já venceram, dos *actores* para quem vão todas as atenções dos directores, que brilham como astros e cujo nome, pintado a todas as côres nos cartazes, conhece o sabor da gloria universal. E cada um dêles, querendo apreender no trabalho que estão vendo, o segredo da victoria, dizem baixinho para consigo mesmo:

— Tambem eu hei-de triunfar! tambem eu hei-de ser amanhã o que vocês são hoje... Oferecer-me hão grandes contractos; viverei como um principe; e a fama, estralejando da

Patagonia ao Japão tornar-me ha mais celebre do que o mais celebre dos heroes...

\*

\* \*

Retine uma campainha e todo o trabalho se suspende. A gente do *studio* corre para uma das portas e vejo então aparecer uma mulher, amparada por uma enfermeira, com o braço ao peito e a cabeça doirada, envolta em alvas faixas. E' Haid, a maior estrela da cinematografia alemã, a «Lucrecia Borgia»...

Pfitzer apresenta-m'a.

— Não pense que venho assim porque m'o ordenasse o director — disse-me ela, com um sorriso triste: Feri-me ontem, na scena do teatro. Mas não posso estar em casa. O medico afirmou-me que era uma imprudencia — mas eu prefiro o *studio*, com todos os seus perigos — ao lar, com todas as suas calmas...





# SEVILLA CITY

## La Primavera Inglesa

POR EL TERRIBLE PEREZ



Cañero falando com uma fidalga andalusa

COCK TAILL?

— No.

— Whisky?

— Yés.

— And soda?

— Yés.

Uma rapariga de oxígenado cabelo á «garçonne» deixa correr da «Black and White» para o copo, dois dedos dum liquido loiro como espiga madura e quebra-lhe o tom com um jacto de sifão. Com elegancia «blasée» ageita o largo «Borsalino», aperta o laço de seda do lenço «apache» e abre em compasso masculino as femininas pernas disfarçadas no «chantilly» com que monta á «califourchon». Do bolso «arriére» extrae uma caixa de «egipcios» e acendendo um, com estudado desenfado, lança uma nuvem

de azulado fumo á cara do bebedor de whisky. Este, com o nariz já irritado do ferver da sóda, espirra com insolencia e, tirando o lenço da algibeira do «jersey» de malha, assôa-se ruídosamente, ao tempo que agradece:

— Thank you.

São ambos andaluzes e morenos, espanhoes e cristãos, ainda que vistam como estrangeiros. oxigenem as cabeças, falem inglês e reverenciem o pastor da bela Duqueza de Sutherland.

E como eles os da mesma idade e nascimento que estão nesta e em todas as festas andaluzas e aristocraticas desta primavera de 1925.

Tuteiam-se todos, inclusivé os recém-apresentados.

— «¿Tu como te llamas para que te presente a este?»

— ¡Mary, bruto que no me sabes ni el nombre!

— ¡Chica, como teneis todas unos nombres tan raros!»

Dois homens vestem de «corte» andaluz, um é moreno, outro quasi louro e se não fôra o ar «campero» pareceria um Lord. São ambos toureiros.

Conochano chamou ao primeiro John Algaba e ao segundo Tono Cañero.



Um passeio real



## Europa

— Oye Pépe cuando vá ser la boda?

— Yo no me caso mientras no me entre el miedo a los toros.

— Si es por eso ya te podrías haver casado!...

Uma boquinha pintada de carmim e mimo pergunta, «melúsa» além da reja:

— ¿Y tu, Antonito?

— Yo nunca, aunque me entre el miedo a los toros.

Uma aristocratica inglesa, hospeda dos Duques de Alba no Palacio de «Las Dueñas», interroga outro toureiro que ela não conhece:

— ¿Y usted?

— Yo quando usted quiera.



Conde de la Maza, Duque d'Alba, Duquesa de Suntherland e D. Antonio Cañero

alegre tourearia-se bezerras por «parejas» de que fazem parte toureiros de habitos modernos e «señoritas» de titulos antigos. Uma condessinha quasi ingleza está tão confiada com as bezerras e dá-lhes tão pouca importancia, ao tourear «al alimon» com Cañero, que este exclama:

— Cuidado que éres valiente. ¿No te dá miedo?

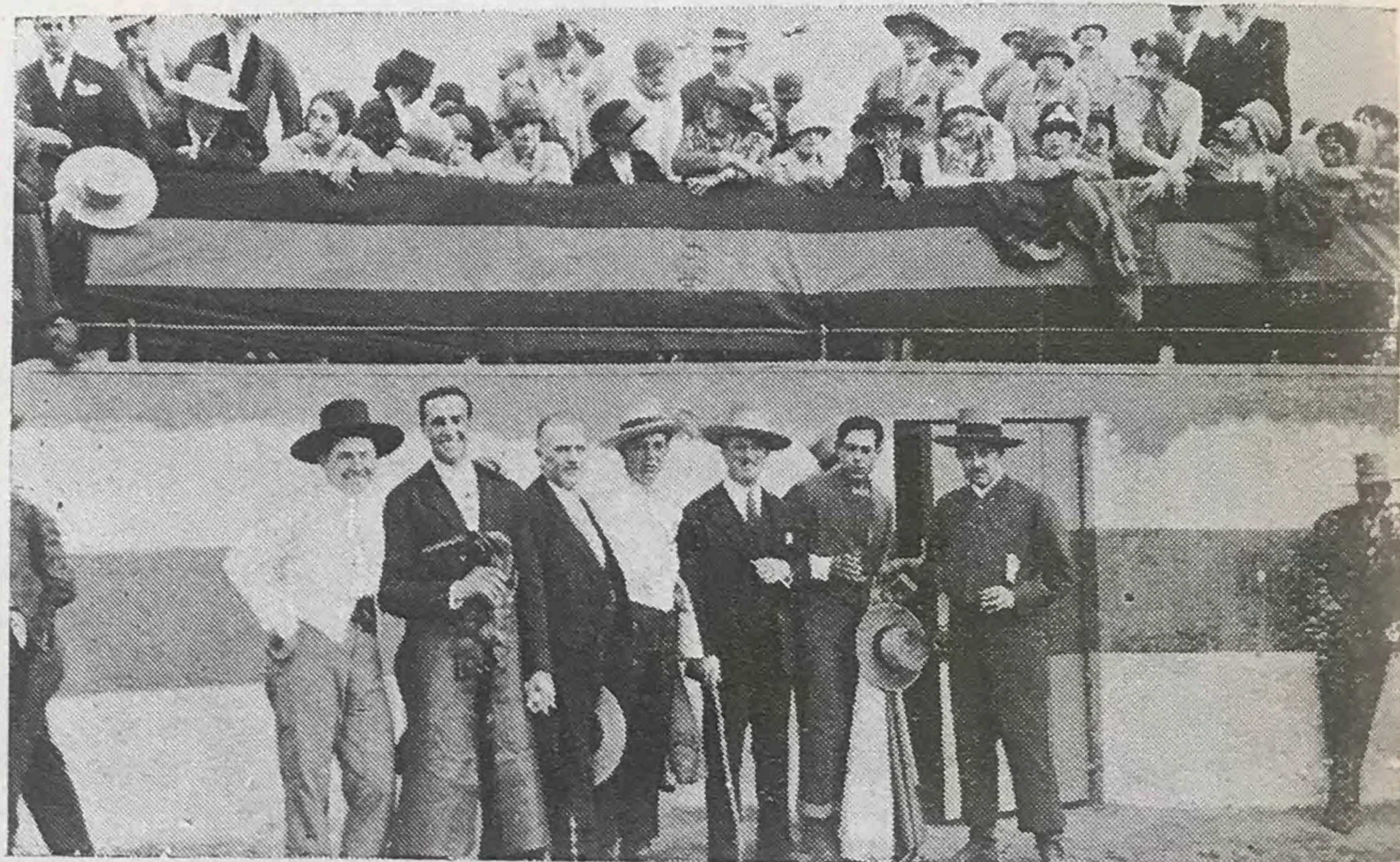
— ¡¿Miedo!? Eso para Chicuelo y para el niño de la Palma, de la Palma...

Rainha. As Infantas, que um dia deixarão, com principes estrangeiros esta terra de maravilha, são confiadas pela Rainha á maestria equi-

toria! Finda a festa, enquanto Perez de Gusman canta o seu «fandanguinho de Huelva, trez convidados»



Antonio Cañero junto da Rainha de Espanha e das Infantas



Cañero, Mejias, Algabeño e Conochano

E como lhe digam:

— Pero se ya estás casado.

Responde tranquilo:

— ¡Por eso!

— Shoking! exclama a ofendida Lady.

E as outras em côro, censurando:

— Que animal éres Inácio! Que cáfre!

Calam-se todas. Aproxima-se a Rainha com as duas Infantas. Uma tem a beleza materna, beleza inglesa, ouro, leite e morango. Outra é Bourbon pelo Pai e tem da Avó a energia austriaca. São as duas formosissimas mas não empalidecem a formosura da

tadora de Cañero. E os três cavalgam em torno das bezerras, que apartam uma a uma para derribarem em Real «Colléra». Numa plazita

se destacam absolutamente com ar da terra nesta terra inglezada.

Vestem de «córto» e cobrem as cabeças com «alas anchas». Bebem «Montilla» e escutam átentos o «cante» de Don José.

Emfim!... Aqui estão trez defensores da Andaluzia com toda a sua indumentaria, trez sevillanos com todos os vicios e qualidades. Aproximamo-nos com admiração. Assaltamos a ideia de os propormos ao ayuntamiento para a nomeação de *hijos dilectos*. Aproximamo-nos mais e escutamos. São ingleses! Ingleses de «verdad».



A condessa de Santoña toureando «al alimon» com Cañero

Sevilha — Primavera — 925

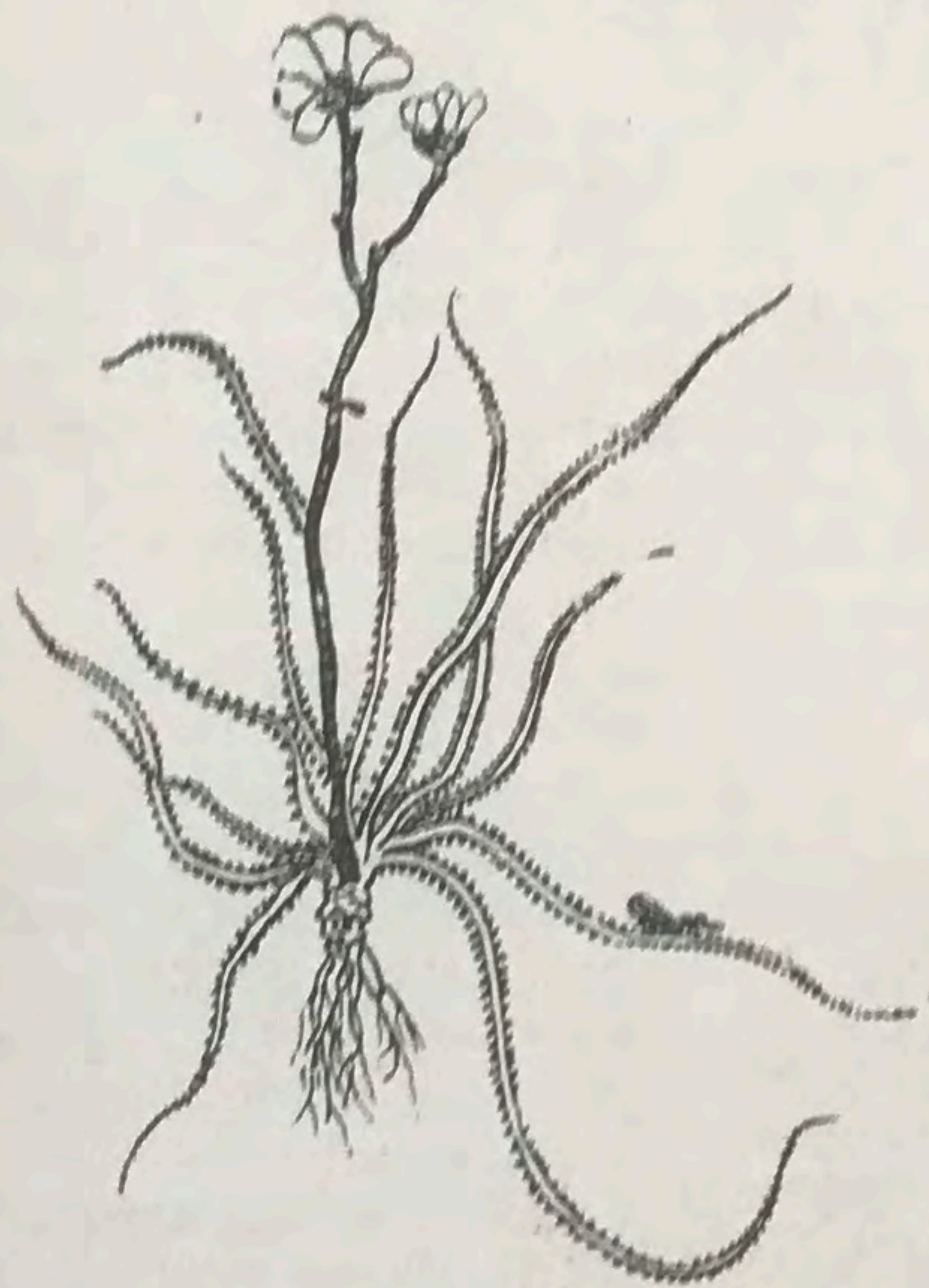


# PLANTAS CARNIVORAS

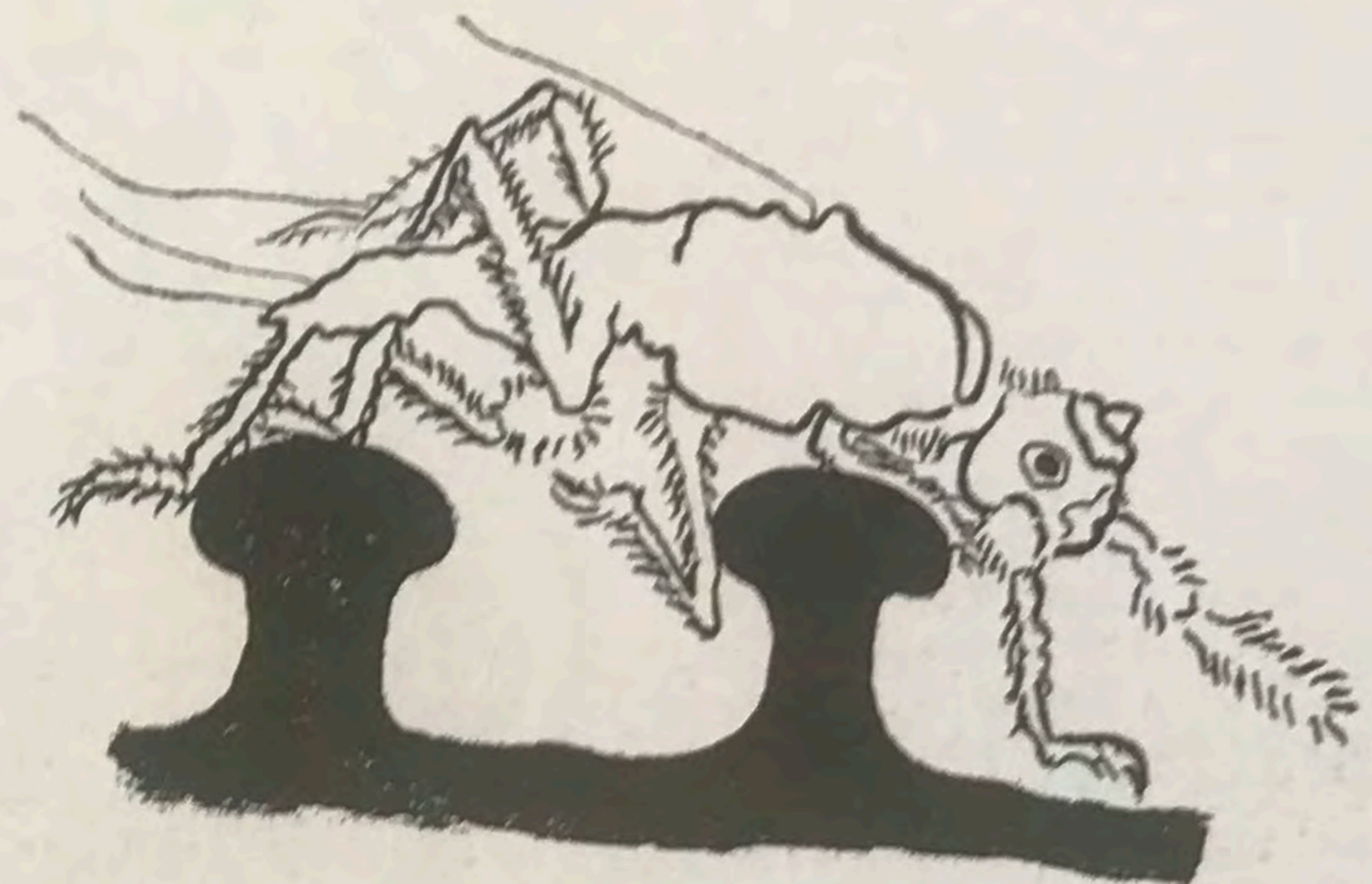
Como podem as plantas caçar os animais — Armadilhas e ratoeiras — Os sucos vegetais dissolvem os insectos para os ingerir — As plantas e a luta pela vida — O homem aproveita a aptidão carnívora das plantas no combate aos mosquitos

pelo dr. Luís Simões Raposo

Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa



Folhas filiformes cobertas de glandulas onde o insecto se prende (Drosophyllum)



Insecto preso nas glandulas da Drosophyllum

**H**ABITUAMO-NOS a considerar as plantas como organismos humildes cujas raízes vão modestamente recebendo da terra os alimentos indispensáveis para ir levando a vida e cujas folhas vão pedindo ao ar e ao sol o resto que lhes falta para nutrir-se. Os animais, pelo contrário, infinitamente mais perfeitos, são os senhores do mundo; tem a inteligência ou o instinto para torna-los soberanos. Que podem eles temer, na sua grandesa, do mesquinho poder dum arbusto rasteiro? E, entretanto, ha alguns — cerca de 400 espécies — que os enganam, que os aprisionam, que lhes dão a morte para tirar-lhes a carne, no fim da caçada, e alimentar-se com ela.

Foi Ellis, um inglês, quem descobriu na *Dionaea muscipula* a primeira planta carnívora. Depois dele, Roth, Wathley, Bartram, Burnett, Curtis, Diderot, uma multidão de observadores ou de filosofos, ocuparam-se do assunto, mas estava reservado para outro inglês; — o grande Darwin, o mérito de colocar definitivamente a questão no campo scientifico moderno.

O processo de atrair os insectos (são eles geralmente as vítimas), de aprisiona-los e de digeri-los, não é o mesmo em todas as plantas carnívoras; variam os artificios de especie para especie e nalguns casos a disposição é tão enghosa e apropriada que boa razão tinha o grave Lineu para se extasiar, por exemplo, perante a *Dionaea* e chamar-lhe um milagre da natureza.

Uma das disposições mais simples e rudimentares é a que apresenta uma das plantas portuguesas estudadas por França; o *Drosophyllum lusitanicum*. As suas folhas são alongadas, qua-

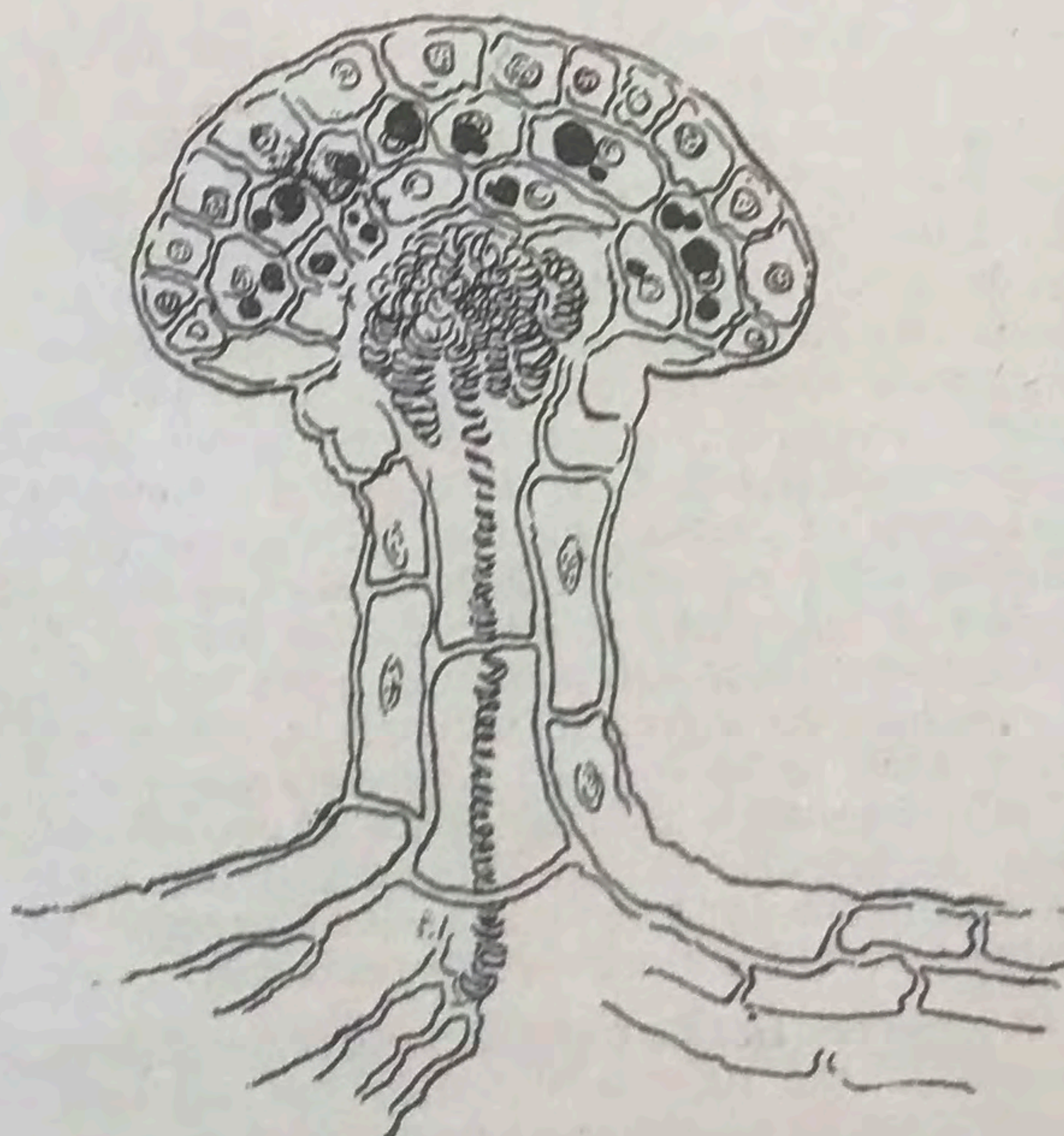
si filiformes; nos seus bordos implantam-se duas fiadas de saliências vermelhas que se destacam nitidamente da cor verde da folha ou do amarelo das flores. O insecto que se cativa do seu tom rubro e poise sobre elas está perdido; a saliência é uma glandula que segrega continuamente um liquido viscoso que prende o mosquito para sempre. Se ele se debate para fugir apenas consegue ficar prêsso nas glandulas vizinhas. A sua

presença provoca então a secreção dum fermento que o digere.

A *Pinguicula vulgaris* comporta-se dum modo mais activo. As suas folhas são largas e carnudas, com uma nervura central e cobertas de glandulas tão abundantes que chegam a contar-se mais de vinte mil por centimetro quadrado. Quando o insecto poisa na folha, o liquido viscoso segregado pelas glandulas prende-o, o animal debate-se, tenta fugir, mas a folha começa a enrolar-se, lentamente mas inexoravelmente, e acaba por envolvê-lo num abraço que dura 2 ou 3 dias: — o tempo bastante para que dele só reste, quando a folha se abre novamente, o esqueleto quitinoso que se não digere.

As folhas da *Dionaea muscipula* são mais aperfeçoadas. Podêmos considerar nelas duas porções, uma unida ao caule e outra terminal, ligadas por um pedicelo delgado que rodeia a nervura mediana. Apenas nos interessa a porção terminal da folha que é já um aparelho de caça. Em cada uma das suas duas metades, ou valvas, podêmos distinguir 2 zonas: uma que fica aos lados da nervura central e apresenta uns filamentos aguçados (pelos sensitivos); outra, externa, cujo bordo livre é denticulado.

As glandulas existentes na folha não segregam liquido algum enquanto não são excitadas pela presença do insecto; por isso, a superficie está normalmente secca e não é já pelo processo citado do liquido viscoso que o animal é caçado. Logo que se toque num pêlo sensitivo as duas metades da folha fecham-se como as paginas dum livro, mas não vagorosamente como na Pinguicula, Dez a trinta segundos bastam para que o insecto fique preso entre as duas metades



Glandula da Drosophyllum vista ao microscopio



da folha e para que os seus bordos denticulados se cruzem fechando por completo o aparelho valvar.

Se o toque dos pêlos sensitivos não foi feito por um animal ou por um pedaço de substancia digerivel, a folha abre-se passadas 24 horas, mas se ela retém um insecto, o encerramento prolonga-se por 8 dias e mais, até que a digestão esteja terminada.

As folhas da «*Drosera rotundifolia*» estão mais altamente diferenciadas; apresentam-se eriçadas de longos prolongamentos ou tentáculos cada um dos quais é terminado por uma dilatação constituída por uma glandula digestiva.

Estas glandulas segregam continuamente uma substancia viscosa que sobre elas forma uma gota que o sol faz brilhar. As dezenas de tentáculos de cada folha, todos erisados pelo reflexo do sol, atraem os insectos que vem poisar sobre eles. O liquido viscoso prende-os; se se debatem prendem-se mais ainda nos tentáculos vizinhos. Começa então a 2.<sup>a</sup> fase da imobilização: — os tentáculos dispostos em fiadas concentricas á volta do animal dobram-se e vem fixar sobre ele a sua extremidade glandular. Ao fim de poucas horas todos os tentáculos se dobraram e esconderam o insecto de que em 3 ou 4 dias já não restará senão o esqueleto quitinoso.

As *Nepenthes* ou a *Utricularia*, em lugar de tentáculos ou de valvas, apresentam recipientes em fórma de urnas ou ascídias, em cujo fundo se vão acumular os insectos, que uma vez lá entrados já de lá não podem sair. As urnas das *Nepenthes* são a parte terminal das suas folhas que nalgumas especies como na *Nepenthes Rajah* podem atingir meio metro de comprimento e um decimetro de largura. No interior de cada urna devemos considerar duas regiões de estrutura e função diferente. A região superior apresenta glandulas que segregam liquidos assucarados, que atraem os insectos, e prolongamentos ou pêlos cuja extremidade está voltada para o fundo da urna de modo a facilitar a entrada mas a dificultar a saída dos insectos. A região do fundo está cheia de glandulas digestivas que segregam continuamente, de modo que o fundo da urna contém sempre algum liquido acumulado capaz de digerir as albuminas, em certas condições de que adeante nos occuparemos.

A *Utricularia vulgaris*, é comum em Portugal e uma das especies estudadas por Carlos França. É uma planta aquatica que vive durante o inverno no fundo dos charcos e que sobe no verão até á superficie das aguas para erguer acima delas a haste das suas flores. As suas ascídias ou utrículos estão fixadas á planta, ou ás suas folhas por um pediculo e têm uma fórma



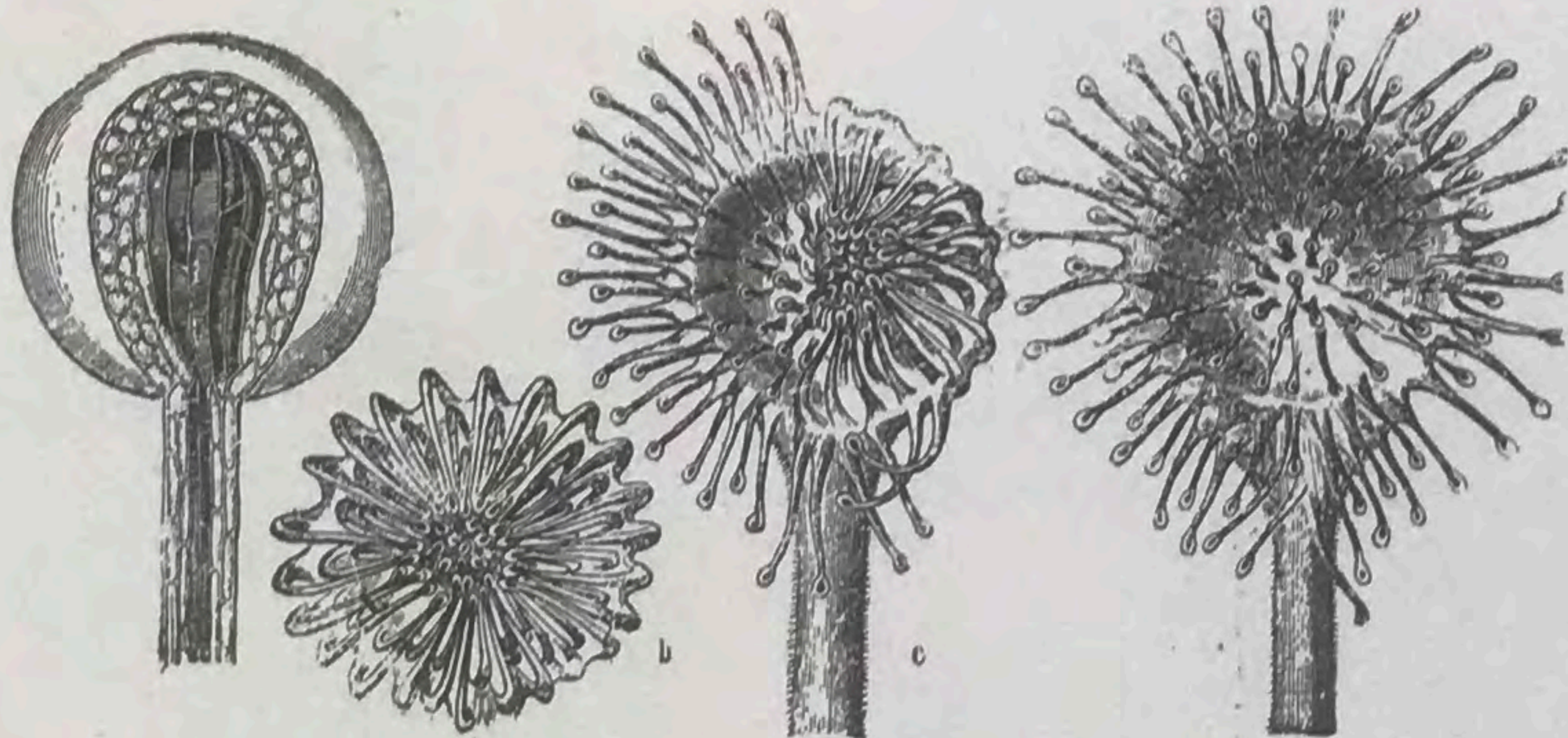
Folhas carnudas que se dobram sobre o insecto (*Pinguicula vulgaris*)

ovoide, cuja extremidade mais aguçada apresenta um orifício pequeno, obturado por uma tampa movel. Esta verdadeira porta abre-se de fóra para dentro mas não póde ser aberta de dentro para fóra do utrículo. Esta disposição explica porque os animais que tocam a tampa são capturados, porque ella se abre e se fecha rapidamente, não podem depois fugir do interior da prisão.

São estes os principais mecanismos de caça apresentados pelas plantas carnivoras. Se as folhas imoveis do *Drosophyllum*, sobre as quais se vêm colar os insectos, podem sugerir a hipótese duma coincidência, já não é lícito duvidar da função especialisada das valvas da *Drosera*, dos tentáculos, das ascídias da *Nepenthes* e dos utrículos da *Utricularia*, que são aparelhos evidentemente destinados á caça dos pequenos animais.

Esta constatação, já hoje insofismavel, levantou um certo numero de problemas do mais alto interesse biológico e dentre as quais destacamos as 2 seguintes: — são realmente as plantas que digerem os animais capturados? Absorvem as plantas carnivoras, os produtos de desintegração das albuminas animais? É util ou prejudicial essa absorção?

Darwin respondeu dum modo categoricamente afirmativo á primeira pergunta. As plantas carnivoras contém glandulas capazes de segregar um fermento dissolvente das albuminas que al-



Tentáculos da *Drosera*

a) glandula da extremidade de tentaculo — b e c) tentáculos dobrados sobre a presa — d) folha com os tentáculos abertos

guns autores compararam á pepsina do estomago, por só atuar em meio ácido, e outros consideraram identico á tripsina do suco pancreático, porque os produtos de desintegração das albuminas animais obtidos pelo fermento vegetal são identicos aos que se formam no duodeno. O proprio Darwin constatou, porém, que as urnas das utricularias não contém glandulas e eram incapazes de digerir os animais que capturam. Estes são, entretanto, geralmente destruidos e a questão tornava-se misteriosa quando depois dos trabalhos de Pasteur se pensou na possivel acção dos microbios como destruidores das albuminas dos insectos. Esta hipótese encontrou logo um excelente acolhimento porque a existencia de verdadeiras plantas carnivoras contrariava a sciencia oficial e até certa passagem Genesis bíblica. Tschutkin veiu dar-lhe uma importante base experimental pois verificou que o liquido extraído das ascídias de *Nepenthes* ainda não invadidas pelas bacterias, é incapaz de digerir as albuminas, mesmo em meio ácido e na estufa á temperatura ótima de 37,5°. Demonstrou mais ainda que o liquido contido nas ascídias abertas espontaneamente onde se verificam fenomenos de desintegração albuminoide, contém milhões de bacterias.

A questão ficaria definitivamente decidida se Clautrian não tivesse mostrado que nas urnas destacadas da planta, onde param portanto os fenomenos vitais de secreção, param igualmente

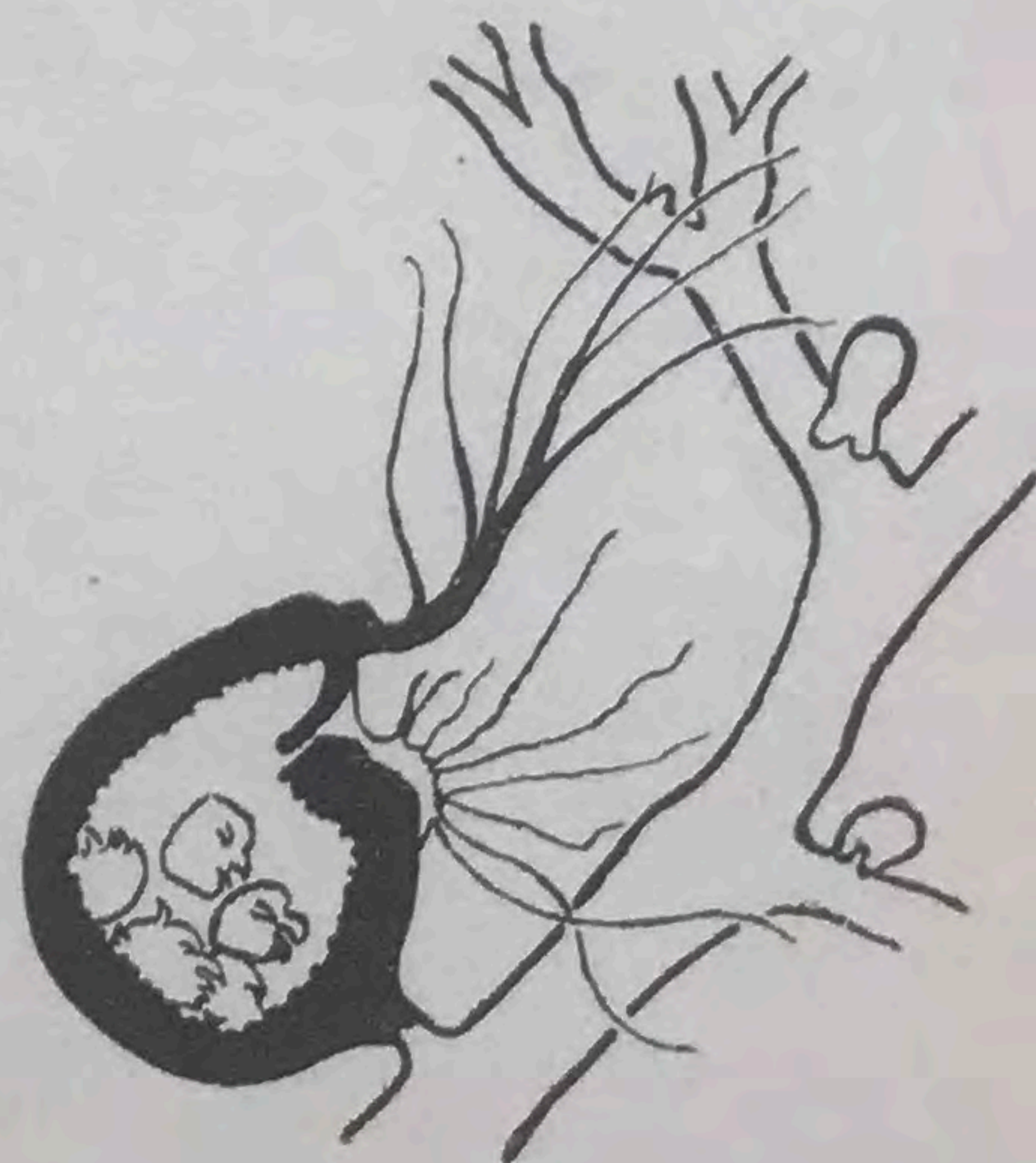
os fenomenos digestivos, o que não aconteceria se fossem provocados pelas bacterias. Dewère, se fossem provocados pelas bacterias. Dewère, verificou por sua vez, que o *Drosophyllum* segrega um liquido que, extraído da planta, é capaz de digerir as albuminas *in vitro*, apesar de não conter microbios o que reconheceu pelo exame microscópico e esterelidade das culturas, Carlos França demonstrou claramente nos seus estudos que na *Utricularia vulgaris* ha uma simples actividade microbiana, mas que no *Drosophyllum Lusitanicum* existem glandulas secretoras dum fermento digestivo, glandulas cuja estrutura e culo funcionamento observou isto logicamente ao microscópio. É esta posição eclética, já assumida, por exemplo, por Pfeffer, que é a verdadeira: ha plantas onde os insectos capturados são digeridos pelos sucos vegetais e e outras onde a desintegração das albuminas se opera devido á acção das bacterias.

Em qualquer dos casos as albuminas são reduzidas a peptonas ou a ácidos aminados mais simples ainda. Qual é o destino desses produtos? Vão ser absorvidos pela planta ou desaproveitados? Carlos França levou a cabo uma experiencia simples e concludente a este respeito. Fez viver alguns insectos durante dias seguidos em agua contendo lactato de ferro; retirou-os depois desse recipiente e levou-os para outro, onde viviam utricularias que os capturaram e digeriram.

Retirou então esta planta da agua e foi examinar as folhas que continham os utrículos onde tinham sido aprisionados os insectos. Como o ferrocianeto de potasio forma com o lactato de ferro um precipitado corado: o azul da Prussia; serviu-se desta substancia para verificar se a planta tinha absorvido produtos animais dissolvidos no seu utrículo e que estavam embebidos da lactato de ferro. Poude assim verificar a realidade da absorção e até quais os elementos celulares, a cargo dos quais estava essa absorção. Outras experiencias de Carlos França e de outros autores tem esclarecido completamente esta duvida, a ponto de Dubois, que combate a acção digestiva dos sucos vegetais, não duvidar do seu poder absorvente.

A ultima questão é a mais importante talvez, sob o ponto de vista filosofico. As plantas caçam, digerem e absorvem os produtos da desintegração dos animais para nutrir-se, ou são-lhe nocivas as proteínas que deste modo penetram dentro das plantas carnivoras? Em duas palavras: é o carnivorismo util ou nocivo?

Para Darwin era esta a questão fundamental e considerava o carnivorismo uma adaptação das plantas que não podiam retirar do solo todo o alimento e o procuravam nos animais que digeriam. As experiencias de Büsgen sobre a in-



Urna da *Utricularia* com o operculo



fluência da alimentação de insectos sobre o crescimento das plantas são concludentes. Em exemplares de *Drosera rotundifolia*, nascidas e criadas em igualdade de condições o numero medio de folhas por cada planta alimentada ou não com insectos era, respectivamente, de 10 e 4.

Francis Darwin (filho do grande naturalista) Büsgen, Kellermann, etc., insistiram na vantagem da alimentação albuminosa animal na produção das sementes; de Candolle, Pfeffer e outros acentuam, porém, que, embora util, a alimentação animal não é indispensavel ás plantas carnívoras, que podem viver sem ela.

Sucede, porém, que se tem observado que em certas plantas carnívoras as porções mais intensamente alimentadas com insectos morrem. E' o que succede, por exemplo, no *Drosophyllum*. Pelo contrario, na *Utricularia* as partes super-alimentadas prosperam. Se repararmos no conjunto deste artigo teremos a explicação da diferença e atingiremos a significação dos varios fenomenos: — as plantas onde é mais perfeito o aparelho de captura são aquelas em que faltam as glandulas ou onde elas não segregam liquidos

digestivos. (*Utricularia*, *Nepenthes*). Pelo contrario, no *Drosophyllum*, cujo aparelho de captura é rudimentar, as glandulas são muito desenvolvidas.

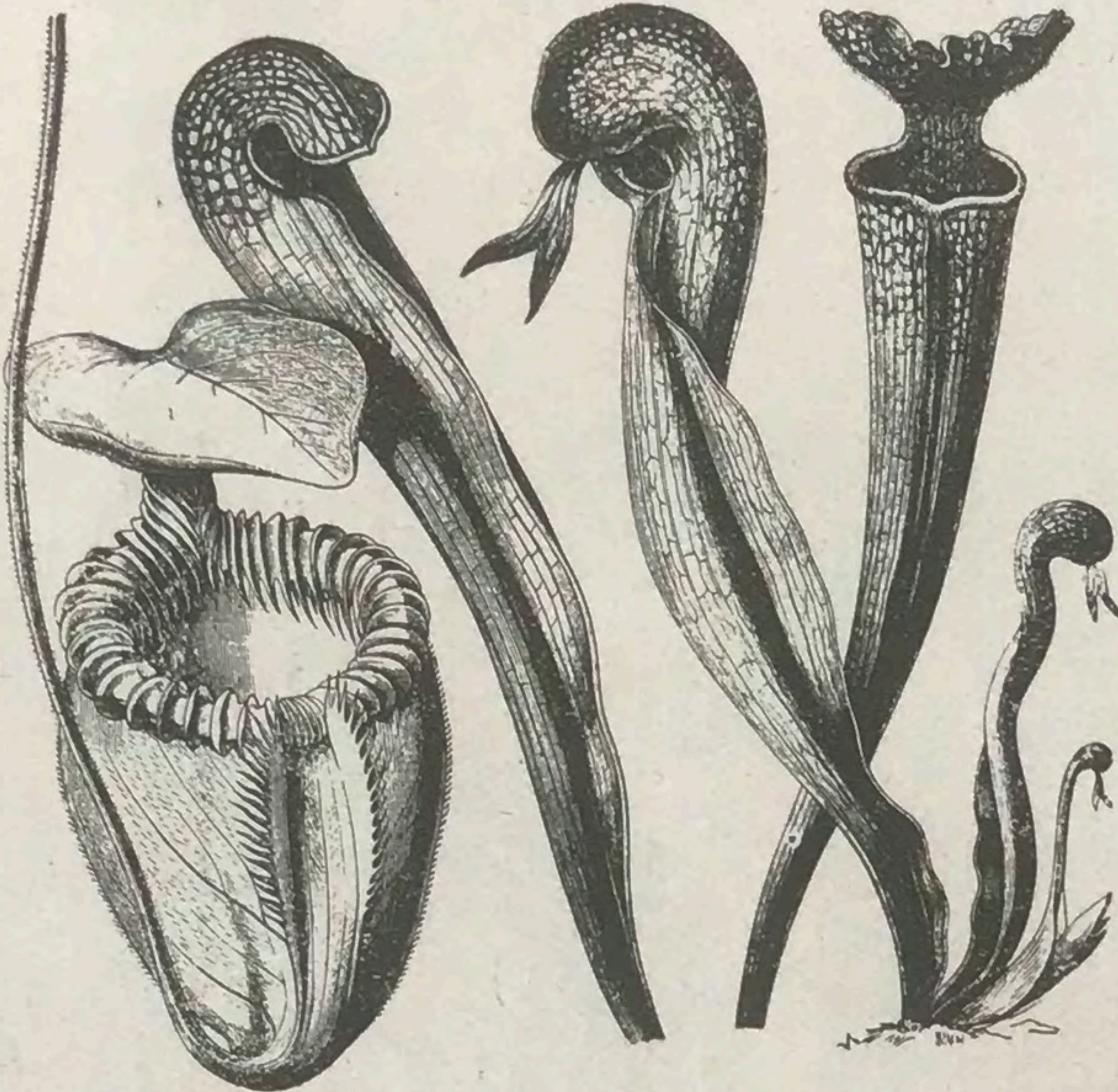
Ora o *Drosophyllum* super-alimentado com insectos morre porque a digestão pelos fermentos vegetais faz absorver á planta productos diversos dos quais alguns deveriam ser escretados e que, accumulando-se na planta, lhe são prejudiciaes. A *Utricularia* super-alimentada prospera porque a digestão microbiana é mais adequada

á assimilação de productos uteis ao desenvolvimento da planta.

A perda das glandulas e o aperfeiçoamento do aparelho captor são, pois, tanto uma como outro, dois modos de adaptação animal, para suprir as deficiencias do solo onde vive, pobre em azoto assimilavel.

A tese de Darwin ou o carnivorismo necessario é o producto duma adaptação que as condições da luta pela vida condicionam, continua, portanto, concorde com os estudos mais minuciosos e completos, apesar da discordancia de certos contraditores.

Lembraram-se os higienistas de aproveitar a aptidão caçadora das plantas carnívoras para o combate aos mosquitos que, como é sabido, inoculam as sezões pela picada. As especies mais utilizadas são as aquaticas, porque é nos pantanos que os mosquitos vão fazer a sua postura de ovos e onde crescem as suas larvas. As experiencias realizadas tem dado os melhores resultados, pois dentro das urnas, por exemplo, da *Utricularia* se encontram dezenas de larvas de mosquito.



Varios tipos de urnas e ascidias captoras

# COLARES BURJACAS

O VINHO DE MEZA

PREFERIDO

RUA NOVA DA TRINDADE, 126-132

LISBOA

Telefone N. 5435



# Venus... civilisa-se

**D**EIXEM-SE de cousas; Venus... pinta os olhos! Aquela maravilha da carne, aquela bela deusa da beleza,... aqui para nós que ninguém nos ouve, rapou as sobrancelhas. E usa o pescoço escanhado azulado da navalha aspera de mestre Figaro e riça os cabelos ao alto em penacho ou estende-o pelas faces em matacões de bravo do Mindêlo.

Não tenham duvidas, o Olimpo, civilisa-se, o Olympo evoluiu e quer ser d'hoje, muito d'hoje como certos falhados sem data nem época *avant la lettre* ou d'amanhã mesmo, de depois d'amanhã como todos os que não conseguem ser d'hoje. E' pena? Não é pena?... Não sei! Do Olimpo sereno, grave, pairando sobre as maravilhas terrenas como maior maravilha, de aquele Olimpo marmoreo e austero, todo em préguas hieraticas de tunicas e pudores quasi humanos encadernados a folha de parra, d'aquela Olimpo, eterno inspirador de escultores, pintamonos e poetas-sorvête, classicos, neo-classicos, parnasianos e tolos, nada resta, ou quasi nada. E digo quasi nada por que desconfio que Jupiter Tonante, apesar de ter vendido o o do apelido e comprado um u aberto em cautelas, conserva, no fundo, aquela mesma autoridade terrorificante de quando sobraçava raios aos molhos, de atalaia ás canalhadas cá de baixo e deve ter lá por algum canto da mala, de «maitre d'hotel» alguma *clâmide* diafana de quando era Zêus na Grécia e um ratão chamado Alcibiades, lhe pedia vénia para corciar rabos a cães de luxo, incensando-lhe as sandalias pregueadas, com a fumarada ácre de um borrego assado á caçadora.

Mas, digamos a verdade, o que pode representar essa *clâmide* reacionaria, mesmo suspeita, ante a evidencia dos factos?!... Não, não ha duvidas. O Olimpo foi trespassado para hotel e os seus divinos habitantes desceram á terra e... civilisaram-se. Pallas Athenaea, por exemplo, aquela circunspecta portadora de um capacete cégo de nascença e duma lança... perfumes raros e raros emblemas da sua sapiencia, zangada com uns abusos que se estavam cometendo com o seu nome em materia industrial, fazendo notas falsas a seu coberto e fazendo automoveis a descoberto, houve por bem evoluir. E o caso é que a vi ainda ontem. E' médica, higienista,

tem um olho um pouco vesgo detrás dos seus oculos de claraboia e obedecendo a atávicas impulsividades vae editar um livro arqui-pagão pela Portugalia. Mercurio, tambem tem frequentado os hospitaes e acumula, isto é, tem muitos empregos mas todos .. Adiante!... São convivencias indesejaveis e de força ..

Exposta ha mil anos a todos os olhares, aos beijos da luz, á caricia do manto de veludo da noute, tomara uma *pátine* cançada, de eternidade e já ninguém a olhava. Então, surratemente, a Deusa da Beleza imortal, despeitada pelo desprezo a que fora jogada, calçou umas tamanquinhas de marroquim vermelho, de tacão alto. E a curva planturosa da pentorrilha bojuda ergueuse, espirituou-se, elançou-se mais voluptuosa, e logo a seguir a coixa se nevrosou, adquirindo elasticidade, vibração, vida, sensualidade nova e inesperada. A adoração placida, indiferente dos ultimos pagãos, cresceu... a olhos vistos a Venus, contentissima, civilisouse mais, tapando mais o róseo desnudo da sua estátua maravilhosa. Então, á força de vontade, de esforço e de inteligencia, conseguiu resumir as pomas trementes do busto, até que se marcassem apenas sob o *crêpe da China* do vestido, as pontes erguidas, retadoras, desafiantes. A nuca, emerge-lhe agora, numa provocação dubia de hermafrodita, do casquete sem abas, escondendo os restos da sua frondosa juba que o Figaro respeitou. O vestido solto e coleante, modela agora um galbo novo, perverso e inquietante, a sua marcha antes serena e placida como a sua condição divina, é agora o esquisso dum bailado, ondeante, como seu quê de cobra, em espasmos lentos. As mãos palidas, transparentes, de pequenas garras côr de beijos, já não escondem, num gesto de pudor as corolas do seio e o mistério maximo da femilidade. Vão aos lados do corpo, quasi horizontais, angulo recto com os braços, numa *pose* que foge ao ondeante da dança pagã, para entrar decididamente na linha an-

quilosada das pinturas egipcias em caixotões de mumias. Não ha duvida; Venus civilisouse, toma chá e dança o «Shimmy» pensando em Chevalier. Fez bem? Fez mal? Não sei... Mas reparo agora. Hão de perguntar todos, intrigados, como eu conheci a Venus assim civilisada?!... Eu digo em toda a verdade. E' que... levava um cinto muito em baixo... mesmo muito em baixo... e aqui para nós... Venus modernisara-se mas não deixara de ser *Venus Calípigya!*



Viva! E Neptuno que foi ao Periplus!... Saudades da Terra! Saudades do Mar! Apolo, retirado do teatro que lhe deu o rome... casou! Casou com a Párca e faz versos funerários a umas mãos esguias, suavemente esguias e lentas. Tem perdido a sua cotação, a pouco e pouco. Receio bem que venha a dar em bailarino... mais ou menos florentino. Regressam ao tipo! E assim todos! — O Olimpo na verdade, civilisa-se! E teve razão Venus em ser a primeira, a mais avançada! A sua nudez radiosa, que o sol da Attica tornava diafana ao tocar os marmores palpitantes saídos dos dedos milagreiros de Fidias, já não interessava.



# O Riso no Cinema

E' das mais difíceis a arte de fazer rir, e esta dificuldade acentua-se cada vez mais no teatro, onde os trucs gastos e usados não conseguem arrancar ao publico exigente aquela gargalhada franca que coroava os esforços dos comediografos de ha trinta anos.

Parece á primeira vista que esta dificuldade se acentuaria assustadoramente no cinema desajudada da entoação comica da palavra, mas assim não succede. O film comico arrebatava hoje as plateias fazendo-as rir durante o longo percurso duma metragem de cinco e seis partes.

Porque? Porque o cinema inventou processos novos? Não! mas soube aplicar o velho sistema do anacronismo como uma amplitude

que só a sua extensão maravilhosa pode explicar.

Como dominar o riso ante um rei assirio, tremendo, feroz, cuja lança goteja ainda sangue dos olhos que arrancou aos prisioneiros, rodeado dos seus ministros, num magnifico palacio reconstituído a rigor e a quem trazem os presentes duma longinqua côrte vassala, se esses presentes forem... uma maquina de

escrever, um gramofone e... um chapéu de côco!...

Como sustentar a gargalhada ante a cuidada reconstituição do primeiro comboio, feita por Buston Keaton, apresentando ante os nossos olhos habituados á vertigem louca dos 100 á hora, umas pachorrentas carruagens de molas de berlinda, fazendo 18 á hora, com grande susto dos viajantes.

Tremenda lição do cinema comico, que se serve da eterna verdade de que o admiravel de hoje é risivel amanhã.

E' Keaton, o artista que melhor soube servir-se desta maneira. As suas reconstituições da vida americana, preciosas pela sua veracidade teem sempre o dom de nos fazer sorrir ante os *mais avançados progressos* dos nossos avós.

Retrocedendo mais longe no passado, Keaton dá-nos no seu ultimo film, de que reproduzimos duas scenas, um formidavel homem das cavernas... de barba feita, contraste inesperado e cujo comico é irresistivel, machado de sílex e maneiras de *boulevardier*, apetites canibalescos e cortezias versalhescas! E ante o anacronismo ironico, audacioso, o publico que fugiu do teatro, ri e aplaude a figura silenciosa que um feixe de luz desenha no ecran.

O riso do cinema é uma das mais notaveis victorias alcançadas pela actual arte do silencio, que daqui a alguns anos fará a seu turno sorrir de troça os possuidores do cinema, colorido, em relevo e falado...







## Alegoria dos pequenos profissionais

**S**ÃO os pequenos profissionais, aqueles que não formam classe, como que filhos bastardos, orfãos de todas as reivindicações e de todas as conquistas sociais.

Seus braços nunca se podem erguer numa atitude de protesto; seus braços ageis e afanosos só se podem curvar no ritual ao trabalho anônimo, do trabalho inglorio que lhes sorverá todas as energias, desde a infância á velhice.

Eles são os mais humildes entre os humildes e de sua bôca, onde a fatalidade apõe um selo de mudez, não se podem levantar esses anatemas que voam desde as tribunas dos comícios ou dos estrados das associações, até aos grandes auditorios convulsos pela rebeldia.

Eles são os unicos que não atemorizam ninguém, são os unicos que não conseguem, com seu destino, fazer meditar uma só cabeça...

Eles proprios ignoram a força da união e lá vão arrastando a vida, sempre, sempre, interminavelmente, até que a morte os recolha em seu negro palácio ..

Todavia esses pequenos profissionais, que a cidade quasi desconhece e com quem nunca se preocupa, formam legião — uma legião que seria pitoresca se não levasse todas os estigmas do sofrimento.

São os que amolam tesouras e navalhas e que concertam as louças, que mãos vacilantes

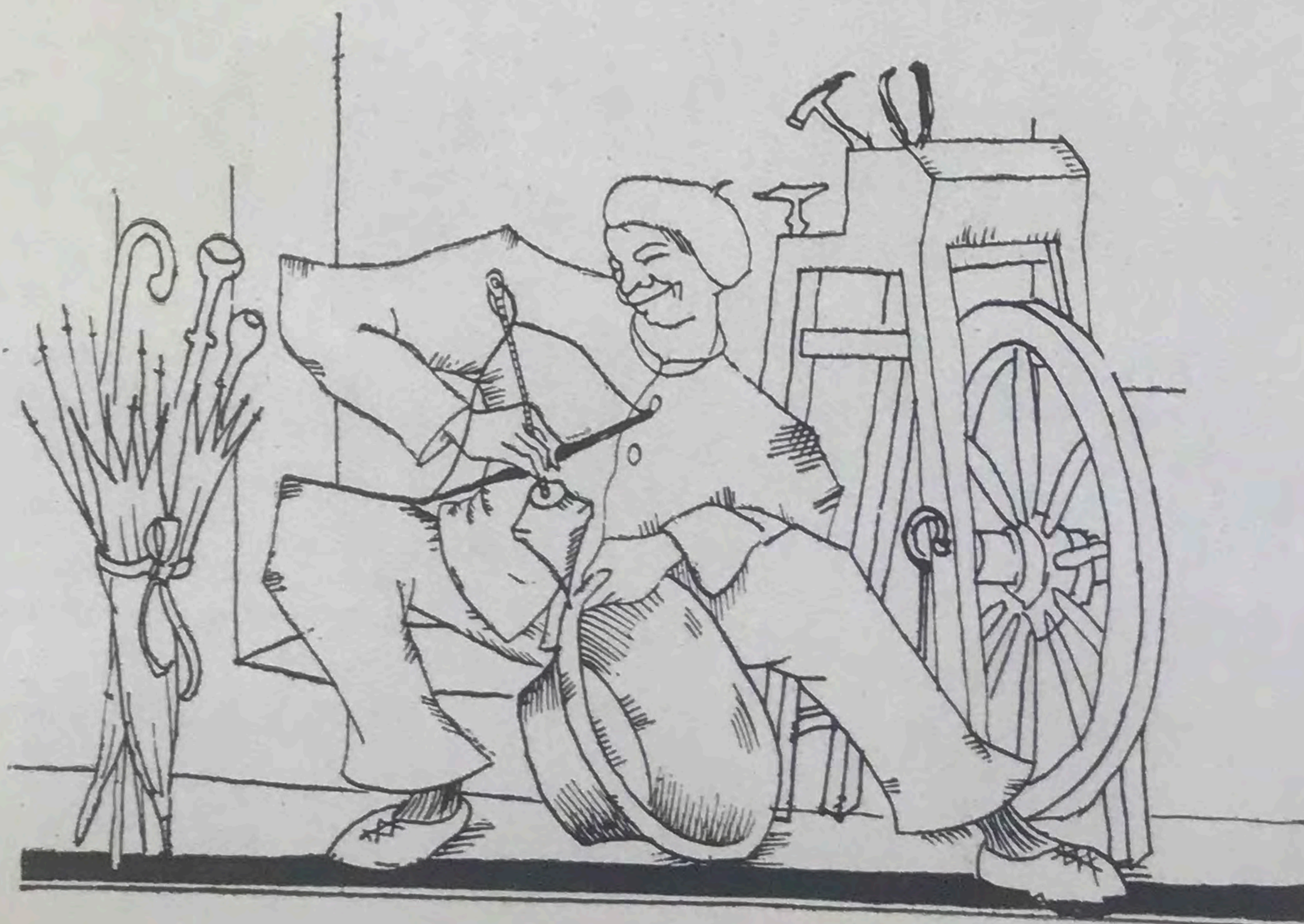
deixaram tombar no silencio do lar. Uma boina, as calças largas, bamboleantes, a blusa a apertar-se ao tronco—e nas costas um feixe de guardachuvas inuteis, uma caricatura ás flexas de Cupido... Outras vezes fazem rodar pelas estradas, pelo pó de todos os caminhos, um aparelho exotico, classico pela sua idade, futurista pelo seu aspecto — um aparelho que é instrumento de oficio, cosinha, dispensa e guarda-roupa, numa sintese estranha da vida ambulante. E eles ambulam sempre; seus pés trilham todo o país, vão gritando a profissão de aldeia a aldeia, de vila a vila — peregrinos do trabalho humilde, em cujos olhos palpita o aneio da Espa-

nha distante, a nostalgia do rincão anonimo onde nasceram. Seu berço é um misterio — seu futuro um enigma. Caminham sempre — almas errantes, que trazem, quiçá, o sangue dos ciganos, que levam, talvez, o anelo da distancia, da longitude infinita. Almas que a ninguem preocupam — que passam com seu destino e com seu grito profissional através das estradas loiras da provincia ..

Outro pequeno artifice, que vive na cidade e que a cidade desconhece, é esse que numa agua-furtada, junto aos telhados limosos ou numa cave, negra e suando humidade, como uma velha prisão, vai construindo esses brinquedos en-

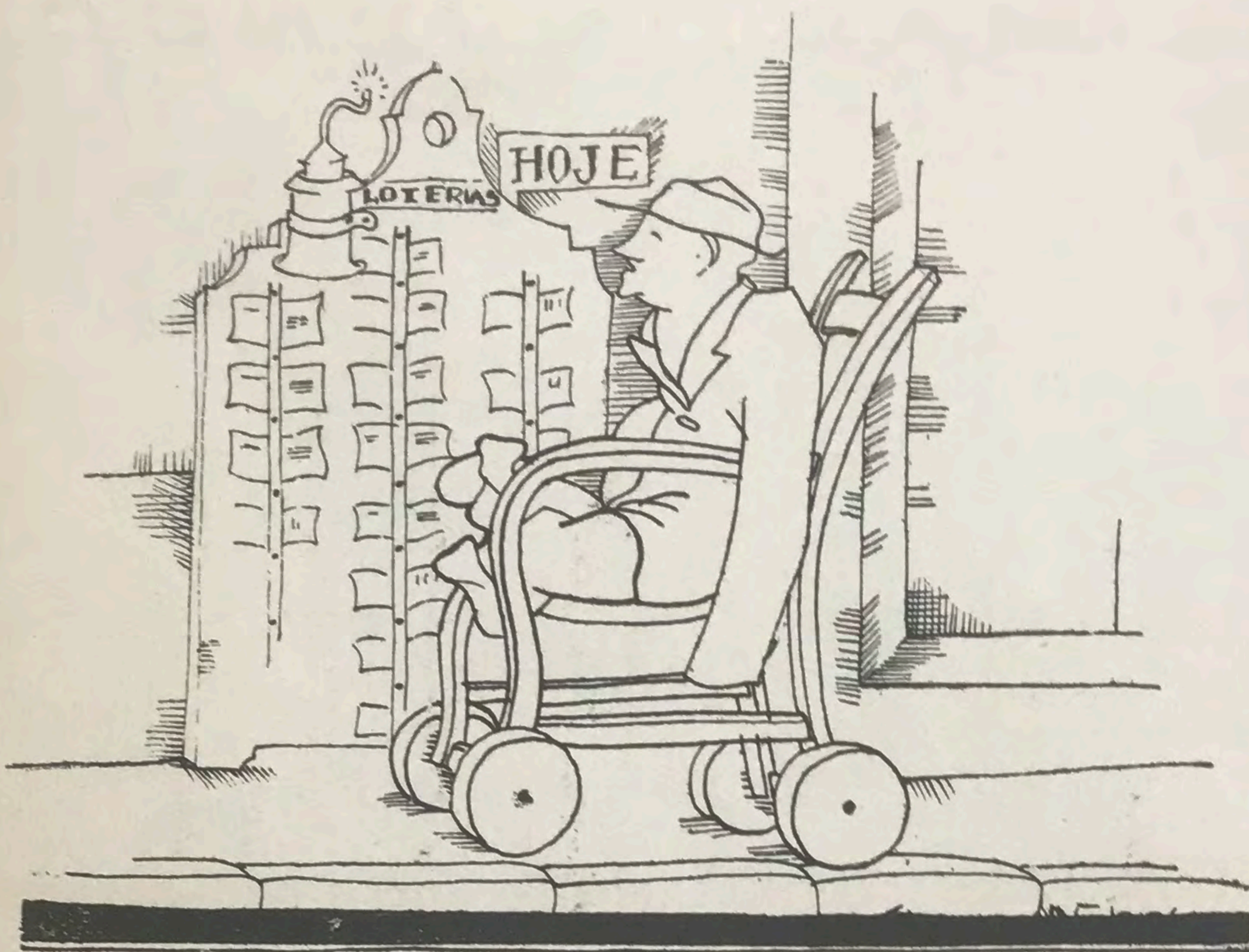
genhosos que se vendem livremente nos angulos das ruas. Entre destroços de madeira, de folha e arame, entre tintas e ferramentas, ele, inteligente, afanoso, vai inventando essas carochas policromas, esses passaros coloridos, que constituem o encanto dos petizes que não podem adquirir os brinquedos dos bazares. Tem um aspecto pueril, simples, esses brinquedos e, todavia quanta aplicação, quanto esforço dispendido até ao momento em que, puchados por uma linha eles correm pelo passeio, como se saíssem das nossas proprias calças...

A listas dos pequenos profissionais é longa e eu recorde agora essas novas filhas de Po-





mona, que aqui e ali, ás esquinas das ruas ignaras, se sentam junto aos cestos cheios de frutos e tomam uma atitude de velhas madonas. E podem ser edosas, lavradas já suas mãos pelas rugas, que em seu todo haverá sempre algo de georgico o evocar os proprios pomares onde se douraram as laranjas e enrubesceram as maçãs e onde os rouxinois fugidios veem desfolhar seus gorgeios. E sobre a linha da evocação baila agora perante mim uma figura da rua, que percorre os cafés da cidade, a oferecer violetas — uma figura arrancada a qualquer romance popular. Ha anos, com a recusa dos homens para as flôres, ela oferecia os labios, numa segredada promessa de volupias momentaneas. Mas a vida é inclemente e com as violetas murchou o corpo dessa mulher da rua — que persiste ainda, em sua precoce decadencia, já não a oferecer os tesouros gastos dos seus labios, mas sim as violetas, que tiveram um destino mais feliz, pois puderam renascer no inverno seguinte...



E esses outros, que o Moloch da Patria levou á guerra e que de lá vieram destroçados, amputadas as pernas, e que agora são apenas um tronco, uma cabeça, uma cadeira de rodas, um candieiro de carbureto e alguns bilhetes de loteria — a formar estranho quadro em qualquer

luta — e, comtudo, eles dariam um belo frizo para o templo gigantesco do Trabalho.

FERREIRA DE CASTRO

## AGUA SALUS

VIDAGO

A melhor das Aguas Alcalinas

SAONETES SALUS

Especifico da Pele fabricado com os saes da agua

Companhia Portuguesa das Aguas Salus

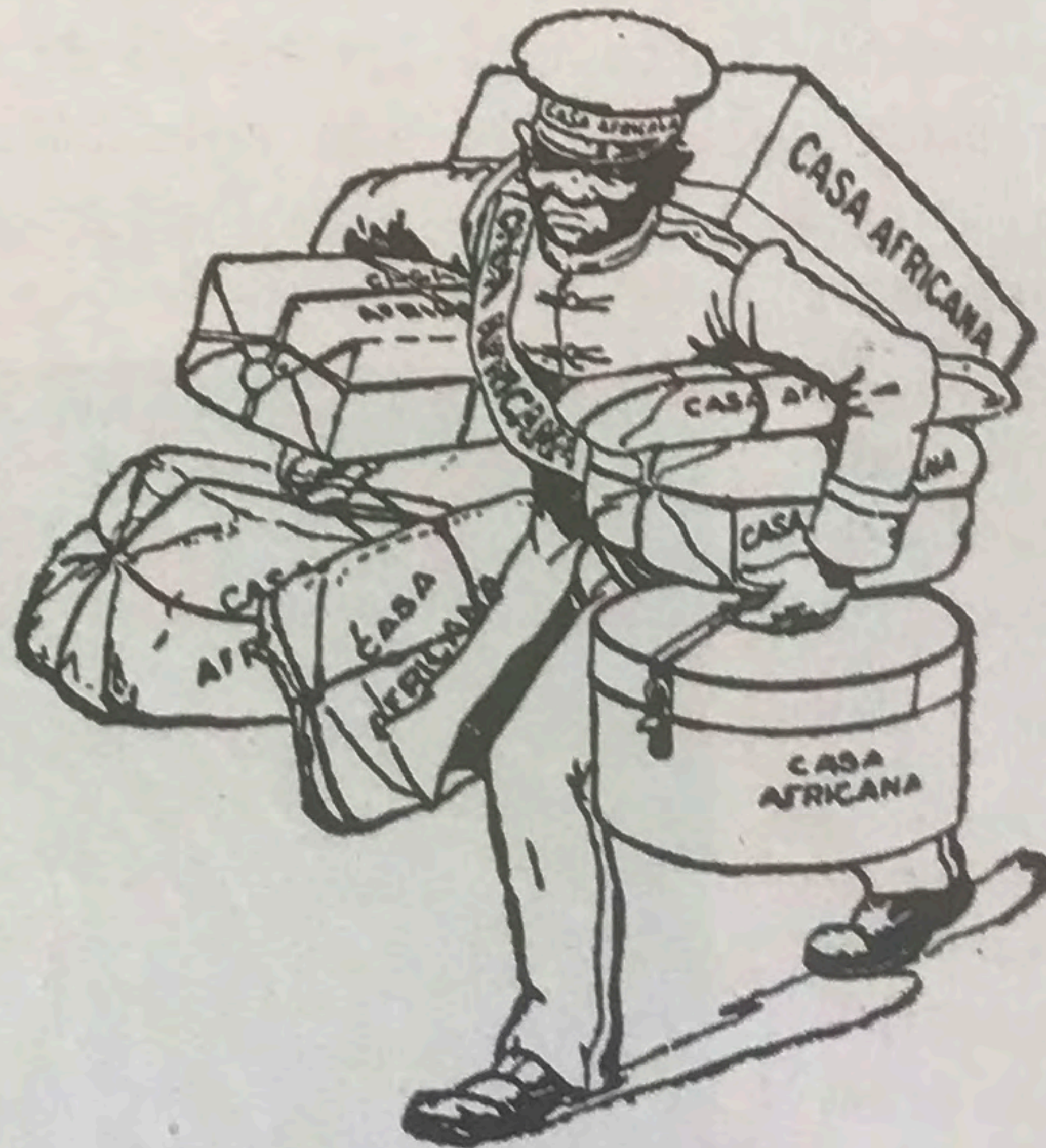
(Vidago)

Rua de S. Julião, 168 - Telef. G. 2688

(Edificio do Banco do Minho)

LISBOA

## Casa Africana



Séde:

R. Augusta, 161

LISBOA

Sucursal:

R. 31 de Janeiro, 220

PORTO

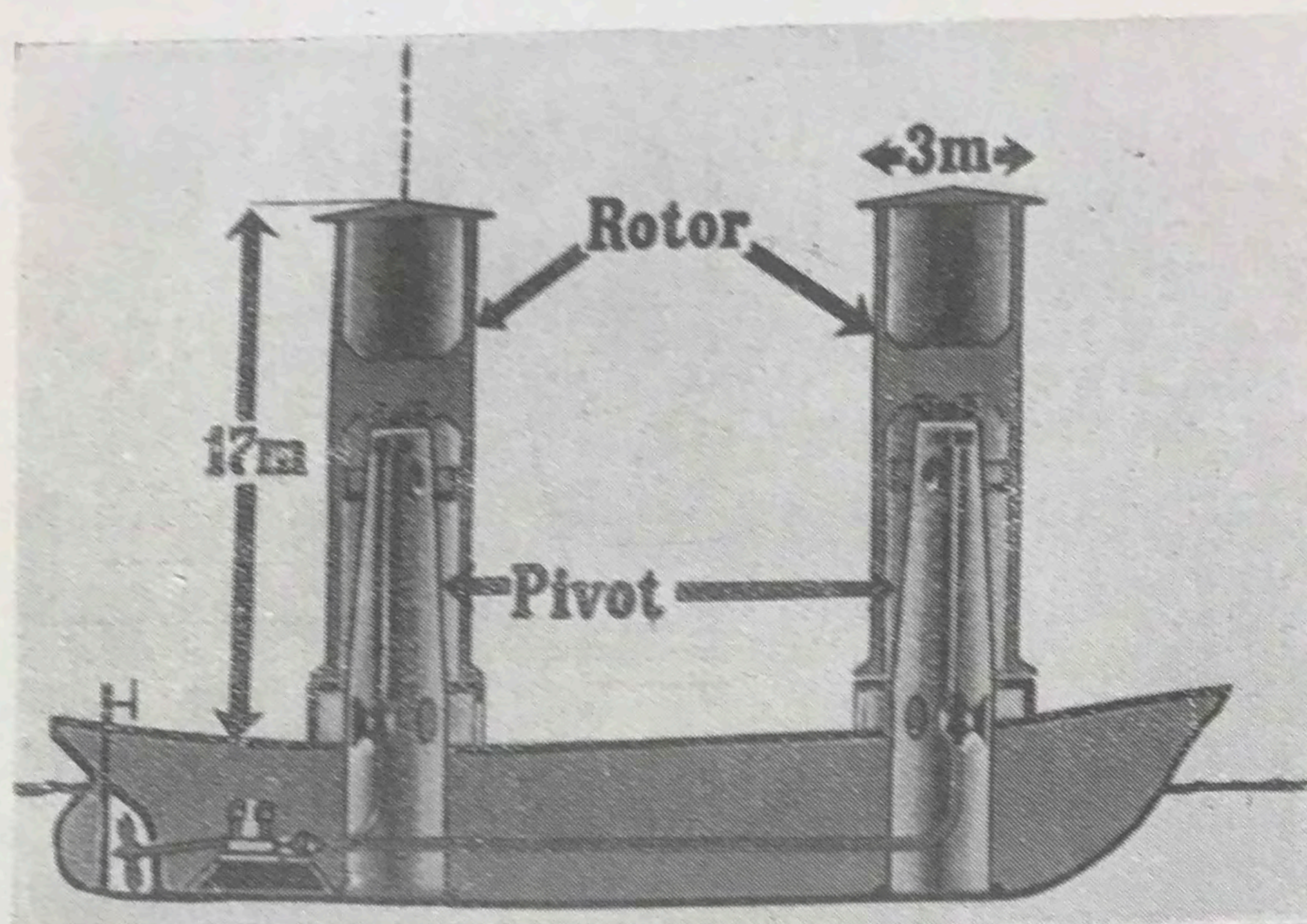
ESTAÇÃO DE VERÃO

Grande sortido em todos os artigos de alta novidade para Homem, Senhora e Criança, adquiridos recentemente nas principais capitães estrangeiras

PREÇOS SEM COMPETENCIA I

Freire da Cruz & C.ª





## UM NAVIO SEM VELAS NEM HELICE

Os estaleiros alemães acabam de lançar ao mar a embarcação representada na nossa gravura, inventada pelo engenheiro Flettner.

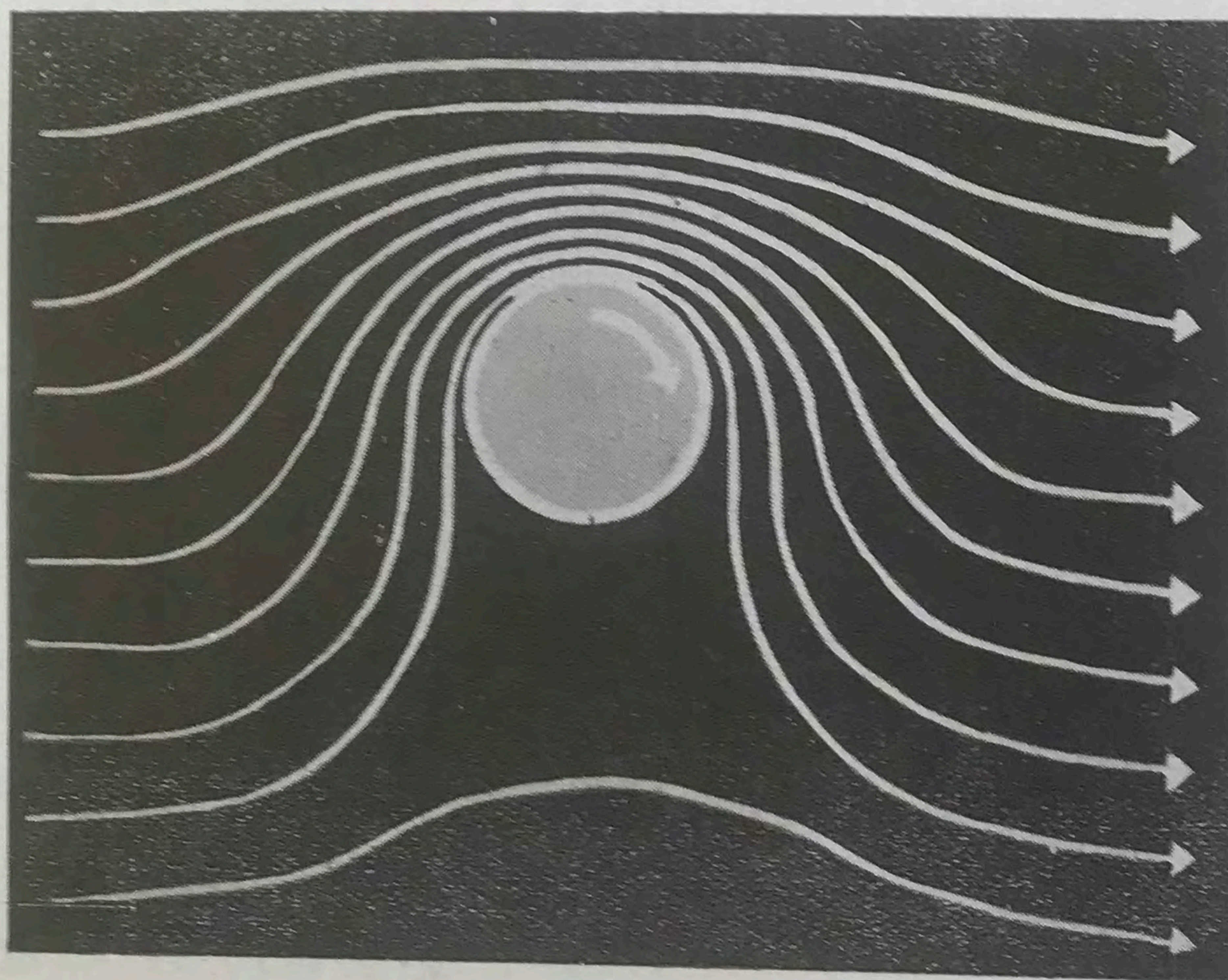
Como unico propulsor o barco está munido de dois grandes cilindros de metal, cujo movimento rotatorio, sob a acção do ar, imprime uma velocidade consideravel ao barco. Para mais facil compreensão do movimento do navio representamos na gravura inferior a acção do vento sobre um dos cilindros.

Esses cilindros são animados dum movimento rotatorio rapido sob a acção dum motor de fraca potencia. Pelo atito arrastam no seu movimento de rotação as moléculas de ar vizinhas e de camada em camada, uma manga de ar acompanha o movimento giratorio. Nas regiões proximas, a velocidade do vento é contraria á das

moléculas de ar. Resulta daí uma especie de choque que atrai e cria uma sobre-pressão. Pelo contrario, nas regiões afastadas, as velocidades do vento e da manga de ar somam-se, as moléculas são repelidas, e produz-se uma depressão. Destes dois fenomenos, resultam

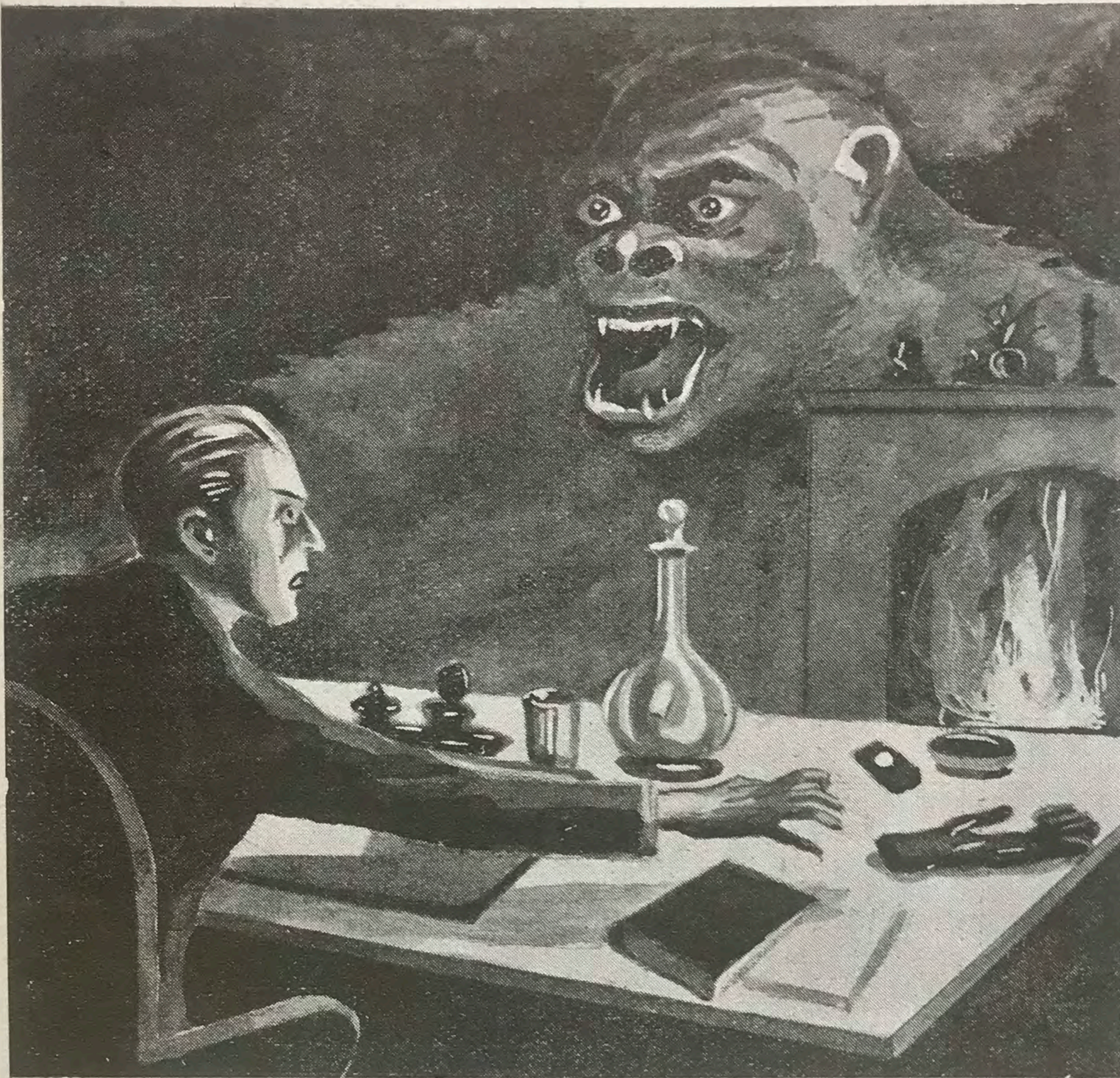
duas forças que podemos representar por  $OB$ ,  $O, B$ . Por outro lado, o vento atua sobre os proprios cilindros, como sobre todo o obstaculo colocado na sua passagem, originando duas forças  $OA$ ,  $O, A$ . Combinando as forças  $OB$ ,  $O, B$ ,  $OA$ ,  $O, A$ , obtem-se as forças resultantes

$OF$ , e  $O, F$ , suficientes para impelir o navio. Esta explicação sumaria mostra que a existencia de vento é necessaria para a propulsão do navio, porque os cilindros girando numa atmosfera calma não podem originar movimentos. Vê-se tambem que, fazendo variar a velocidade de rotação dos cilindros, pode-se modificar o valor das forças  $OB$ ,  $O, B$ , e consequentemente a direcção da resultante. E' assim possivel governar o navio com extrema facilidade, por meio de uma simples variação da velocidade dos cilindros.



Demonstração do efeito do vento sobre os Rotores





# A MÃO DO MACACO

NOVELA POR PASKER E JACOBS

**F**ÓRA, a noite está fria e humida, mas na pequena sala da *Laburnam Villa* as cortinas estão corridas e o fogo arde alegremente. O pai e o filho jogam o xadrez. O primeiro aventura o rei em situações tão perigosas, que provocam os comentários da velha senhora de cabelos brancos, que está sentada junto do lume, com o *crochet*.

— Ouves o vento? — disse mister White, que tendo descoberto, tarde de mais, um erro fatal, queria impedir que seu filho se aproveitasse dele.

— Oiço — respondeu este, sem levantar os olhos do taboleiro... Xequê!

— Custa-me crer que ele venha esta noite, continuou o pai, com o braço suspenso sobre o xadrez.

— Mate! respondeu o filho.

— É o resultado de se viver tão longe, queixou-se mister White com uma violencia tão subita como imprevisita — de todos os bairros lamacentos e afastados este é, certamente, o pior. A rua está um verdadeiro pantano. Ninguém quer saber disto. Como só ha duas casas habitadas no sitio não nos ligam importancia!

— Não te zangues, disse-lhe a esposa com doçura, has-de ganhar a proxima partida.

Mister White levantou a cabeça, ainda, a tempo de interceptar um olhar de cumplicidade entre a mãe e o filho; e dissimulou, na barba grisalha e rala, uma careta de mau humor.

— Ei-lo, disse Herbert White, ao ouvir bater o portão do jardim. Uns passos pesados dirigiram-se para a porta da casa.

White levantou-se com a'egria e saiu para o corredor, onde se ouviu interpelar amigavelmente o recémvindo.

A visita, porém, demorou-se tanto com a exposição do seu estado de saúde, que nos olhos de mistress White brilhava já um fulgor de indignação quando o marido entrou na sala seguido por um sujeito rubicundo de olhos salientes.

— O sargento-mór Morris, disse White, apresentando-o.

O sargento-mór apertou as mãos que se estenderam para ele e, sentando-se na poltrona que lhe ofereceram junto da chaminé, esperou pacientemente que o amigo tirasse do guarda-louça uma garrafa de whisky e copos, e collocasse sobre o lume uma pequena chaleira de cobre.

Ao terceiro copo, os olhos do sargento-mór tornaram-se mais brilhantes e começou a conversar. O pequeno circulo familiar olhava já com mais interesse o visitante chegado de longos países, que se acomodara na poltrona, narrando scenas selvagens e proesas espantosas.

— Já lá vão vinte e um anos, disse mister White, acenando á mulher ao filho; quando partiu do armazem era um garoto, olhem-no agora.

— Mas não parece ter sofrido muito, obtemperou amavelmente mistress White.

— Eu tambem desejava ter ido á India, conti-

nuou o marido... embora não fôsse mais do que para ver...

— Fez melhor em ter ficado, interrompeu o sargento-mór, abanando a cabeça.

Colocou o copo vasio sobre a mesa e suspirou, abanando novamente a cabeça.

— Gostava de ter visto os velhos templos, os faquires e tudo o mais, acrescentou White. A proposito, Morris que é que você me começou a contar, outro dia, ácerca duma mão de macaco?

— Nada, respondeu apressadamente o soldado. Isto é, nada de interessante.

— Uma mão de macaco? perguntou a curiosa mistress White.

— Sim... Naturalmente vão chamar a isto brucharia, explicou o sargento-mór, com um ar indiferente.

O pequeno auditorio inclinou-se, com curiosidade, para Morris, que levou aos labios, distraidamente, o copo vasio.

O dono da casa encheu-lho.

— A' vista, continuou o sargento, procurando nos bolsos, dir-se-ia uma pequena mão vulgar, resseca como a duma mumia.

Tirou, finalmente, da algibeira um objecto que mostrou. Mistress White recuou com uma careta, mas o fi ho pegou-lhe e examinou-a com curiosidade.

E que particularidade tem esta mão? perguntou Mrs. White, a quem Herbert a passara.



Um velho faquir, um santo homem, dotou-a com um poder magico, disse o sargento-mór. Desejava provar que o acaso preside aos destinos humanos, e que aqueles que o querem alterar, o fazem sempre em proprio prejuizo. Segundo este condão, três pessoas diferentes poderão, cada uma, ver realizados três desejos.

O tom de Morris era tão impressionante que a familia White sentiu que o seu riso soava falso.

— E porque, disse insidiosamente Hebert White, não formulou esses três desejos?

O soldado olhou-o com o ar que tomam as pessoas experimentadas em face da juventude presunçosa.

— Formulei-os, sim, respondeu em voz baixa.

E o seu rosto encarniçado empalideceu assustadoramente.

— E, realmente, os seus três pedidos foram satisfeitos? interrogou Mrs. White.

Foram, sim, respondeu o sargento-mór, cujos dentes bateram no bordo do copo.

— E já outra pessoa pôs á prova o poder deste talisman? insistiu ela.

— Sim... na primeira vez, um homem viu realizados os seus três desejos. Ignoro o que foram os dois primeiros, mas o terceiro invocava a morte. Foi, por isso, que me tornei dono desta mão.

A expressão da fisionomia de Morris era tão grave que um silencio pesado caiu sobre o grupo.

— Mas, visto que os seus três desejos se realizaram, esta mão já lhe não serve para nada, Morris, disse ao fim White. Para que é que você a conserva em seu poder?

O soldado abanou a cabeça.

— Nem sei bem porque, disse ele, lentamente. Tenho tido tentações de a vender, mas não consigo resolver-me a isso. Já causou bastantes desgraças! Além de que ninguem a quer comprar, consideram esta historia como uma invenção minha. Outras pessoas, que dão algum credito ao poder da mão, querem experimentá-lo antes da compra.

— Se ela ainda lhe podesse realizar três desejos, disse o dono da casa, você experimentava, Morris?

— Não sei... respondeu o outro, não sei.

Morris, segurando a mão do macaco entre dois dedos, balançou-a um momento e, subitamente, atirou-a para o lume.

Com um grito, White precipitou-se e tirou-a do braseiro.

— Morris, se já não precisa dela, dê-ma, retorquiu o dono da casa.

— E' melhor deixá-la arder, disse gravemente o sargento-mór.

— Não, respondeu o outro, com mau humor... eu deitei-a para o lume. Se ficar com ela, contra a minha vontade, não me acuse do que lhe possa acontecer. Vamos! Proceda como um homem sensato, torne a deitá-la para o fogo.

White, examinando o objecto, respondeu negativamente com a cabeça.

— Como é que se procede?, perguntou após uns minutos de silencio.

— Pegue-lhe com a mão direita, explicou o sargento-mór, e pronuncie em voz alta o seu pedido... Mas já o preveni contra as consequências.

— Parece-me um conto das *Mil e uma noites*, disse Mrs. White, levantando-se para preparar o jantar. Não te parece, disse ela, dirigindo-se ao marido, que devias pedir que me nascessem quatro pares de mãos?

White tirou o talisman do bolso e os três soltaram uma gargalhada, mas o sargento-mór, com o rosto alarmado, segurou o braço do amigo.

— Se fizer algum pedido, disse ele, rispidamente, ao menos que seja alguma coisa sensata.

Mr. White meteu a mão do macaco no bolso, e dispondo as cadeiras, conduziu o hospede para a mesa.

Durante o jantar, esqueceu-se quasi o talisman; depois da refeição, os White ouviram uma

segunda narrativa das aventuras de Morris nas Indias.

— Se o conto da mão do macaco é tão verdadeiro como estes, disse Herbert, no momento em que a porta se fechava sobre o convidado, não será grande a utilidade deste objecto.

— Deste-lhe alguma coisa em troca? perguntou Mrs. White olhando, fixamente, para o marido.

— Uma bagatela, respondeu este, corando fortemente. Ele não queria aceitar, mas obriguei-o... Insistiu, novamente, comigo para me desfazer do talisman.

— Compreendo, disse Herbert com um horror simulado. Estamos em vespuras de sermos ricos, celebres e felizes. De começo, pai, pede para seres feito imperador, que á a melhor maneira de escapares á tirania da mãe.

E Herbert fugiu em torno da mesa, perseguido pela mãe que vendo-se difamada, procurava vingar-se com a cobertura da poltrona.

Mr. White pegou na mão do macaco e examinou com um olhar indeciso.

— O facto é, disse elle lentamente, que não sei que hei-de pedir. Parece-me que possuo tudo quanto preciso.

— Se liquidasses o preço da nossa casa, não serias completamente feliz? perguntou Herbert, pousando a mão no ombro do pai. Pede duzentas libras, que é quanto falta pagar.

O pai, sorrindo ante a sua propria credulidade, levantou o talisman, enquanto o filho se sentava ao piano, com ar solene, dedilhando uns acordes graves.

— Desejo possuir duzentas libras, pronunciou distintamente o velho White.

Um forte tremolo saudou estas palavras; mas um grito agudo do velho interrompeu a musica. A mulher e o filho correram para elle.

— A mão mexeu! estertou White, deitando um olhar de repulsa para o objecto que deixara cair no solo. Enquanto eu formulava o pedido estorceu-se na minha mão, como uma serpente.

O peor é que não vejo o dinheiro, disse Herbert, apanhando o talisman, e parece-me que nunca o veremos.

— Parece-te que a mão mexeu? — perguntou Mrs. White olhando para o marido com inquietação.

O velho abanou a cabeça, negativamente.

— Emfim, pouco importa... Mas, sempre apanhei um choque! Sentaram-se junto do fogo e os dois homens acabaram de fumar os cachimbos. Fóra, o vento soprava com mais força do que nunca. Ao ouvir bater uma porta, no andar superior, White teve um sobressalto nervoso. Um silencio estranho e angustiante, reinou no salão até ao momento que os velhos se foram deitar.

— Espero que encontres, na cama, as libras metidas num sacco, disse Herbert ao despedir-se dos pais, e que um bicharoco horrivel, empoleirado na cimalha do guarda-fato te contemple ao embolsares esse dinheiro mal ganho;

Herbert ficou só na obscuridade, com os olhos fixos no lume aspirante, onde se desenhava uma sarabanda de figuras fantasticas. Uma delas era tão horrorosa e tão simiesca que o apavorou. Pareceu animar-se a tal ponto que com um riso contrafeito, estendeu o braço em busca dum copo para lhe atirar mas, apenas encontrou a mão do macaco, e com um estremecimento esfregou os dedos no fato e subiu para o quarto.

\* \* \*

Na manhã do dia seguinte, á luz do sol de inverno que punha milhares de pontos igneos nos cristais da mesa, Herbert riu dos seus terrores da vespera. O aposento apresentava um ar de prosaica tranquillidade que lhe faltava na noite precedente. Tinham posto a um canto da estante a pequena mão, negra e enrugada, num aban-

dono que indicava a pouca fé que tinham no seu poder.

— Todos estes velhos soldados se parecem, disse Mrs. White. Que disparate dar ouvidos a semelhantes absurdos! Como é que na nossa epoca se realisariam milagres? E se o pedido fosse satisfeito como é que as duzentas libras te poderiam fazer mal?

— Caindo-lhe do ceu sobre a cabeça, por exemplo, disse rindo Herbert.

— Morris afirmou-me que as coisas acontecem duma maneira tão natural, explicou White, que se pode attribuir o acontecimento a uma simples coincidência.

— Não gastes o dinheiro antes de eu voltar, recomendou irónicamente, Herbert ao levantar-se da mesa...

Mrs. White, sorriu e acompanhou o filho até á porta, onde ficou, seguindo-o com o olhar, enquanto ele descia a rua; depois sentando-se junto ao marido troçou da credulidade deste, o que não a impediu de correr á porta, quando se ouviu a campainhada do carteiro.

Ao ver que a correspondencia se limitava a uma factura do alfaiate, indignou-se contra os habitos de intemperança proprios dos velhos sargentos do exercito da India.

— Calculo, já, a troca que Herbert fará quando voltar, disse Mrs. White retomando o trabalho.

— E' mais que certo, suspirou o marido, bebendo uma golada de cerveja... mas, apesar de tudo, aquilo mexeu-se na minha mão... sou capaz de o jurar.

— Parece-te, disse-lhe a mulher para o socegar.

— Garanto-te que mexeu, respondeu o velho... não foi imaginação; mal eu tinha... Que é?

Mrs. White não respondeu. Espreitava pela janela os movimentos misteriosos dum desconhecido, que indeciso, olhava para a casa, sem se decidir a entrar.

Com o espirito sempre preocupado com as duzentas libras, a velhota notou que o individuo trazia um chapéu novo. Tres vezes o desconhecido se aproximara da grade do jardim e se detivera hesitante. A' quarta vez fez girar, resolutamente, o puxador do portão e entrou na alea do jardim. Mrs. White desatou, rapidamente as fitas do avental e escondeu-o debaixo duma almofada da poltrona.

Depois introduziu no salão o visitante, que parecia estar pouco á vontade. Olhou furtivamente para Mrs. White, ouvindo com ar preocupado as desculpas que ela balbuciava por causa do desarranjo do aposento e da apresentação do marido que ainda tinha o casaco da jardinagem.

Depois esperou pacientemente que o desconhecido indicasse o fim da sua visita, mas este ficou durante muito tempo silencioso.

— Eu... encarregaram-me de vir, disse finalmente... Venho da parte dos senhores Maw e Maggins.

Mrs. White estremeceu.

— Que ha? Perguntou com a voz alterada. Aconteceu alguma coisa a Herbert? Que foi?

O marido interpoz-se.

Bem, bem, senta-te. Não te precipites em tirar conclusões... Não nos traz más noticias, não é verdade? E examinou, anciosamente, o recém-vindo.

— Lastimo... começou o visitante.

— Está ferido? Gritou a mãe.

O homem inclinou-se em signal de assentimento.

— Horrrosamente, disse com lentidão... ao menos não sofre.

— Obrigada! Meu Deus! exclamou a mãe, pondo as mãos, obrigada, meu Deus!

Mas, deteve-se subitamente, ao penetrar-lhe no cerebro a sinistra significação das palavras do mensageiro, e leu a sua confirmação no rosto perturbado daquele.

Mrs. White retomou a respiração, e voltando-se para o marido, mais lento em comprehender,



colocou-lhe sobre o ombro a mão descarnada e tremula.

— Foi apanhado numa engrenagem, disse ao cabo o visitante em voz baixa.

— Apanhado numa engrenagem, repetiu o pai, com um ar inexpressivo... mas...

O seu olhar atonito dirigiu-se á janela, depois agarrou na mão da mulher e apertou-a, como no tempo em que eram noivos.

— Só tinhamos esse filho, disse ao visitante. É um golpe tão cruel.

O outro tossiu e levantou-se, dirigindo-se lentamente á janela.

— A casa, disse ele, sem olhar em volta, encarregou-me de lhes apresentar os seus sentimentos por esta desgraça.

Os velhos não lhe responderam. A mãe, livida, mal parecia respirar, fitando o olhar dementado num ponto vago; o rosto do pai espelhava a expressão, que devia ter tido o sargento-mór na sua primeira batalha.

— Devo ainda dizer-lhes, continuou o mensageiro, que os srs. Maw e Maggins declinam toda e qualquer responsabilidade. Mas em consideração pelos serviços prestadas por vosso filho, desejam oferecer-lhes, a titulo de compensação, a quantia...

White largou a mãe da mulher e, erguendo-se a toda a altura, encarou o desconhecido com terror.

— Quanto?

— Duzentas libras, foi a resposta.

Sem ouvir o grito de Mrs. White, o velho agitou as mãos como uma criatura, subitamente, atingida pela cegueira e semelhante a uma massa inerte rolou no sobrado.

\*

\* \*

No cemiterio novo, distante um par de milhas, os velhos enterraram o seu querido morto, e voltaram para a casa, agora, cheia de sombra e silencio. Tudo se passara tão rapidamente, que sem quererem ver a verdade ficaram na expectativa, como se alguma coisa se fôsse produzir — uma coisa que aliviasse aquele fardo, demasiadamente pesado, para os seus velhos ombros.

Mas os dias passaram e a expectativa cedeu o lugar á resignação — resignação sem esperança, apanagio dos velhos, a que erradamente chamam apatia.

A's vezes trocavam algumas palavras breves, porque já não tinham nada que dizer, e os dias escoavam-se para eles num aborrecimento mortal.

Foi uma semana depois do fatal acontecimento. Nessa noite, White acordou bruscamente, estendeu a mão e sentiu-se só no leito.

Uma treva profunda envolvia o quarto; do lado da janela vinham uns soluços abafados, White ergueu-se no leito e escutou.

— Vem deitar-te, disse ternamente, estás a apanhar frio

— Mais frio tem o meu fiiho, respondeu a mãe, redobrando de soluços.

O ruido do choro desvaneceu-se insensivelmente nos ouvidos de White. O leito estava

quente e êle sentia os olhos pesados. Caiu num sono agitado até que um grito agudo o acordou em sobresalto.

— A mão! gritava a mulher. A mão do macaco!

White, alarmado, ergueu-se.

— Onde? .. Onde está ela... Que succedeu? Mrs. White dirigiu-se para êle, tropeçando.

— Quero-a, disse com voz tranquila. Não a destruiste?

— Está na sala, em cima da estante, respondeu o marido estupefacto? Porquê?

A velha chorava e ria ao mesmo tempo.

— Só agora é que me lembrei, disse febril-

White voltou-se para a olhar melhor e murmurou com a voz abafada.

— Morreu ha já dez dias, e alem disso, êle... não te posso dizer... mas eu só o reconheci pelo fato... E se tu não o poderes encarar sem terror?

— Fal-o voltar, vociferou a mãe... Julgas que terei medo do filho das minhas entranhas?

E empurrou o marido para a porta.

White desceu ao rez-do-chão e na obscuridade dirigiu-se a custo atravez da sala, até à estante. O talisman estava no seu lugar. Um medo horrível apoderou-se de White. Se lhe aparecessem os restos mutilados do filho, ressuscitado pelo

pedido ainda não formulado, antes dêle poder sair da sala! O sangue gelou-se-lhe nas veias, quando notou que não era capaz de atinar com a porta. Com a fronte banhada em suor frio, contornou a mesa e deslisou ao longo da parede até ao corredor. Levava na mão o objecto maldito.

\* \*

Quando entrou no quarto tudo lhe pareceu mudado — até mesmo o rosto da mulher. Pareceu-lhe livido e devorado de ansiedade. Com grande emoção, descobriu-lhe uma expressão estranha. Meteu-lhe medo.

— *Pede!* ordenou ela com voz forte.

— E' uma loucura e um crime! Murmurou o velho.

— *Pede!* Repetiu a mulher.

White levantou a mão.

— Desejo que o meu filho volte à vida.

O talisman caiu no sobrado, o velho olhava-o com terror. Depois com o corpo num tremor convulsivo deixou-se cair numa cadeira, enquanto Mrs. White com os olhos brilhantes, se aproximava da janela e corria as cortinas. Transido de frio, White e permaneceu sentado, deitando, de tempo em tempo, um olhar rapido à mulher,

que não cessava de examinar a rua.

O coute da vela, ardendo na palmatoria de porcelana lançava para o teto e para as paredes uma luz tremula.

Após um último tremular a luz extinguiu-se.

Com um indizível sentimento de alivio, o velho constatou a impotencia do talisman e tornou a deitar-se. Alguns momentos depois, a mulher veio juntar-se-lhe, em silencio .....

Deitados, um ao lado do outro, sem trocarem palavra, escutavam o tic-tac monotono do relógio. Um degrau da escada rangeu; um rato correu para um buraco do sobrado. A obscuridade tornou-se opressiva. Juntando toda a sua coragem, White acendeu um fosforo e desceu para procurar uma vela .....

No último degrau; o fosforo apagou-se; White deteve-se para acender outro. Nêsse instante, bateram na porta de entrada uma pancada tão ligeira, que mal se ouvia.

A caixa dos fosforos escapou-se das mãos do velho e o seu conteúdo espalhou-se no corredor. O terror imobilisou-o, momentos depois ouviu-se



... viu a rua tranquila e absolutamente deserta ...

mente. Como é que não pensei nisto ha mais tempo? E nem tu te lembraste! Porque é que tu não pensaste nisto?

— Mas, não pensei em quê? Perguntou White.

— Nos dois outros desejos, insinuou ela. Só pedimos um.

— E não te basta! Regougou o marido.

— Não, gritou triunfantemente a mãe; vamos formular outro. Vai buscar a mão e pede que o nosso filho seja tornado à vida.

O velho atirou com as roupas que o cobriam. — Santo nome de Deus! Tu estás louca! gritou horrorizado.

— Pega na mão... depressa e faz o teu pedido! Oh! meu filho eu quero o meu filho!

White acendeu um fosforo e com êle uma vela.

— Vem deitar-te, ordenou sem convicção não sabes o que dizes.

Teimosa, a mulher continuou.

— O nosso primeiro desejo foi satisfeito, porque não ha-de ser tambem o segundo?

— Uma coincidencia, balbuciou o velho. — Vai buscar a mão e pede, gritou a mulher, tremula de emoção.



uma nova pancada. Então White, subiu apressadamente a escada e barricou a porta do quarto. Uma terceira pancada ecoou no silencio da casa.

— Que é? perguntou a velha, escutando.

— Nada... um rato, respondeu White, batendo os dentes. Passou-me sobre os pés no corredor.

A mulher, sentada no leito, continuava escutando. Uma pancada, mais forte, abanou a porta da rua.

— E' Herbert! gritou Mrs. White E' Herbert! E correu à porta, mas, o marido, tapou-lhe a passagem, segurando-o por um braço.

Presentia que espectáculo alucinante seria o do morto ressuscitando com todo o horror da monstruosa mutilação que o matara, com todo o horror da podridão que ha dez dias lhe roia as carnes.

— Que vais fazer? murmurou com voz rouca.

— E' o meu filho .. é Herbert! gritava a

mãe, debatendo-se. Esqueci-me de que ele estava a duas milhas daqui. Porque me seguras?

Deixa-me passar .. E' preciso ir abrir a porta!

— Pelo amor de Deus, que não entre! recomendou o velho, tremendo todo.

— Tens medo do teu filho, gritou a mulher forcejando para soltar-se .. Deixa-me passar...

Herbert, já vou, já vou...

Agora, as pancadas sucediam-se. A mãe num supremo esforço, libertou-se e saíra, correndo.

White seguiu-a até ao patamar, e enquanto ela descia a escada, suplicava-lhe que voltasse atrás. Ouvia telintar a corrente de segurança, o fecho inferior rangeu na passadeira metálica.

Então a voz ofegante e entrecortada da velha gritou:

— O fecho de cima... desce, que não lhe chego.

Mas White de rastos no chão, procurava a

mão do macaco. Se conseguisse encontrá-la antes que aquilo entrasse em casa. Uma série de pancadas ecoava na porta, o ruído duma cadeira que a mulher arrastava no corredor e que apoiava contra a porta, chegou aos ouvidos do velho. Distinguiu nitidamente o ranger do ferrolho. Nesse momento, encontrou a mão do macaco e desvairado formulou o seu último desejo... Que não entre! que o cadáver desfigurado fique na terra!

As pancadas cessaram subitamente, se bem que a casa ainda estivesse cheia do seu eco. White ouviu retirar a cadeira e abrir a porta. Um vento glacial encheu o corredor, um longo gemido de desilusão e dor, lançado pela mulher, deu-lhe a coragem de acorrer junto dela, e de olhar... À luz do candieiro de gaz do passeio fronteiro viu a rua tranquila e absolutamente deserta...

## Charneca em flôr

Enche o meu peito, num encanto mago.  
O frémito das coisas dolorosas...  
Sob as urzes queimadas nascem rosas...  
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anceio! Asas abertas! O que trago  
Em mim?! Eu oiço bocas silenciosas  
Murmurar-me as palavras misteriosas  
Que perturbam o ser como um afago!

E nesta febre anciosa que me invade,  
Dispo a minha mortalha, o meu burel,  
E já não sou, Amor, "Sóror Saudade"...

Olhos a arder em extasis d'amôr,  
Bôca a saber a Sol, a fruto, a mel,  
Sou a Charneca, rude, a abrir em flôr!...

*Florabela Espanca*



# PEDRAS FATAES

**P**EQUENOS pedaços de carbono que a vaidade humana valorizou, pedrasitas faiscantes que em seu seio levam a morte e a ruína e que representam fortunas! Alguns diamantes celebres pela sua pureza e pelo seu tamanho parecem dar razão aos supersticiosos que acreditam nos seus malefícios. Tristes adornos que fazem cair as cabeças em que brilharam, joia nefastos que conduzem á loucura os seus donos, companheiros malditos que deixam morrer de fome o homem que os segura nas mãos convulsas de cubiça!

Onde encontrar mais tragica teia de dramas do que na historia do celebre Diamante Azul?

Trazido da Asia, no seculo XVII, por um viajante francês é oferecido a Luiz XVI. Este viajante arruinado pelo filho unico, teve de se expatriar e morreu miseravelmente na India. Luiz XIV, se não succumbiu tragicamente, teve a tristeza de assistir á morte do Delfim, da Duqueza de Borgonha, e a de ver o seu reino invadido. Das mãos de Luiz XVI passou a funesta joia para as mãos de Maria Antonieta que a ofereceu á princeza de Lamballe, os dois primeiros morreram na guilhotina, a ultima foi degolada na rua, e a sua formosa cabeça foi passeada na ponta duma lança pelas ruas de Paris.

Em 1792 o Diamante Azul foi roubado e sem se saber como aparece em 1820 em poder de um comerciante chamado Fals. Um filho do comerciante rouba o diamante, e suicida-se ao ver-se perseguido pela policia. Não tendo sido encontrado em poder do ladrão, o Diamante Azul, que já se considerava perdido, é achado tempos depois, em Marselha, sobre o cadaver de um mendigo, morto de fome!

Em 1892 é o diamante adquirido por um joalheiro francês que enlouquece. Tendo passado para a posse de um principe polaco, este oferece-o a uma dama da sua comitiva, e na

primeira noite em que ela o ostenta num baile, mata-a com um tiro de revólver.

Um rico colecionador que a adquiriu depois, naufragou no Extremo Oriente, arrastando segundo parece, para os abismos do mar, a nefasta joia.

panhado de horriveis infortunios. De facto Humanyam, expulso do trono por um usurpador foi devorado pelas feras na floresta onde andava fugidio. O filho do rajah, que conservara o diamante, foi capturado pelos inimigos e morreu na escravidão, legando a joia

ao seu primogenito. O herdeiro do diamante malefico foi morto quando tentava reconquistar o trono dos seus avós. Assim através desta longa senda de lagrimas e dôres, chegou o Kohinoor ás mãos do rajah, que, sempre fatalidade, com o vassallo da Inglaterra, o ofereceu á Soberana do Reino Unido.

Terminaremos com a carreira tragica do *Saney*, cuja nefasta influencia atingiu a terra portugueza. Propriedade de Carlos o Temerario, duque de Borgonha o filho da Infanta portugueza D. Izabel, vê o diamante maldito Owambir o neto de D. João I, num inglorio recontro de avançadas.

Sem duvida por herança de familia vem a nefasta pedra parar ás mãos de D. Antonio, Prior do Crato, que vê as suas tropas batidás em Alcantara e perdida a corôa de Portugal, tem de fugir para França, onde morre na miseria.

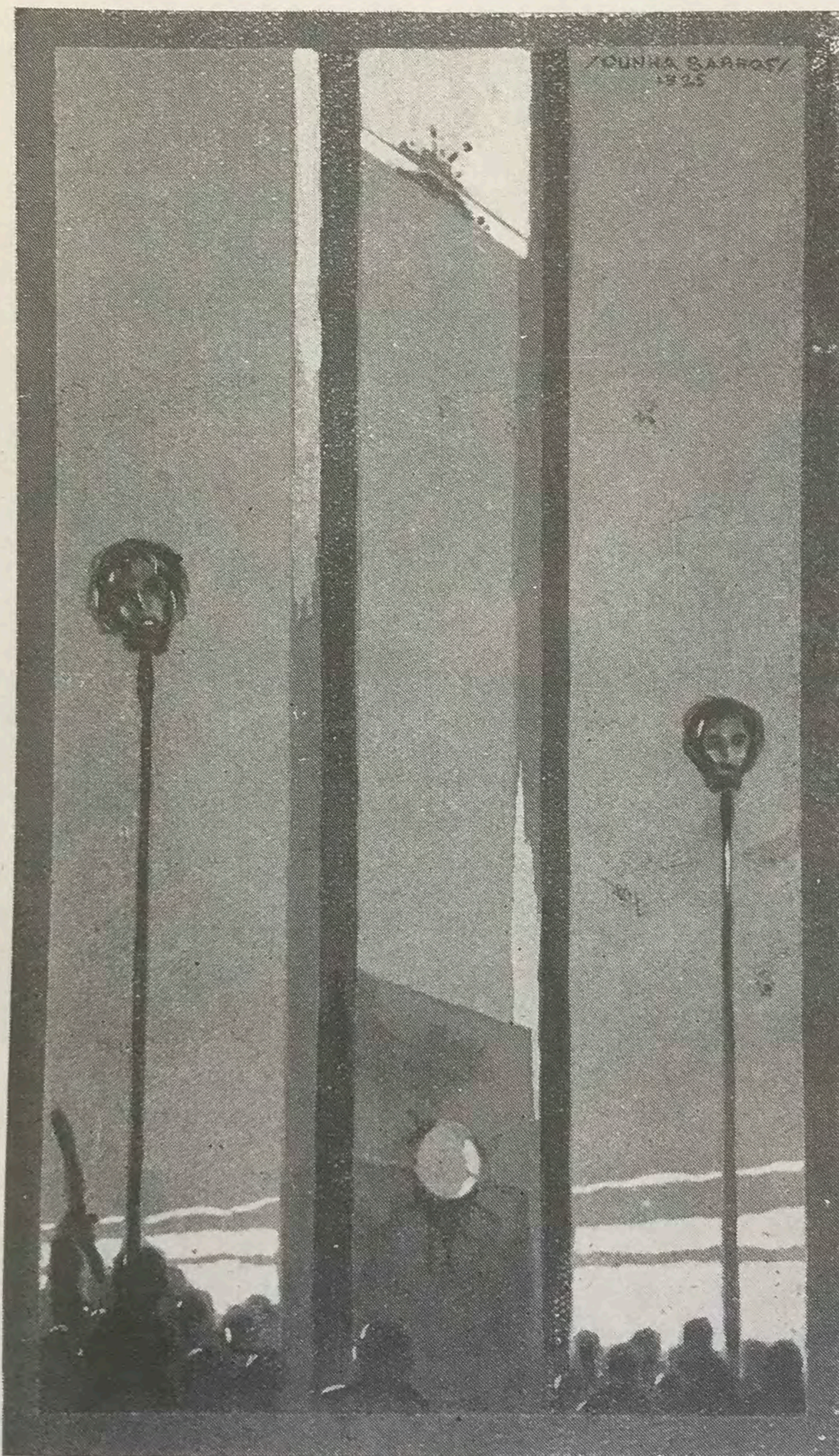
Vendido, naturalmente, num momento de angustia, passa o *Saney* para as mãos de Carlos I de Inglaterra, cuja cabeça rola no patibulo sob a acha que Cromwel erguera,

Novamente vendido, passa a fazer parte das joias da carôa de França, e Luiz XVI ostenta-o no dia da sua coroação. A sua cabeça cae na guilhotina.

Napoleão que quer fazer renascer a pompa dos Cesares, adorna-se com o *Saney* no dia em que foi sagrado imperador dos franceses. . . e morre, prisioneiro do inimigo, abandonado por todos,

numa ilha deserta, perdida no Oceano.

Dolorosas historias estas que se não revelam estranhos poderes sobrenaturais, simbolizam, comtudo, os episodios da luta eterna dos homens para a conquista do dominio e da riqueza.



Não menos sangrenta é a carreira do Kohinoor (montanha de luz), brilhante que hoje pertence á corôa ingleza. A primeira vez que dele se faz menção, no seculo XVI, encontrava-se em poder do Grande-Mougol Humanyam, e uma lenda indiana vaticinava, já, que o seu possuidor alcançaria o supremo poder acom-



# LISBOA-GUINÉ

## Rapidas impressões de uma viagem aérea

**A** VIAGEM aérea Lisboa-Guiné, se não marca como *performance* aeronautica, tem para nós, portugueses, uma finalidade historica que não é licito deixar passar em claro.

Depois da travessia aérea do Atlantico, depois da ligação Portugal-Macau, estava naturalmente indicado que alguém tentasse a ligação aérea Portugal-Africa. Coube-nos a honra, a mim e aos meus camaradas do *Santa Filomena*, de iniciarmos essa ligação começando pela nossa excelente colonia da Guiné. Quizeramos ir mais longe. Angola e Moçambique atraíam-nos com os seus encantos; foi-nos porém proibido utrapassar a Guiné. Cumprimos o nosso dever e que outros agora secundem a nossa iniciativa.

Nos 4090 kilometros percorridos encontram-se, por vezes, dificuldades e surpresas para quem está sómente habituado a voar em climas como o nosso.

O regime de ventos torna difficil uma aterragem por mais preparada que ela seja.

A temperatura excessiva das regiões desertas e as condições climatericas das regiões proximas do Equador, são verdadeiros tormentos para o pessoal e afectam grandemente as condições de resistencia do material.

Voar sobre o deserto é enervante, monotono, enfadonho, chega-se mesmo a perder todo o encanto que o vôo possui. Que o digam Brito Paes e Sarmiento ds Beires.

Voar com 42° de temperatura a bordo de um avião, não ha termos que possam bem explicar essa sensação de inferno constante, de brazeiro permanente que nos tortura minuto a minuto.

A *panne*, sobre deserto, equivale a um acto de contrição.

Escapar-se-ha da queda, do acidente vulgar da aviação, mas a fadiga da caminhada de uma ou duas centenas de kilometros sobre a areia, quasi sem alimento e, por certo, com falta de agua, acabará por render-nos e o Fim será proximo, senão fôr ainda abreviado pela proverbial hostilidade dos poucos habitantes da região...

Manda a prudencia que se proíba a

Como curiosidade, eis as *étapes* feitas e os respectivos tempos:

LISBOA — Casablanca, 6 horas.

Casablanca — Agadir, 3 horas e 24 minutos.

Agadir — Cabo Juby, 4 horas e 55 minutos.

Cabo Juby — Villa Cisneros, 3 horas e 45 minutos.

Vila Cisneiros — S. Luiz do Senegal, 6 horas e 55 minutos.

S. Luiz de Senegal — Dakar, 1 hora e 30 minutos.

Dakar — BOLA-MA, 5 horas e 2 minutos.

Total, 31 horas e 31 minutos de vôo.

Tinhamos prometido fazer a viagem em 32 horas...

\*  
\* \*

Que dizer do regresso?

Lamentamos, por todas as razões, que o material não tivesse permitido fazer a volta pela via aérea e que fosse-

mos forçados como qualquer mortal, a disfrutar as delicias do classico enjôo e dos não menos classieos caminhos de ferro da Andaluzia...

Fômos, em parte, recompensados pela nossa deliciosa excursão atravez as regiões *selvaticas* do Marrocos francez e, seja-nos permitido terminar estas rapidas impressões dando um conselho aos nossos *supercivilisados*:

— Visitem Marrocos e chegarão, por certo, á conclusão a que eu cheguei de que é bem verdadeiro o anexim popular, de que *isto aqui não é Marrocos*... antes pelo contrario...



Fotografia de Bolam . obtida pelo capitão Pinheiro Correia a bordo do avião que fez o raid Lisboa-Guiné

a travessia de regiões deserticas, semelhantes aquelas que atravessámos, só com um aparelho e assim o entendem presentemente os francezes que, ao chegarmos a Dakar nos perguntaram pelo outro avião...

Na provincia da Guiné, que podemos considerar modelo de uma raça de colonisadores que se vem mantendo atravez de seculos apesar dos seus erros e defeitos, os nossos piores inimigos foram a temperatura e a má visibilidade.

A temperatura excessiva do seu clima obrigou-nos, sem *blague*, a voar, ás oito horas da manhã, em pijama...

E' ainda essa temperatura que produz uma constante neblina que incomoda sobremaneira os aviadores.

PINHEIRO CORREIA  
Capitão-aviador





# Sonetos para a ausente

PO R

A M E R I C O D U R Ã O

As mãos que eleva a Deus ungidamente,  
Num gesto doce, palida, sorrindo,  
São açucenas côr de rosa abrindo  
No seu debil corpinho adolescente!

Corpo de amor e beijos a florir  
No pudor virginal das primaveras...  
Ah, pudesse eu viver para cingir  
A sua frente de astros e quimeras!

Horto de rosas num vergel florindo,  
A bôca, tem o mesmo ar inocente  
E casto dessa limpida nascente,  
Que a minha bôca a Deus vinha pedindo.

Ondula o ritmo esbelto das galeras  
No seu gesto mais leve... e, ao sorrir,  
Os tenros braços sensuais das heras  
Matam a sêde, só de A pressentir...

Lufar, subtil e extatico momento,  
Em que o seu corpo flebil, num lamento,  
Virginal em meus braços desfalece...

Voltará breve, eu sei, voltará breve,  
Diz-m'ô seu rosto alvissimo de neve,  
Em que florescem duas rosas bravas...

Em que a alma presente deslumbrada  
Florir da sua carne a madrugada,  
E divina, em seus olhos, amanhece!

Onde Ela passa vibra o ar sorrindo,  
E, oh Mar! tu foste mais lirial, mais lindo,  
Quando entre o Ceu e as ondas A levavas!...





## UM TRIUNFO DA CASA "FAIREY"

**F**UNDADA durante a guerra, a Companhia Fairey, em vez de crescer repentinamente produzindo grandes quantidades á custa da bõa qualidade dos Aviãos, foi caminhando conscienciosamente, tendo como unico fim e preocupação o desideratum que atingiu plenamente: Estar fabricando em cada ocasião as melhores aeronaves que se podem produzir nessa época.

A isto se deve o facto de, hoje, 6 anos passados sobre a cessação das hostilidade, ser a The Fairey Aviation Company, Limited, a maior fabrica de Aeronaves em Inglaterra, mantendo as suas oficinas num regimen de trabalho intenso e constante, em contraposição com tantas emprezas que tiveram a duração efemera da guerra, e em contraste flagrante com a estagnação e marasmo em que se vão arrastando os departamentos de Aviação das grandes emprezas mundiais, que vivem, a custo, de pequenas encomendas, que de tempos a tempos lhes fazem os Governos de paizes onde os conhecimentos tecnicos vão atrasados.

Não só o Governo Inglez e os Dominios, com as suas constantes encomendas, absorvem a produção desta grande fabrica, mas tambem para isso contribuem paizes estrangeiros que, como o Governo Holandez, que apesar dos excellentes aviões nacionaes que possui, fez recentemente a esta empreza uma encomenda de hidroaviões como mostra a nossa gravura.

Estes aviões são absolutamente eguaes aos que efectuaram o raid Lisboa-Rio de Janeiro, fornecidos ao Governo Português em 1922, pela firma Luiz Roxo,

Limitada, representantes da Casa Fairey em Portugal, Brazil e Espanha.

As razões de ordem scientifica que garantem a supremacia dos aparelhos Fairey, residem principalmente no emprego da patente Fairey para variação da curvatura das azas, o unico dispositivo deste genero que conseguiu uma realização pratica de resultados comprovados.

O seu emprego permite aos aparelhos Fairey levantar vôo e pousar com velocidades muito reduzidas, embora transportando grandes cargas, e, uma vez no ar, diminuindo a curvatura das azas, passam os aparelhos a voar com altissimas velocidades. Como a curvatura das azas e a incidencia do plano da cauda são comandados no ar, pelo piloto, pode este obter do seu aparelho o maior rendimento.

Alem d'esta superioridade scientifica teem os aparelhos Fairey varias vantagens tecnicas que lhes garantem uma superioridade de facto, independente de qualquer sentimentalismo comercial, que de resto, esta firma não precisa explorar. Assim, enumerando algumas das características de fabricação Fairey diremos que:

"Todos os materiaes empregados obdecem ás condições impostas pelo Governo Britanico, sendo devidamente examinados e levam a marca da British Standard Specification.

A intermutabilidade de todos os componentes e sobresalentes é garantida pela Companhia.

No mesmo aparelho podem montar-se motores de diversos tipos, de potencia visinha daquela para que o aparelho foi

construido, bastando para isso mudar apenas a parte anterior do aparelho, estando todas as ligações dos comandos estudadas de forma a servirem para qualquer marca de motor.

Os aparelhos são construidos com disposições para dobrar as azas sem que a segurança do aparelho com isso sofra, reduzindo assim as dimensões o que muito facilita a manobra dos aparelhos em terra, bem como a sua arrumação.

O trem de aterrissage é construido inteiramente de aço do tipo "Oleo" tendo as rodas um passeio vertical muito grande para permitir aterrissages em campos acidentados e aterrissages de noite.

A construção e desenho do trem de aterrissage juntamente com a reduzida velocidade com que levanta vôo e pousa torna os aparelhos otimos para vôo de noite e, em qualquer caso, extremamente seguros".

E' por estas razões que á casa Fairey foi confiada pelo Governo Inglez a construção do maior hidroavião do mundo, o N 4. com 4 motores Rolls-Royce "Condor" de 600 H-P cada, a construção do maior hidroavião de fluctuadores, o "Fremantle" com um raio de acção de 2000 km. e uma tripulação de 5 pessoas, ultimamente experimentados com completo sucesso.

Alem destes está encarregada a casa Fairey, da construção dos aviões que guarnecem todos os Centros de Aviação Naval Ingleza, bem como dos navios porta-aviões e do estudo e experiencias de um sem numero de aparelhos cuja construção lhe é entregue depois de aprovados pelo Governo.



# AS REVELAÇÕES DA LUZ

## A ANALISE ESPECTRAL

PELO PROFESSOR

FERNANDO DE ALMEIDA E VASCONCELOS

DESDE os tempos mais remotos era conhecido o fenómeno da coloração particular que as chamam tomam em determinadas circunstancias, como, por exemplo, quando se lhes introduz certos compostos químicos, como: os sais de potássio, de sodio, de lítio, de estrôncio, de calcio, o ácido bórico, etc. E, pode dizer-se, que poucos assuntos prenderam tão vivamente a atenção dos sabios, dos artistas e, mesmo, dos poetas de todos os tempos, como a teoria das côres, que Newton tão brilhantemente esclareceu.

Antes da época de Newton, algumas hipóteses mal definidas bastavam para explicar observações inexatas e incompletas. Admitia-se geralmente que os fenómenos de coloração eram sempre o resultado de um enfraquecimento de luz branca. Aristóteles supunha que todas as côres provinham duma mistura do branco e do negro; como consequência da sua teoria, pensava que a obscuridade provinha da reflexão da luz pelos corpos, por isso que a reflexão diminui a intensidade luminosa. Esta singular e extravagante opinião foi geralmente admitida até á época moderna; muito tempo depois das descobertas de Newton, já no fim do século XVIII, tornou a aparecer remoçada e revestida de formas pitorescas pelo génio poético de Goethe.

Desprezando as admiráveis experiencias de Newton, conhecidas já havia cerca de meio século que, com maravilhosa facilidade explicavam todos os fenómenos das luzes, o espírito elevado do poeta alemão vai procurar sempre à percepção

externa a expressão de toda a beleza e de toda a verdade. Para Goethe, um fenomeno fundamental, a coloração dos meios pouco transparentes, resumia todas as condições necessárias para a produção das côres. Observara êle que um grande numero dêstes meios torna vermelha a luz que os atravessa, enquanto que a luz incidente os cora de azul, quando olhados perante um fundo obscuro; então a acção particular dêstes meios produziria o modo de obscurecimento necessário para a formação das côres.

Vejamos, agora, as notaveis experiencias de Newton, que o levaram à explicação facil e decisiva dêstes interessantes fenómenos. Procurando aperfeiçoar as objectivas empregadas na construção das lentes dos telescópios, fez o eminente físico e sumo geometra uma descoberta inesperada, e, tão importante, que produziu uma verdadeira revolução na sciência.

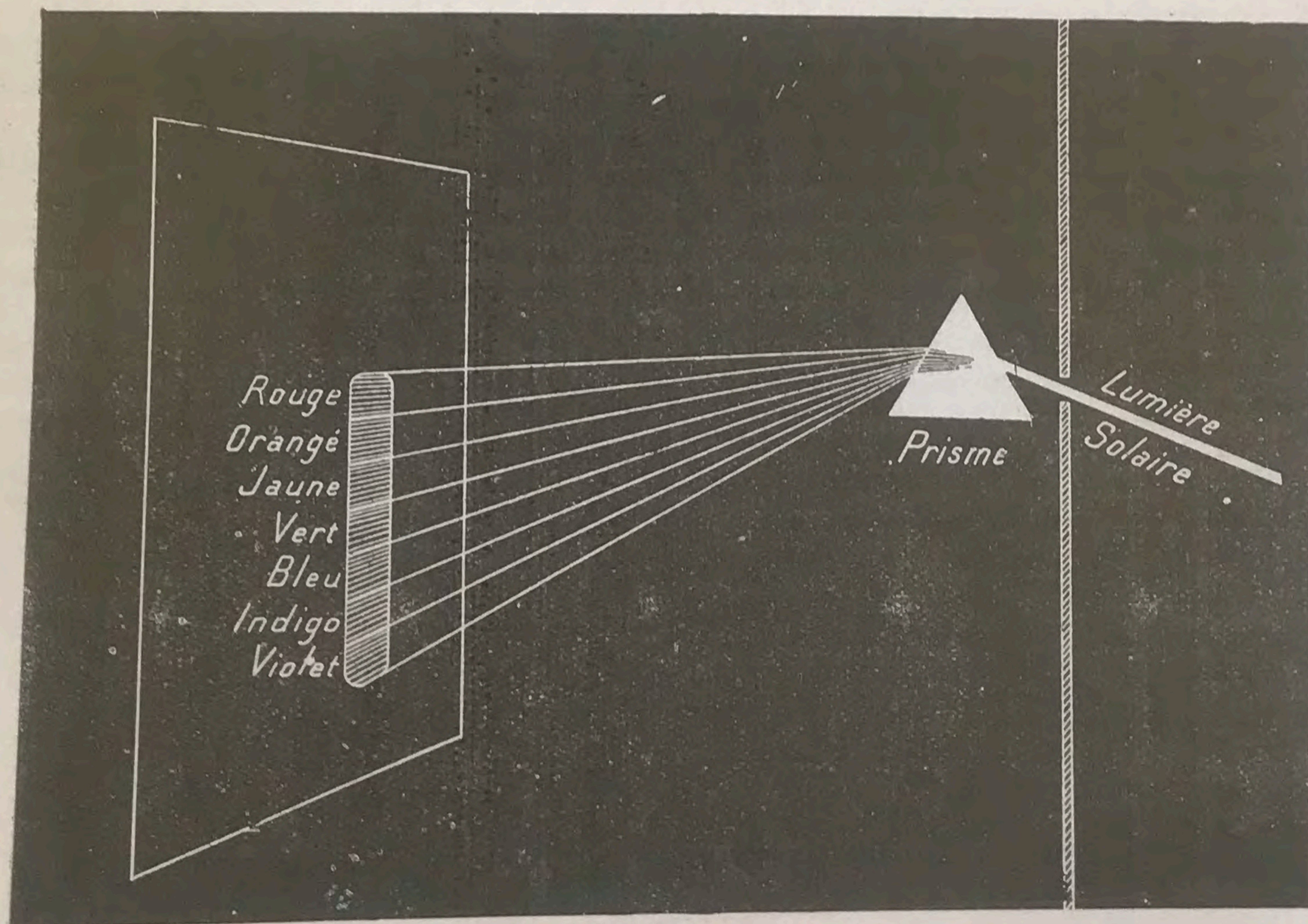
Diz êle: "Percebi que o que impedia o aperfeiçoamento dos telescópios não era resultado, como se julgava, de de-

feito na forma dos vidros, mas sim da mistura heterogénea de raios de diferente refringência." Uma simples experiência resolve imediatamente o problema.

Façamos penetrar numa câmara escura um feixe de raios solares através dum orifício de alguns milímetros de diâmetro; se o feixe fôr dirigido horizontalmente, irá desenhar na parede oposta um pequeno circulo luminoso de dimensões proximamente iguais ás do orifício. Colocando, diante dêste, um prisma de vidro muito transparente e homogéneo, se as arestas do prisma estiverem horizontais, e tendo o prisma a base voltada para baixo, como consequência das leis elementares da refração, os raios serão desviados para a base. Porém, ao mesmo tempo, um fenómeno dos mais curiosos se nos apresenta; a imagem refractada deixa de ser circular como sucedia antes da interposição do prisma: fica, então, consideravelmente alongada no sentido vertical e revestida das mais brilhantes côres.

A parte superior é vermelha intensa, enquanto que o lado superior é roxo; entre estas duas côres extremas mostra-se uma infinidade de tons sucedendo-se sem solução de continuidade apreciavel, unindo com surpreendente harmonia as precedentes ás que se lhe seguem. Este fenómeno constitui a **dispersão** e a imagem ricamente colorida é designada sob o nome de **espectro solar**.

Ainda que a de-gradação das côres do espectro se faça insensivelmente dumas ás outras, sem brusca transição, é possível distinguir



Espectro solar



sete côres principais que, pela sua mistura, parecem produzir os tons intermediários.

Notam-se sempre na mesma ordem quaisquer que sejam as modificações que a experiência apresente; vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e roxo. O roxo fica sempre mais próximo da base do prisma e o vermelho mais próximo do vértice.

O espectro, além disso, conserva ainda o mesmo aspecto, seja qual fôr a grandeza do ângulo do prisma e a substância transparente de que êste é formado; o que varia é o comprimento da imagem colorida e o desvio que ela sofre.

Newton, para explicar êstes fenomenos, attribuiu-os à heterogeneidade da luz branca que êle afirmou ser formada por uma infinidade de raios simples de diferente côr, caracterizados pela sua refrangibilidade e coloração. e cuja reunião produz o branco.

Experiências numerosas e variadas tornaram a explicação do eminente físico inglês indiscutível.

Por outras experiências simplicíssimas, mostrou a diferente refrangibilidade dos raios diversamente corados e pode esclarecer a formação simples do espectro solar. Se varios raios, de diferentes côres, incidem simultaneamente sôbre um prisma, êste desviará cada um dêles segundo a refrangibilidade que lhes é própria, e a separação dos raios refractos será tanto mais complicada quanto mais diferentes fôrem estas refrangibilidades.

Mas, com o nosso prisma, podemos examinar ainda outras fontes luminosas que todas se decompõem em diferentes côres, formando *espectros*, que um apa-

relho muito simples — o *espectroscópio* — permitirá estudar.

Foi, assim, aberto vastissimo campo ás locubrações dos sábios que foram observando todas as origens de luz — naturais; astros e meteoros luminosos, artificiais: chamas e corpos incandescentes — sendo a irradiação observada,

hoje dispõe, verificamos que não existe continuidade nas côres de espectro solar e observaremos uma infinidade de linhas obscuras que, desenhando-se na superfície da imagem colorida, a atravessou perpendicularmente ao seu comprimento. São as chamadas *riscas de Fraunhofer*, do nome do físico bavaro

que as desenhou, classificou e distribuiu no espectro, segundo a sua posição.

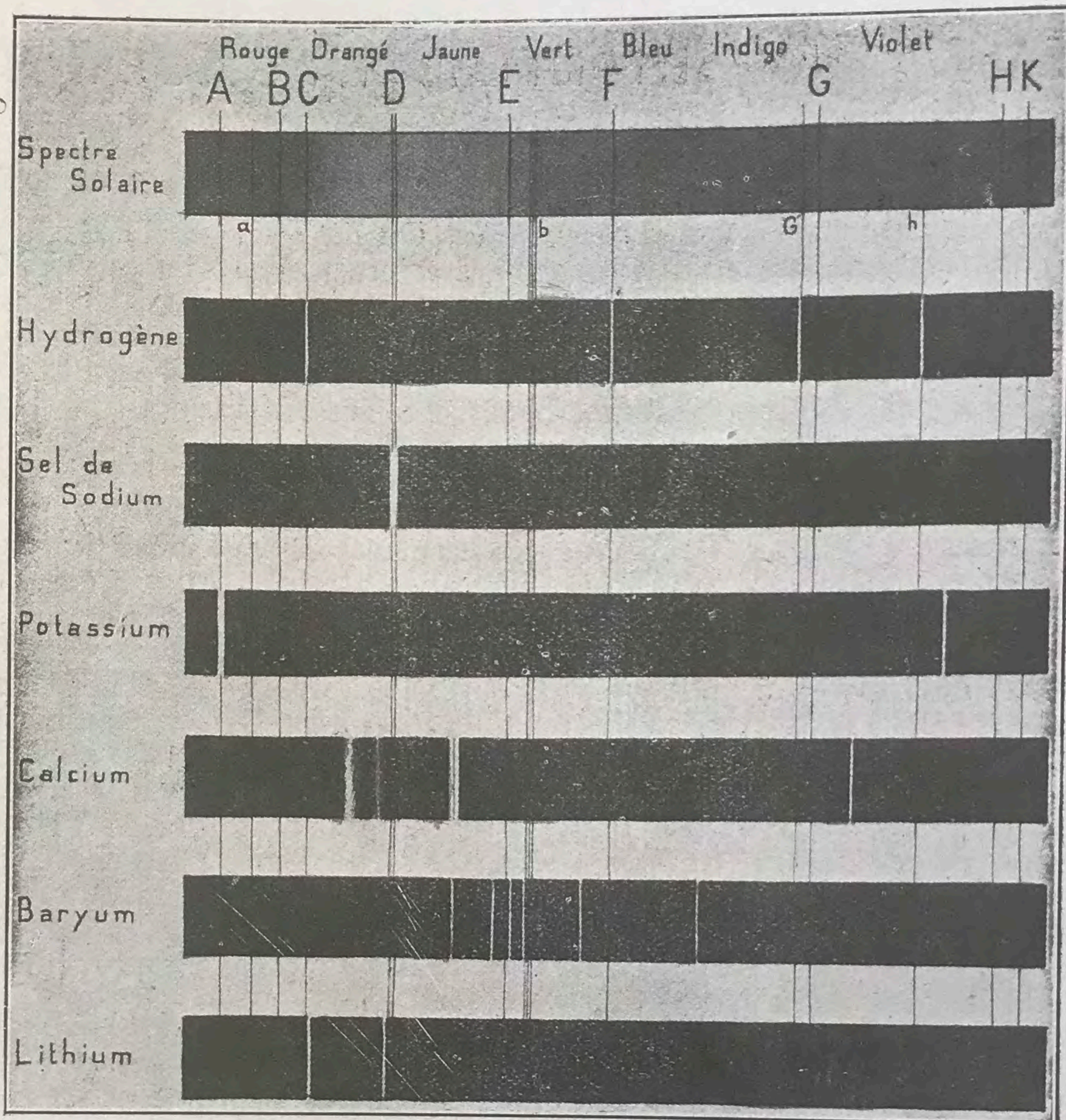
Existe dêle um desenho que contém 575 riscas espectrais; mas, depois, pelo aperfeiçoamento dos meios de observação, chegou-se a notar a posição exacta de 20.000 riscas, as quais, pela sua fixidez absoluta, estabelecem no espectro pontos de referência imutaveis, faceis de encontrar.

Estas riscas definem qualquer côr com precisão matemática, permitindo substituir a uma sensação, necessariamente variavel com os observadores, uma noção rigorosa que não dá origem á incerteza que poderia provir da refrangibilidade.

E, estudando os espectros de outras origens luminosas, os físicos e os quimicos puderam fixar a posição de riscas obscuras e de riscas brilhantes, conforme os cor-

pos, verificando que as mesmas riscas são invariaveis para cada corpo e bastam, por conseguinte, para caracterizar uma substância.

Formou-se, assim, uma nova sciência — a *análise espectral*, — cujas applicações fecundas transformaram o nosso conhecimento do Universo, permitindo aos astrónomos conhecer a constituição dos astros e apreciar os seus movimentos no seio das pálidas nebulosidades em que se formam os mundos!



Riscas espectrais de algumas substancias comparadas com as riscas do espectro solar

quer depois da sua passagem através dum meio, que retém, *absorve*, parte dos seus raios, quer tal como provém da sua origem. Daí, resultam duas espécies de espectros, os *espectros de emissão* e os *espectros de absorpção*, a que correspondem modos operatórios diferentes no estudo das origens de luz a avaliar.

Em particular, se repetirmos a experiência de Newton, usando os aperfeiçoados instrumentos de que a sciência



# E o amor salvou das chamas...

O missionário Manuel de Lacerda fazia a bordo do *Mauritania* a viagem de Bombaim para um porto da Europa. Terminada a sua missão na Índia, Manuel de Lacerda aproveitava a ocasião para descansar e distrahir o espirito, deleitando-se com todas as manifestações de arte e progresso que se lhe deparavam nos varios pontos por onde ia passando. Fôra rude e cheio de escolhos o seu apostolado, e era-lhe gratissima a ideia de voltar a Portugal e poder ainda abraçar a sua velha Mãe antes que Deus a chamasse a prestar contas do bem ou mal que por cá fizera.

Estendido numa ampla cadeira de lona, na coberta do navio, o olhar vago e indeciso, parecendo viver apenas para saborear as fumaças que ia tirando do famoso cachimbo inglês de que nunca se separava, o elegante Padre Lacerda revivia, em mente, os dias longínquos da sua infancia, e as horas alegres e faceis da sua juventude. Estava num daqueles momentos de alheamento e suave melancolia em que tudo nos lembra e traz saudades, sem tristeza profunda, mas a que a amargura, uma amargura branda e indefinida não é estranha. O seu espirito vagueava, fixando-se aqui e além, n'uma recordação mais querida ou dolorosa, continuando logo a peregrinação através do passado. Absorto nos seus pensamentos não deu Manuel de Lacerda por um vulto feminino que se aproximara, sentando-se numa cadeira ao lado da sua. Só quando a cadeira rangeu é que, procurando descobrir a origem do rumor que o acordara do letargo em que se abismava, viu uma loura inglesa, envolta num amplo casaco de arminho, comodamente instalada ao seu lado. O luar, bastante intenso, aureolava-lhe a silhouette, espiritualizando-a.

Não podia a sensibilidade artistica do padre ficar indiferente a um conjunto de beleza tão harmonico e cantante. Olhou-a, como esteta e não como homem, e ficou-se, suspenso, a contemplá-la.

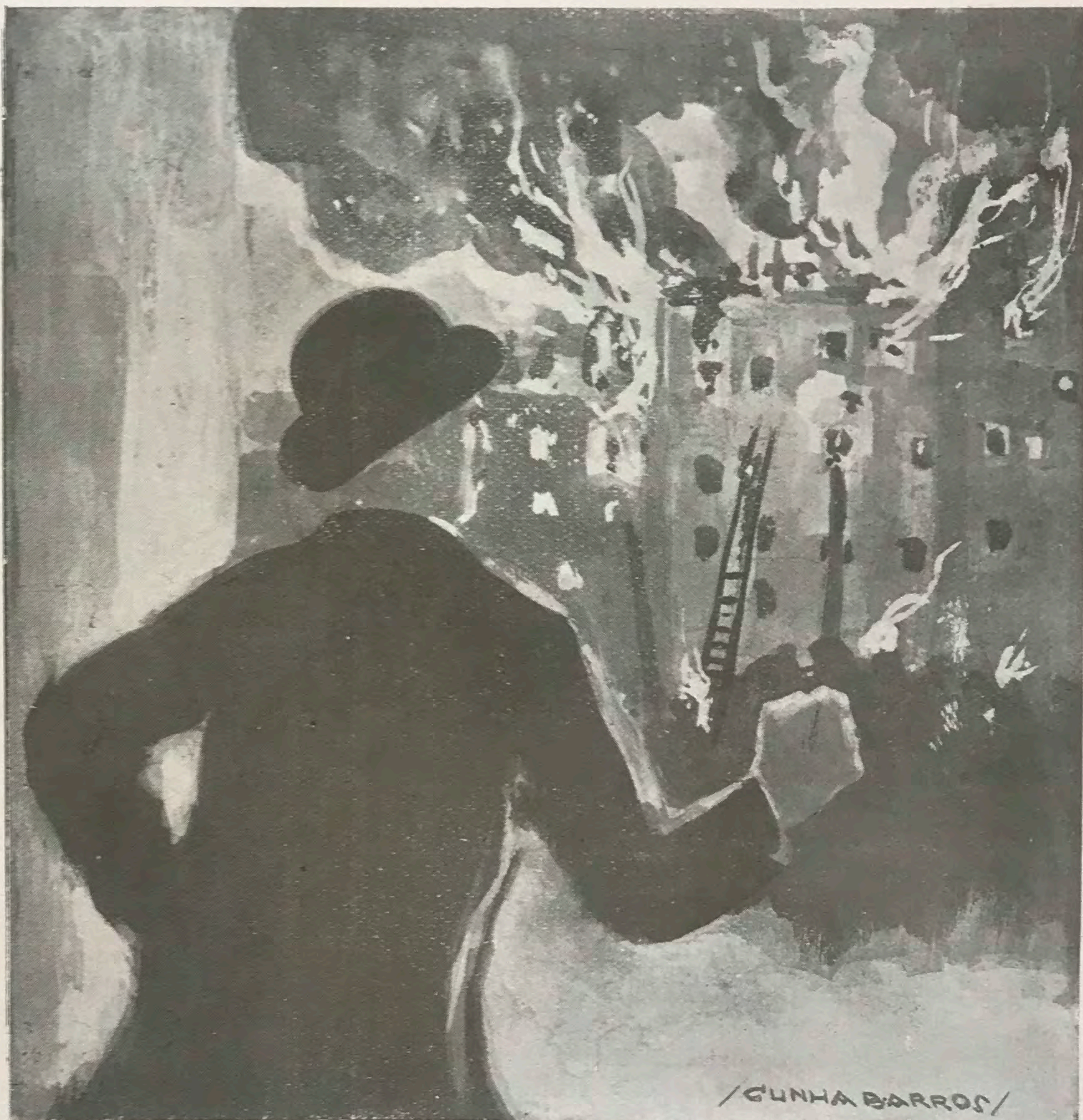
—O que me encontra para assim me analisar? perguntou a recém-vinda.

—Perdõe, minha senhora, se fui incorrecto. Mas como cultivador que sou das belas-artistas não resisti á tentação de recriar os meus olhos no mais belo quadro que jámais me foi dado admirar. Pode crer, porém, que nenhum sentimento profano me influenciou e que apenas o artista se sentiu deslumbrado ante a sua peregrina beleza; sou padre, senhora...

—Bem o sei, atalhou a desconhecida, e por isso me aproximei de si. Preciso de conforto espiritual, de apoio e carinho. Padre, sou uma terrível pecadora...

—Deus é grande e incomensuravel a sua bondade...

—Querida que me ouvísseis em confissão.



—Sois, então. catolica? Supunha-vos protestante, visto que, es me não engano, é a Inglaterra a vossa patria...

—Sou irlandesa e catolica, e o meu nome...

—Não precisa nunca um padre de saber quem pede o seu auxilio; estou ás vossas ordens.

—Mas eu quero dizer-vos quem sou, não me sofre o animo que proceda comvosco com menos lealdade. Quem sabe se em conhecendo o meu amaldiçoado nome não sereis menos benevolente? Sou Gladys, a celebre bailarina.

—E' possivel?! Devia tê-lo adivinhado... A vossa arte completa a vossa formosura e daí emana o extraordinario encanto que se desprende de vós, a cadencia, o ritmo, um conjunto de perfeita e iniludivel beleza! Oh! perdão, senhora, falastes ao padre e foi o artista quem vos respondeu. Confiai em mim, estou pronto a ouvir-vos e a suavisar, quanto possa, as agruras que vos vão na alma. Pecadora, dizeis! Mas são os pecadores e não os puros que precisam do nosso conselho e agasalho. Falai, minha amiga, a misericordia de Deus é infinita...

Gladys aproximou-se mais, e tendo por unicas testemunhas o mar imenso e impenetravel e o ceu que se cobrira de estrelas para doutrar a fealdade daquela confissão feita pela mais linda mulher da terra, começou a narrativa atróz e sombria do que fôra a sua vida tão curta e complicada, com clarões de sublime bondade e negrimes inconcebiveis. E falou, patenteando as turtuosidads da sua alma, durante largo tempo; contou como gosava com a ruina dos seus amantes, a arte que punha nas suas danças só para se enebriar com os desejos que acendia, a voluptuosidade com que saboreava os seus mais negros triunfos, aqueles que arrastavam para a sua beira homens que para a seguir abandonavam mulher e filhos, deveres e nome...

—E quanto melhores eles eram, maior prazer sentia em os perder, em os rojar pela lama da desonra, fazendo-os roubar, para me trazerem ouro que á sua vista reduzia a cinzas, aspirando a largos a tragos a volupia do mal, a embriaguez do sangue... Nunca me esquece o gozo diabolico que senti no dia em que o mais belo dos meus amantes, o Conde de Fio-



## E u r o p a

rini, se suicidou, no meu «boudoir», por eu lhe dizer que me ia entregar a outro, depois de o ter excitado com os meus satanicos bailados! Foi a hora mais feliz da minha vida, essa em que senti tão claramente o meu infernal poder, vendo prostrado aos meus pés, em holocausto á minha maquiavelica beleza, o mais garboso e valente rapaz que conheci! Ah! meu padre, mas são horriveis os remorsos que me assaltam! Sinto repulsa por mim propria, muita vez, mas depois... depois, volte-me o desejo louco de esmagar, a tentação de fazer mal, a necessidade de saciar os meus appetites, a minha sensualidade, que só se satisfaz no delirio da crueldade requintada. O amor, para mim, só é possível com o sofrimento alheio. Sou um monstro, um reptil peçonhento...

E torcia-se, chorando convulsivamente. Manoel de Lacerda, a despeito de tudo quanto ouvira, não podia furtar-se a uma infinita piedade que ia sentindo por esta criatura. Um monstro, sim, na verdade. Mas acaso os bons, os que estão de bem com a sua consciencia, precisam da nossa piedade? Assim raciocinando esforçou-se o padre por confortar com palavras indulgentes e affectuosas aquela grande desgraçada, cuja maior desgraça consistia em saber olhar com clareza para dentro de si. Pobres dos que se conhecem!

Gladys estava exaltadissima, numa tensão de nervos propria dum organismo desequilibrado. Convenceu-a a ir deitar-se, prometendo-lhe que tornariam a conversar na sua vida e que Deus lhe daria forças para triunfar do mal. Separaram-se, cada um para o seu camarote.

Toda a noite pensou o missionario n'aquella mulher, a mais extranha, a mais perversa, e a mais formosa e seductora de quantas tinha conhecido...

Encontraram-se mais vezes, e não tardou que a influencia benefica que o Padre Lacerda exercia sobre toda a gente que se lhe aproximava começasse a produzir os seus efeitos sobre Gladys. Mas Manoel de Lacerda sentiu que a intimidade com a bailarina não o deixava indiferente, e fugia-lhe. Era Padre, não tinha o direito de amar. Até ali, e os 42 não vinham longe, soubera defender-se das ciladas que o destino lhe armara. Mais uma vez se tornava necessario vencê-lo. Por isso se esquivava a uma convivencia mais estreita.

Dois dias antes de chegar ao termo da viagem subiu á cobertura do navio, para admirar a noite, uma linda noite luarenta e tepida, calma, prateada e enlanguescedora.

Meia duzia de passos andados reparou que

alguem estava ainda n'uma cadeira, perto do varandim. Aproximou-se: era Gladys. Dormia profundamente, embalada pelas aguas, envolta no mesmo casaco de arminho com que a vira pela primeira vez, e que sob os reflexos da lua parecia tecido de neve e espuma! Olhou-a demoradamente, amorosamente, contentando a respiração para não a acordar, procurando, d'essa forma, prolongar aquele minuto de extasi e encantamento, unico na sua vida! Gladys tinha um braço nu estendido ao longo do corpo, e na mão de inexcedivel beleza fulgurava uma enorme perola, a unica joia que sempre usava, como recordação do Conde de Fiorini. Manoel de Lacerda estava fascinado, irresistivelmente atrahido, e passou, num instante fugaz por todas as cambiantes da dor, do prazer, e do desejo. O seu temperamento ardente de meridional despertou, e o amor irremediavel que votava a Gladys venceu, por fim, todas as barreiras que procurava opor-lhe. Numa halucinação apertou-a nos braços, beijou-lhe a boca, com frenesi, abafando-lhe com beijos as palavras que tentava proferir, martyrisando-lhe os labios com a furia com que lh'os procurava... Passou-se isto num relampago, e quando Manoel de Lacerda voltou a si da vertigem que o tomara só duas palavras soube dizer, entrecortadas pela comoção:

—Perdõe, enloqueci!

Gladys estendeu-lhe a mão, que ele beijou, fervorosamente, com a maior unção e amor, desaparecendo em seguida.

E não se viram mais...

\* \* \*

Anos volvidos foi o Padre Lacerda a Florença. Tinha sahido do hotel quando um grande borborinho e gente que corria em varias direcções lhe prenderam a atenção. Indagou o que se passava:

—É o Hotel Princeza que está em chamas! Correu para lá. Estavam já no rescaldo, e não se sabia ainda quantas pessoas tinham morrido. Vinha-se embora, desolado com aquele espectaculo, quando viu uma mulher que corria para ele, com gestos aflitivos. Parou. Reconheceu-a. Era Margueritte, a creada de quarto de Gladys, que, lavada em lagrimas, lhe contou que sua ama se tinha hospedado no Hotel Princeza, sendo provavel que lá se encontrasse na ocasião do incendio.

—Pelas almas, senhor Padre Lacerda, ajude-me a saber o que foi feito de minha ama.

O missionario ouvira Margueritte com a mais viva anciedade, quasi sem forças para occultar da serva o sofrimento atroz que lhe ia

na alma. Correram a saber noticias; a confusão era enorme, nada se sabia, faltava muita gente, mas nem todos tinham perecido. No fim de grandes esforços conseguiram entrar numa enfermaria do hospital para onde tinham conduzido, atrapalhadamente, mortos e vivos, numa mistura horrenda.

A creada, sem coragem para colher uma certeza, ficou, tremendo, á porta. O Padre ia levantando os lençoes com que estavam cobertos os cadaveres, pavorosamente carbonizados, e, atentamente, sofrendo a dor que o pungia, procurava, entre aquelas carnes desfiguradas, a mais linda mulher que conhecera...

Faltavam-lhe dois leitos. Avançou, torturado, para o penultimo, e num puxão levantou o lençol. No primeiro instante, o seu rosto, apesar do horrivel espectaculo que tinha na frente, quasi se abriu num clarão de alegria, por constatar que ainda não era ali que encontraria a pobre Gladys. Analisando, porém, melhor, aquella massa informe, as suas pupilas dilatadas pelo terror fixaram-se num braço e numa mão, que nus e intactos, pendiam da cama. E nessa mão fulgurava ainda a perola enorme, inseparavel, que fora dada pelo Conde de Fiorini... Só havia no mundo um braço e uma mão assim... E era Gladys quem os possuia...

Esmagado pela dôr, Manoel de Lacerda ajoelhou, e beijou, religiosa e apaixonadamente, aquella mão e aquele braço, evocando, com amargura, a noite luarenta em que cometera o unico grande pecado da sua vida—se um grande amor pode ser pecado! Nova tentação o assaltou: com infinitas precauções, como se temesse magua-la, tirou da formosa mão que o fogo respeitara, certamente por ter sido purificada pelos beijos que lhe dera do mais puro e ardente amor, o anel que o Conde de Fiorini, tambem ardente e apaixonado, n'ella havia colocado.

Esse anel, que o padre Manoel de Lacerda retirou da mão patricia da formosissima Gladys e conservou até morrer, foi-me por ele dado momentos antes de deixar este mundo, e uso-o sempre, como symbolo do maior amor de que tive conhecimento.

\* \* \*

E aqui tem, meu querido amigo, a razão porque não abandono o anel que tanto lhe desagrada. Disse-lhe que tinha uma historia tragica, ahi lhe a deixo. Respeita-lo-hão as chamas na minha mão?

*La fiamma bella...*

CAROLINA HOMEM CHRISTO





## || Morreu Camilo Flammarion

Um dos mais ilustres vulgarizadores da sciencia, o eminente astrónomo e teósofo francês, Flammarion viu esgotar-se-lhe a vida numa velhice serena e estoica, digna compensação duma longa carreira de trabalho.

Flammarion nasceu em 1842, em Montigny-le-Roi. Pobre, veio para Paris, onde se manteve trabalhando como operário cinzelador, mas as suas noites eram ocupadas no estudo das matemáticas.

Em 1858 entrou para o Observatorio, dando inicio ao seu prodigioso labor de cientista. Inclinado ardentemente para os problemas mais arduos que se apresentam á intelligencia humana, partindo do raciocínio logico e do estudo dos factos, lançou em milhões de leitores a sua crença na immortalidade da alma.

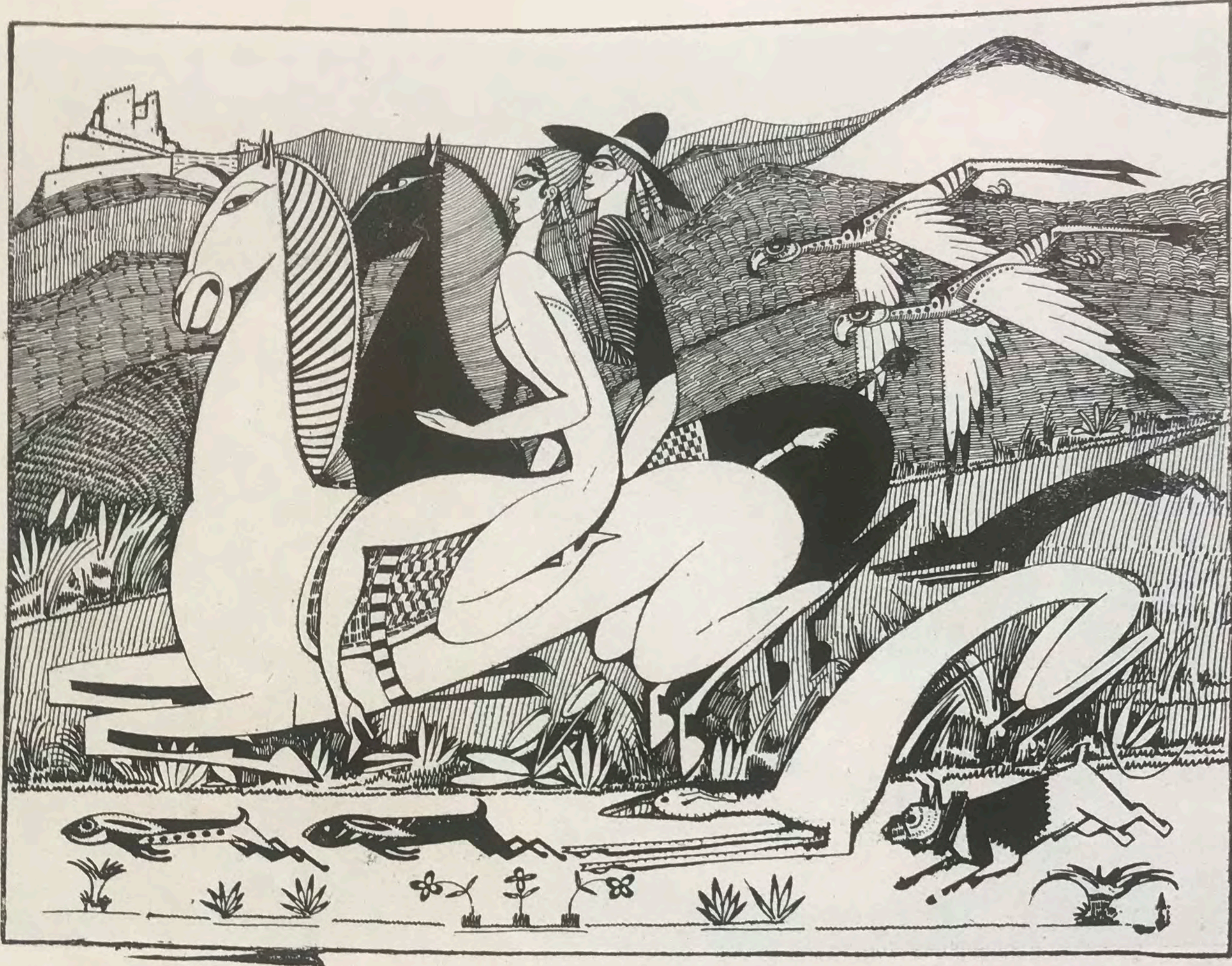
São celebres entre muitas das suas obras:

*A pluralidade dos mundos habitados, As Maravilhas Celestes, Os mundos imaginarios e reais, As terras do Céu, O Desconhecido, Uranie, A morte e o seu misterio e a Carta Geografica da Lua.*

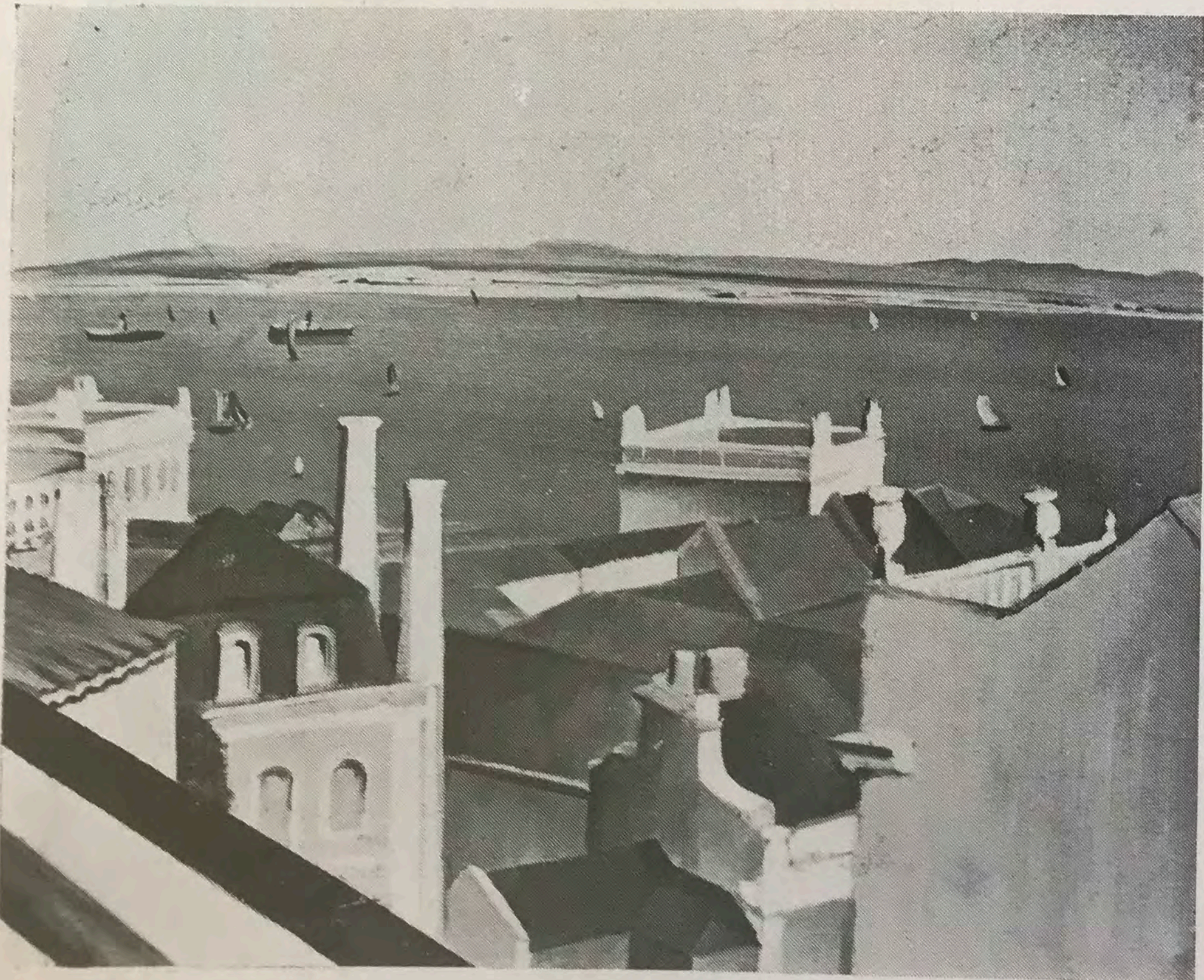


Madame Lucie Cardoso, viuva do pintor Amadeu de Sousa Cardoso, organizadora da recente exposição retrospectiva, dos trabalhos deixados por seu marido, e que constituiu um grande successo em Paris





Les Faucons — Desenho de Amadeu de Sousa Cardoso



Quadro de Marcel Gaillard



Auto retrato executado em madeira, pelo interessante artista João Carlos Celestino Gomes

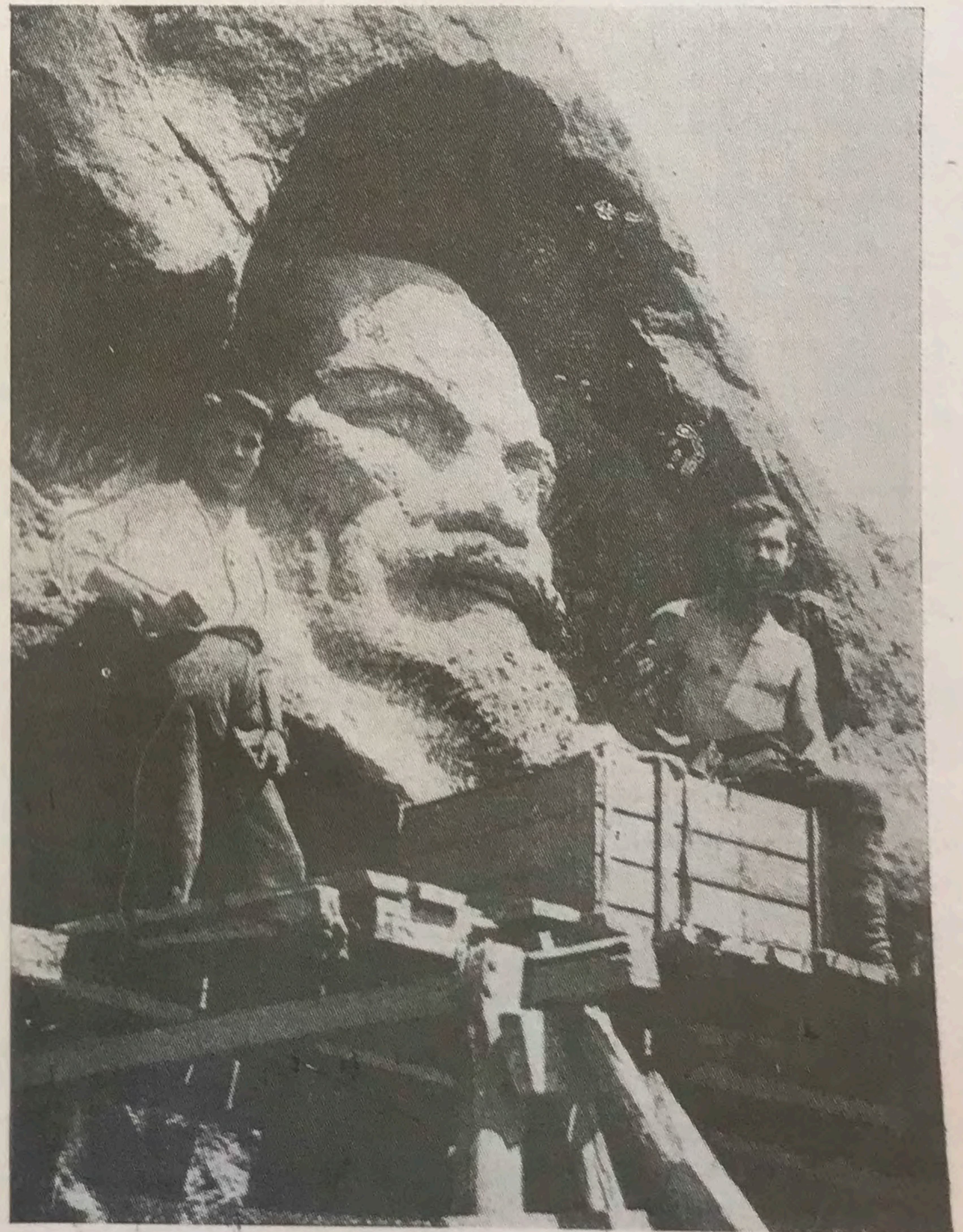




*João Lucio um dos maiores poetas algarvios, a quem o povo de Olhão, inaugurando a sua estatua no dia 5 de Julho, prestará uma merecida homenagem cuja realização estava de ha bastante tempo interessando toda a provincia algarvia. De uma sensibilidade requintada, João Lucio foi além de um maravilhoso cantor das belezas algarvias, um orador distinto, dos mais queridos da Provincia do Algarve.*



Veloso de Araujo, interessante escritor que acaba de publicar o curioso livro «Camilo em San Miguel de Seide».



Estatua de Lenine aberta na montanha





# Uma curiosa indústria portuguesa



**O** ESPARTILHO! Palavra que tem o condão de ensombrecer muita frente conspicua e de fazer saltar a torrente das invectivas contra as barbaridades da moda.

Porém, não julguem os nossos leitores que o espartilho é fruto da idade moderna.

Desde que a mulher teve um espelho onde mirar-se, que nasceu a primeira cinta, o primeiro espartilho para adelgaçar, para corrigir algum pequeno defeito, para moldar o corpo segundo o modelo estatuario.

No Egipto, berço das civilisações, numerosas pinturas murais representam as deusas com uma pequena cinta apertada sob os seios, adelgaçando o busto e fazendo salientar as pomas dos mamilos.

As romanas usaram tambem as faixas destinadas a fazer resair os seios, e a antiguidade chamou a esses *soutien-gorge* — *cestus capitium*, *farcia*, *toenia*, *mamilare*. Eram largas fitas que se destinavam a fazer recair os encantos do seio, taçando-se em volta do dorso, alguma sob a tunica, outras mesmo, sobre ela, garridamente.

Durante a idade media o espartilho attingiu a sua maxima violencia, chegando a ser de ferro! — Mal podiam respirar dentro desses trajos e diz Pierre Gross, que as mulheres de então sofriam para tornar o talhe esbelto.

O espartilho era então uma verdadeira armadura com uns recortes elegantes, aberto nos lados no logar onde se abotoava e que se punha sobre a camisa.

E' justo apontar que entre as mulhe-

res humildes o uso permaneceu atravez dos tempos e em todos os paises, de um simples colete de atacadores, que as nossas ovarinas trazem com tanta gentileza. Em França, o luxo do espartilho aumenta de época [para época, e M.<sup>me</sup> de Maintenon, apesar da severidade do



trajo, usou espartilho aberto e durante todo o periodo de Luis XV o luxo afixa-se nesses ornamentos, já indispensaveis, sendo no entanto dividido em duas partes, uma que se usava por diante, outra pelas costas, atadas com laços sob os braços. No seculo XVIII o espartilho torna-se uma maravilha de confecção, havendo alguns de brocado de ouro.

Hoje porém, o espartilho evolucionou, e a sciencia na sua marcha avassaladora, lançou tambem um raio de luz sobre este pequeno instrumento da coqueterie feminina. O espartilho de hoje, sem deixar é certo, de ter uma função de embelezamento do corpo feminino, tem uma missão mais nobre e mais inteligente.

A cinta de malha elastica é um esplendido meio de defesa contra as doenças abdominais, tão frequentes nas mulheres.

A cinta tornou-se uma arma higienica contra as deformações, ruturas e padecimentos que podem ser o resultado de qualquer esforço violento.

E' pois, hoje, a industria dos espartilhas e cintas, uma industria que necessita a mais criteriosa orientação e uma dedicação desinteressada. Felizmente, entre nós, é essa missão brilhantemente desempenhada pela Casa dos Espartilhos e Cintas, com séde na R. da Ouro, 123 a 125, cujas modelares fabricas da Amadora, rivalisam com os mais modernos estabelecimentos alemães do genero. A cinta elastica que esta casa acaba de lançar segundo um modelo de uma sumidade medica é um produto que honra sobremodo a industria.



# films



Carmen  
Santos  
F.A.B.

Carmen Santos: estrela do Cinema brasileiro





O cenário que Almada Negreiros pintou para a revista «Chic-Chic»

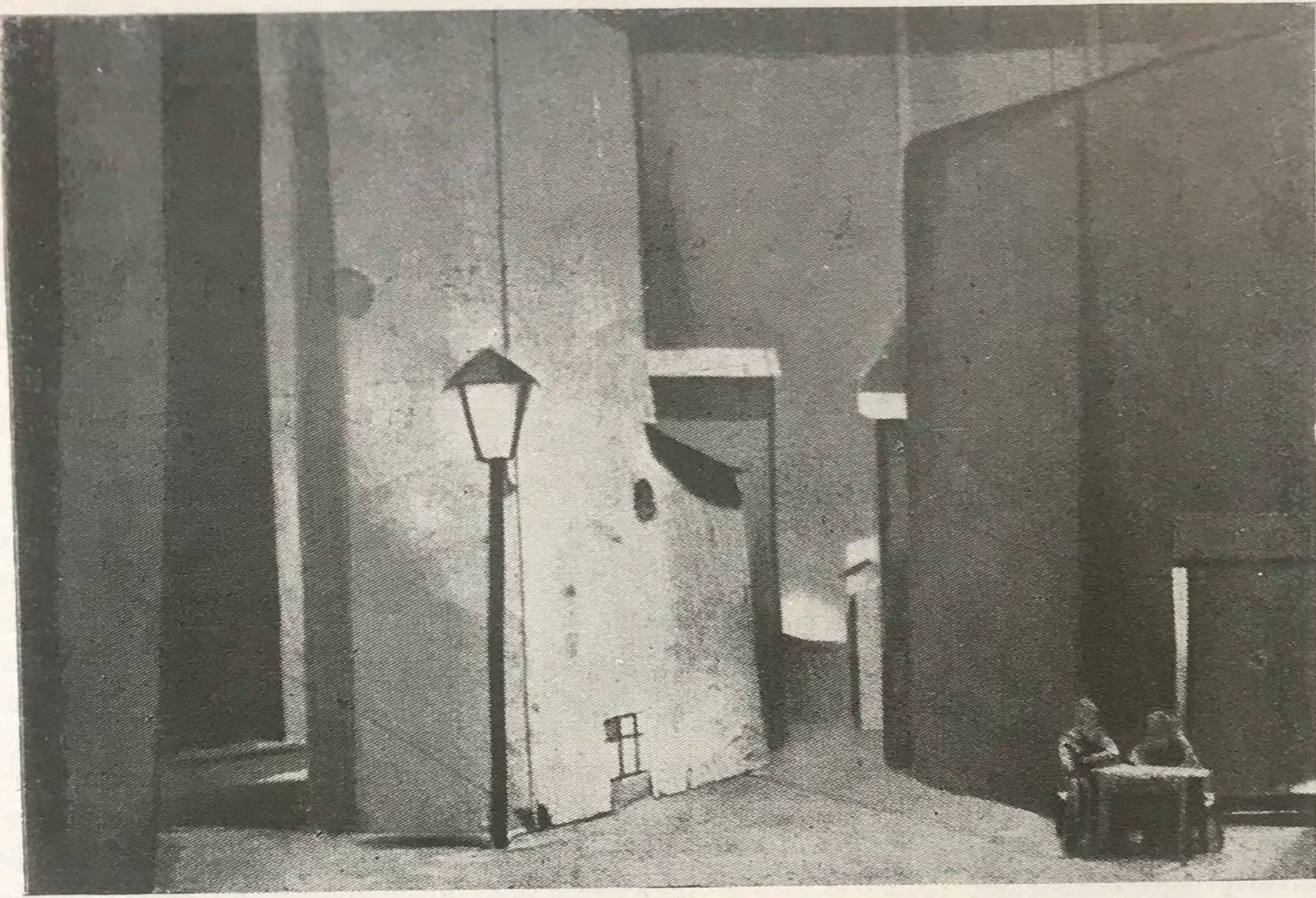


Uma das artistas da Co-Optimiste-Truppe que alcançou um enorme êxito em Berlim, numa das suas criações cómicas



Uma original exibição do Teatro Judeu de Moscou





Scenário de uma peça de Pirandello na Festa de Arte de Roma



D. Margarida Lopes de Almeida, interessante escultora brasileira e incomparável *diseuse*, que de passagem em Lisboa obteve um extraordinário sucesso no Teatro de S. Carlos e Teatro Novo



«La Goya» interessante «tonadillera» que volta brevemente a Lisboa



Maria Emilia, uma das mais interessantes artistas cinematográficas portuguesas



# Como se faz uma peça policial

ENTRE todas as modalidades teatrais é o genero policial considerado como infimo, tanto por Gregos como por Troianos, e debalde tentam os autores do genero combater esta opinião afrontosa, porque . . . . porque uma policial é das coisas mais faceis de fazer. Senão, vejamos:

Uma peça policial, como o seu nome indica, não pode deixar de ter um policia — primeira aquisição gratuita — e tendo um policia, necessita evidentemente de um ladrão para ser perseguido por aquele. Reparem, Vossas Ex.<sup>as</sup>, que o autor sem ter pensado nada já encontrou duas personagens. E como toda a peça digna desse nome, tem uma ingenua, eis a terceira personagem, que em obediencia ao *fiotinho amoroso*, exigido pela critica, se apaixonará pelo ladrão.

Mas, ha mais: como o verbo roubar pede complemento indirecto, está achada a quarta personagem, a vitima do ladrão.

Não quero com isto dizer, que quatro personagens sejam suficientes para pôr a obra de pé; faltam, ainda, as figuras secundarias, que são facilmente sugeridas pelo paragrafo 1.º do artigo 6.º da Organização do Teatro Nacional, o qual discrimina todos os generos dramaticos existentes.

Teremos então: *galã de comedia* — o jovem bandido, logar-tenente do heroi. Uma *soubrette* — que será, traduzida, a creadita da ingenua, e que se deixa cortejar pelo bandido auxiliar. Uma *caracteristica* — que, sem mais hesitações, desempenhará o papel de velha dama de companhia de heroina,

— Permitam-me, Vossas Ex.<sup>as</sup>, uma observação; não sei se já repararam em que nestas peças as heroínas, são, sempre, orfãs de mãe. A razão deste facto perde-se para muitos na noite dos tempos, mas, quanto a mim é bem clara; se tivessem mãe, ver-se-hiam obrigadas a fazer meia junto d'ela, o que seria uma insuperavel fonte de complicções para as audaciosas aventuras em que teem de entrar.

Marca, ainda, a citada organização mais uma duzia de generos que desprezaremos para não sobrecarregar a acção, e passamos ao primeiro acto.

Está naturalmente indicado que este acto se passe em casa dum milionariô, classe de pessoas que mais teem que roubar. Para ser facil meter muita gente em scena, é costume tratar-se d'uma festa, aniversario natalicio ou baptisado; qualquer coisa serve. Afim de fazer perpassar no publico o *frissou* do perigo, o ricaço deve estar avisado de que lhe querem roubar. . . . . Aqui surge a primeira dificuldade seria da peça. O autor começa por idealisar um objecto dum valor raro: um rubi de 300 quilates, um diamante negro, a pedra fi-

losopal, as obras de Tito Livio na incadernação primitiva, etc., mas, em geral, acaba por fazer recair a sua escolha num masso de notas do Banco Americano — Ah! perdão! Esqueci-me de dizer que estas peças se passam, sempre, na America.

Passo em claro as primeiras scenas deste acto que, apenas, tendem a preparar o final — que é em teatro, como todos o sabem, a parte mais importante da obra — final em que se comete o crime, que obedece a uma regra inevitavel: *o ladrão tem de permanecer absolutamente desconhecido das personagens da peça e do publico.*

Existem três maneiras, catalogadas, para alcançar este *desideratum*:

1.<sup>a</sup> — Apaga-se a luz de scena durante o delicto.

— 2.<sup>a</sup> O roubo é feito em bastidores.

3.<sup>a</sup> — O crime é praticado, ás claras, por mascarada, a que podem justapor umas grandes barbas.

Para lançar a confusão no espirito do publico costuma o ladrão deixar cair, no local do crime, um objecto comprometedor. Por exemplo, um lenço azul. Neste caso mostraram-se anteriormente quatro ou cinco pessoas que usam lenços azues; se o objecto perdido fôr uma madeixa de cabelos louros, fazem-se desfilar no palco duas *miss* e dois *gentlemen*, o mais oxigenados possivel.

Usando estes processos é certo que o publico, no intervalo do primeiro para o segundo acto, se não pateia a peça, discute acaloradamente, quem possa ser o misterioso ladrão.

Quanto ao segundo acto ninguem discorda de que se dêva passar no antro da quadrilha, taverna, catacumba ou cano de esgota, onde estão reunidos as *apaches*. — embora passando-se na America, os ladrões destas peças pertencem todos ao tipo *apache*.

E' num destes locais, descoberto pelo faro extraordinario do *detective*, — nome que se dá ao policia por causa da côr local — que o misterioso ladrão se defronta com o representante da lei; conseguindo salvar-se da prisão mediante um *truc* inedito. E' a segunda dificuldade da peça, por estarem muito explorados: a tabaqueira com pimenta, a maquina infernal, o alcapão, o cigarro soporifero, o tapete que foge debaixo dos pés, o hipnotismo instantaneo, etc.; com tudo, com um bocado de imaginação, o autor livra-se do compromisso arranjando um figurante que enfie um sacco na cabeça do *detective*.

Aconselho como final deste acto a entrada da ingenua de resolver *Smith and Wisson*, em punho, — pode ser filha do policia — afim de salvar o pai do sacco.

O terceiro acto pode decorrer em casa do

*detective*, onde o misterioso ladrão vai, sob um disfarce, escarnecer o seu perseguidor; encontra-se, porém, com a jovem cuja valentia o encanta. E' conveniente que o publico esteja convencido que o *detective* vai surgir, dum momento para o outro, e prender o criminoso; mas no fim do acto um jogo de portas, adequado, fará sair o ladrão por uma, momentos antes, do policia entrar por outra; deixando, assim o conflicto para o quarto acto, imprescindivel em peças deste genero. Cheio de jubilo, o *detective* conta á filha que descobriu o paradeiro do bandido, e em voz baixa, para não ser ouvido pelo publico, revela-lhe a verdadeira identidade do ladrão, que conseguiu descobrir apoz uma complicada dedução e por ter visto um retrato do mesmo, que uma amante desprezada enviou á Repartição de Policia. A ingenua fica perturbadissima porque esse ladrão é o homem que ela ama, em segredo, desde a sua infancia.

Chegamos' finalmente, ao quarto acto que o publico espera com anciedade, porque se está a fazer tarde para o electrico, O seu scenario interessa pouco, porque é sempre uma scena velha que a Empresa descobriu no deposito. Trata-se, em geral, de um bosque, torre abandonada ou cabana em plena floresta. Em qualquer dos casos os arredores polulam de policias disfarçados; e o criminoso, que tem sido muito esperto durante o decorrer da peça, tem um momento de distração e entra na armadilha, onde o aguarda o *detective* que se tornou, subitamente, inteligente,

E' chegado o momento da expiação, os agentes preparam as algemas e o policia acende um cigarrro, com ar ironico. E' conveniente alongar esta scena, porque o publico, que sabe que as coisas não ficam assim, tem curiosidade em saber como o autor descalça a bota.

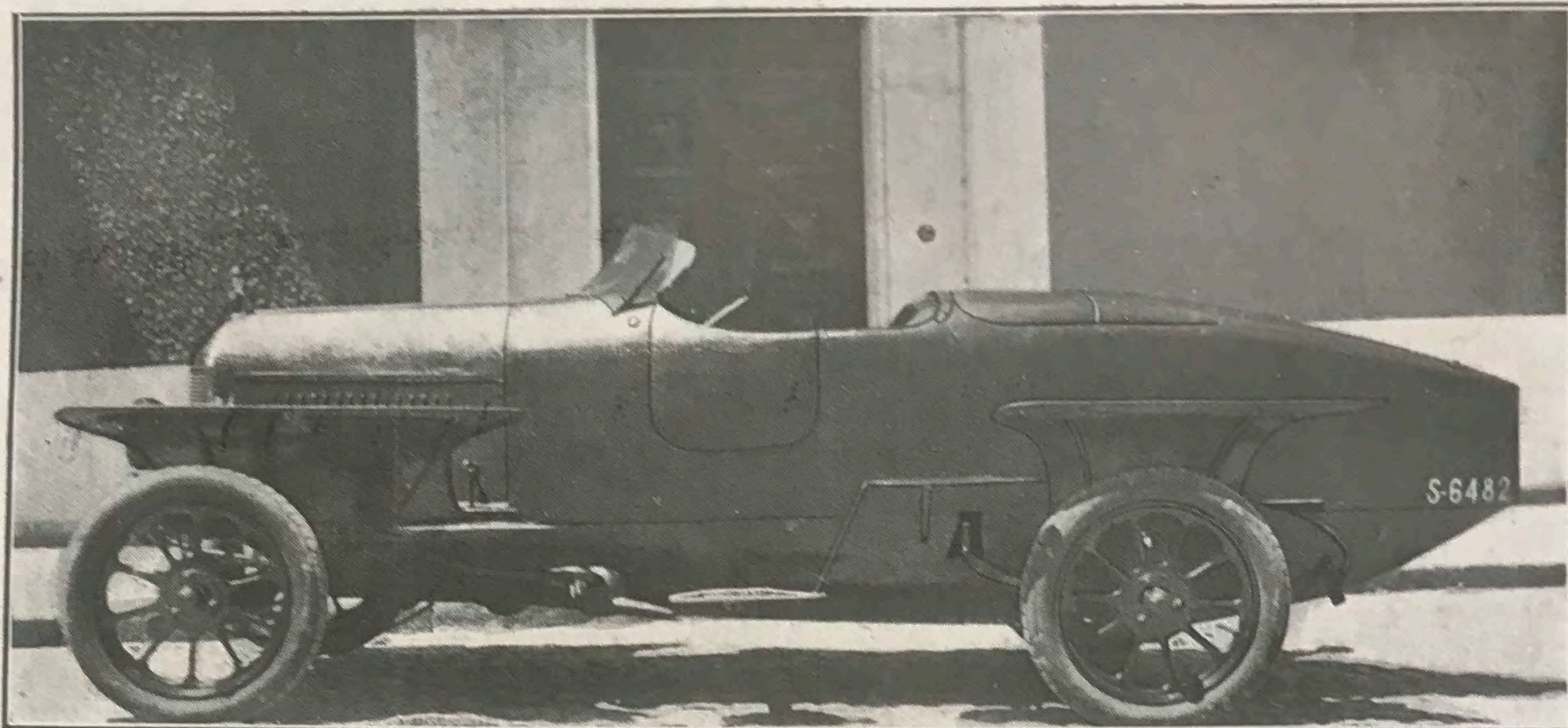
A *deusa ex maquina* será, portanto, a ingenua, que levada pelo amor, resolve salvar o ladrão. Emprega-se nesta altura um *truc* de efeito; se é uma cabana, a heroina deita-lhe fogo e na confusão salva o bandido; se é uma torre, pode através duma janela gradeada apontar o seu *Smith* sobre a policia, exigindo a liberdade do preso; ou, disfarçada em alma penada, afugentar a mesma.

Salvo o heroi deste, ou de qualquer outro modo, resolveu fugir, para ocultarem o seu amor num país longinquo. Uma vez só, o *detective* recolhe o tesouro roubado e mete-o na algibeira com um sorriso ambiguo.

— Como vem V. Ex.<sup>as</sup>, nada ha mais facil de fazer, que uma peça policial.

Lisboa, Nov. 1924.





**P**UBLICAMOS a interessante fotografia de um automovel

*Morris*, de sport, que atinge a velocidade de 110 quilometros á hora e cuja carrosserie, construida de-baixo da direcção do Sr. Antonio de Medeiros e Almeida, representante da referida marca, é muito original, por ser toda forrada de couro, o que lhe dá uma linda apparencia, sendo ao mesmo tempo muito leve, pois não tem chapa, como vulgarmente todas as carrosseries.

De passagem, devemos dizer que esta marca de automoveis tem causado o maior successo, como o publico de Lisboa é conhecedor, porque sendo um carro pequeno, contudo, as suas peças componentes, chassis, molas, motor, etc., são absolutamente identicas ás dos melhores carros grandes, só com a di-

ferença de serem reduzidas no tamanho.

Pela revista inglesa *Morris Owner* soubemos que estão construindo diariamente 200 carros desta marca e que em Outubro proximo aumentará a produção para 500 carros, pois a produção presente não chega para satisfazer os pedidos, estando neste momento 5.000 pessoas á espera de carros.

O Sr. W. R. Morris, proprietario e director das fabricas Morris, que é considerado um dos primeiros industriais de automoveis do mundo, acaba de adquirir a fabrica Léon Bollée, de França, onde vai construir automoveis Morris para satisfazer melhor a sua grande exportação.

A aquisição desta fabrica constitui um importante facto na marcha da industria automobilistica, visto

ser assim possivel alargar o desenvolvimento do fabrico *Morris*, o que se tornava de absoluta necessidade, em virtude da enorme procura que vai tendo esta marca de automoveis.

Na verdade, pela sua elegancia e solidez estes automoveis estão destinados a preencher uma lacuna que se verificava nas outras marcas já existentes, especialmente nos automoveis de sport, por não serem tão leves como estes conseguem ser, e isto devido á construção da carrosserie, que, como acima dizemos, é diferente da dos outros carros.

Não é de admirar, portanto, que dentro em breve todos os amadores de automoveis disputem entre si a primasia de adquirir um destes carros, como lá fóra já está succedendo.



# GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

EM LISBOA

**A casa de maior expansão comercial do país**

**SEMPRE A QUE MAIOR SORTIDO TEM E MAIS BARATO VENDE**

Todas as suas compras, na origem e ás primeiras fabricas!

Todas as suas compras a pronto pagamento!

Compras directas, sem intermediarios, pelas suas casas compradoras

nas principais cidades e centros fabris do mundo!

Tudo vendido directamente ao publico para mais barato venderem sempre, juntamente com os produtos das suas

**Importantes FABRICAS DE LAS, SEDAS, LANIFICIOS, TECIDOS DE ALGODAO, MALHAS E OUTRAS**

cujos produtos não têm rival, vendendo-se, como por encanto, tal a novidade e perfeição do seu fabrico,

tais os preços por que os vendemos!

Comprar nos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO OU NAS SUAS 23 FILIAIS,

é realizar uma economia de 20 a 50 % pelo menos, na maioria dos artigos!

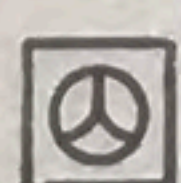
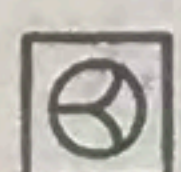
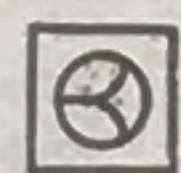
**24 CASAS DE VENDA**

no Continente e Ilhas

A maior empresa no país, no seu genero!

Em toda a parte os mesmos preços!

Em toda a parte, a todos, as mesmas vantagens!



**200 FABRICAS**

Nacionais e Estrangeiras

Com contratos de fornecimentos exclusivos para os

**GRANDES ARMAZENS DO CHIADO**

e suas filiais

**AS NOSSAS FILIAIS NO CONTINENTE E ILHAS**

LISBOA

Porto

Coimbra

Abrantes

Aveiro

Beja

Braga

Caldas da Rainha

Covilhã

Evora

Faro

Figueira da Foz

Guarda

Portalegre

Santarem

Setubal

Torres Novas

Viseu

Arganil

Barril d'Alva

Funchal—Madeira

Ponta Delgada—S. Miguel

Ribeira Grande—S. Miguel

Angra do Heroismo—Terceira



# Teatro



Laura e Victoria Pinillos, duas das mais belas artistas do couplé!



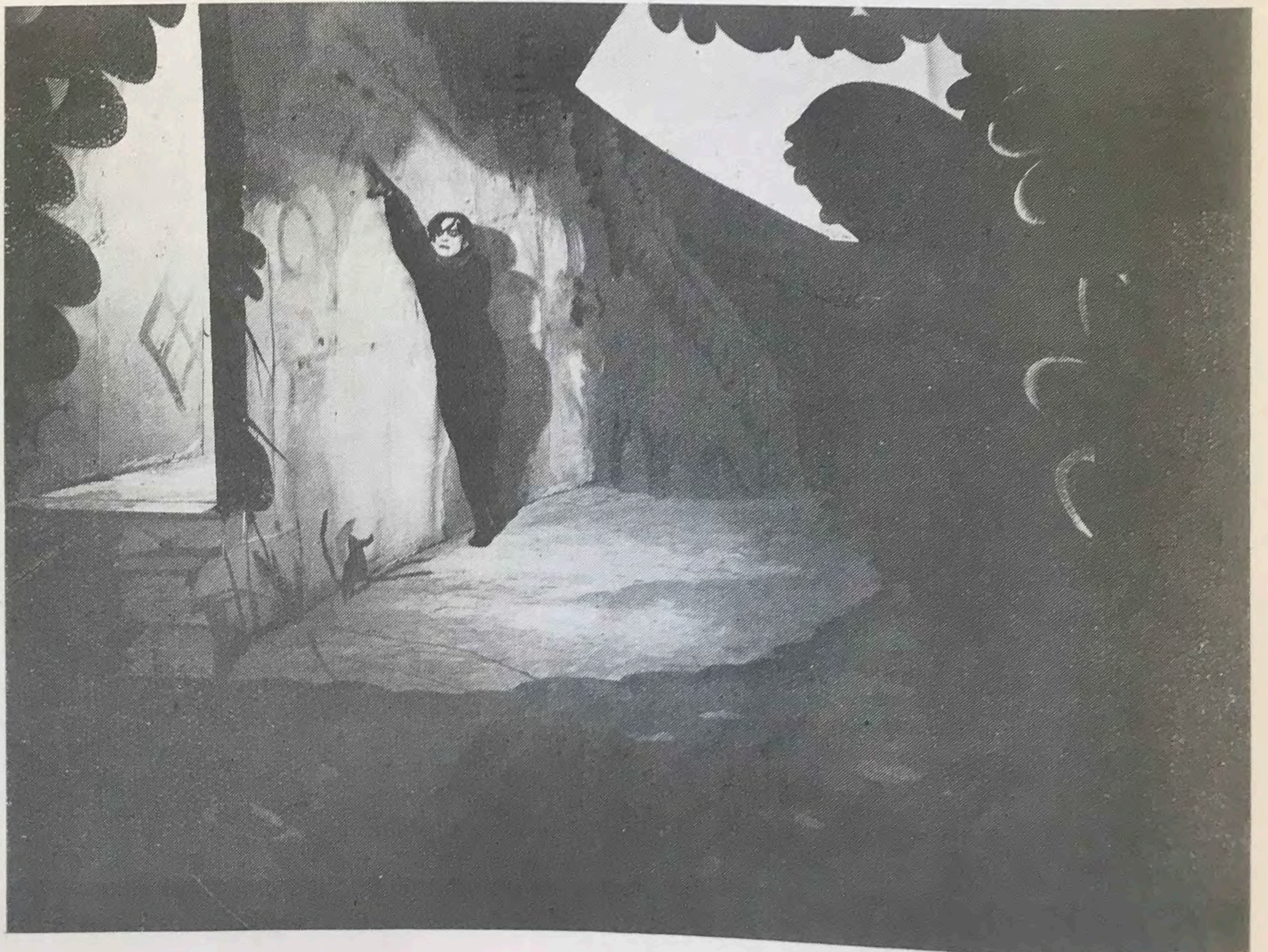
Europa

# Cinematografia Moderna



Uma scena do film «Dr. Galiari»  
que brevemente  
vai ser exibido em Lisboa

Outra scena do film «Dr. Galiari»







Outra scena do film «Dr. Galiari»

Curiosa «maquillage» de Jaque Catelain  
no film «Deshumana», de Marcel L'Herbier,  
que tanto sucesso causou em Lisboa.





# ELEGÂNCIAS



tentativas realizadas nos casacos de Guldets e cabeção, mas agora voltam as modistas a insistir nas suas criações de puras linhas classicas.

O assombro que causara esta ousada inovação é facil]de compreender, mas tudo leva a crer que não veremos realizados esses sonhos de inovadores.

Como estamos em plena epoca de aguas e de fuga para as praias, não é fora de proposito ocuparmos da nota que apresentam os vestidos de casino e jantar.

As rendas ocupam um lugar de destaque. Tanta variedade, metallicos pretos, matizados, côres lizas. E' impossivel

descrevê-las. Só vendo na casa Tátá & Rodrigues, no Chiado, a linda coleção que de Paris lhe enviam e onde a escolha quasi se torna impossivel.

Esta casa é, na verdade, aquela que mais se empenha em ter na sua coleção de artigos de novidade, os mais encantadores modelos, onde não falta nem a requintada elegancia, nem o mais apurado gosto moderno.

Os colares de fantasia em que as côres das pedras harmonizam com as écharpes, as écharpes com as carteiras, as carteiras com os leques, todos estes artigos]e muito mais se encontram na referida casa, que, apesar dos elevados preços que tudo tem atingido, não se poupa a sacrificios para descer constantemente o preço dos seus artigos.

E' necessario convencer-nos de que os accessorios são tão importantes na toilette de hoje como o chapéu ou o calçado. Sem cuidar nestes detalhes uma mulher não conseguirá nunca a perfeita nota da elegancia.

Os cabelos cortados de eterno imperio exigem grandes cuidados no embelezamento das nossas cabeças. Sob pretexto de os segurar usam-se uns pentes e travessas]de variadas côres, que sempre vivas e limpas, alegram e dão frescura á mulher moderna.

A nota dominante no momento presente é a policromia. As côres sombrias desapareceram com os primeiros dias de calor, da luz e do sol.

**Q**UE encantadores estes vestidos de verão!

Que lindas côres que eles teem!

São quadros cheios de mocidade e de luz!

Todos os gostos encontrarão modelos que lhes permitam seguir a moda sem perder essa nota pessoal que toda a mulher deve conservar.

As imaginações mais extravagantes como os espiritos mais simples e ingenuos teem no campo aberto para escolher os seus modelos preferidos.

Sempre a linha direita; algumas variações bem insignificantes nos vestidos deste genero, que são os que continuam a ter maior numero de admiradoras.

Mas apareceram em Longchamps algumas toilettes de puro sabor Direcrorio!

Já este inverno houve as [primeiras





# CRONICA LITERARIA

**Politica Portuguesa**, por Bento Carqueja, Porto, 1925.

O mestre do jornalismo português dá-nos neste livro mvis uma brilhante prova das suas excepcionais faculdades criticas.

Serenamente, com aquela elegancia dos espiritos superiores, Bento Carqueja conduz-nos através dos ultimos anos da nossa triste historia, apontando os erros, indicando os males com uma profundidade de julgamento tão encantadora, que *Politica Portuguesa* é verdadeiramente o livro para todos, o livro são que todos devem ter sobre a banca de trabalho e onde todos devem buscar aquela lição salutar e necessaria antes de lançarem novas achas na fogueira dos odios e dos erros nacionais.

\*

**Camilo em San.Miguel-de-Sei-de**, por Veloso de Araujo, Braga, Livraria Cruz, 1925.

Mais um livro sobre Camilo, exclamará o leitor. E' certo, mas com a atenuante de ser um bom livro. Sempre discordamos

de certos *necrofosos*, que sem literatura propria, vivem á sombra de grandes nomes, esvurmendo-lhes, dissecando-lhes, extratando-lhes pensamentos, frases cívicas, que na maior parte das vezes nunca tiveram.

Porém, o livro do sr. Veloso de Araujo, se pelo seu titulo parece pertencer a esta classe, dá-nos pela sua leitura a agradável surpresa de um livro bem feito, cheio de emoção e carinho pelo escritor desaparecido.

\*

**Legenda Dolorosa do Soldado Desconhecido de Africa**, por Antonio de Certima, 1925.

A autor da admiravel epopeia maldita, deu-nos um pequeno opusculo no 9 de Abril, cuja forte rajada de reinvidicta é temperada por uma piedosa emoção. Opusculo pequeno no papel, mas que se agrande com a fal: subrehumana dum soldado moribundo no hospital de M'Lamba: Cristo não é mais do que eu: ambos dois morreremos pelos outros.

**Jardim do Ocidente**, por Alipio Roma, Coimbra, Imprensa da Universidade.

A forte sensibilidade pratica do autor da Biblia Profana, dá-nos um novo livro de versos, com um significado, uma intenção e uma bela forma poetica. Não são versos porque rimam, são versos porque um raro perfume poetico atravessa as paginas do Jardim do Ocidente. E' particularmente notavel o Auto do Luar de Agosto, pela sua forma e pela expressão tonalisada da vida humilde.

\*

**Asas Exiladas**, Poemas de Aleixo Ribeiro, Lisboa, 1925.

Um punhado de poesia que o autor seleccionou sem duvida dentre as que lhes são queridas. A variedade dos temas vem assim juntar a policromia dos versos mais uma caracteristica de agrado. O pequeno livro de Aleixo Ribeiro, le-se com encanto, e se aqui e alem algum dos seus versos não apresenta uma forma perfeita, o seu conjunto, porem resulta sempre harmonico e ritmico.

MATERIAES DE CONSTRUÇÃO

ROQUE DA FONSECA L.<sup>DA</sup>

RUA VISCONDE VALMOR, R. F.

LISBOA

TELE { fones N. 190, 1840  
gramas ROFON

Codigos

{ RIBEIRO  
A. B. C. 5.<sup>a</sup> Edí.





# PALMIRA CALIXTO

Calçada do Sacramento, 7-2.<sup>o</sup>  
TELEFONE 4359

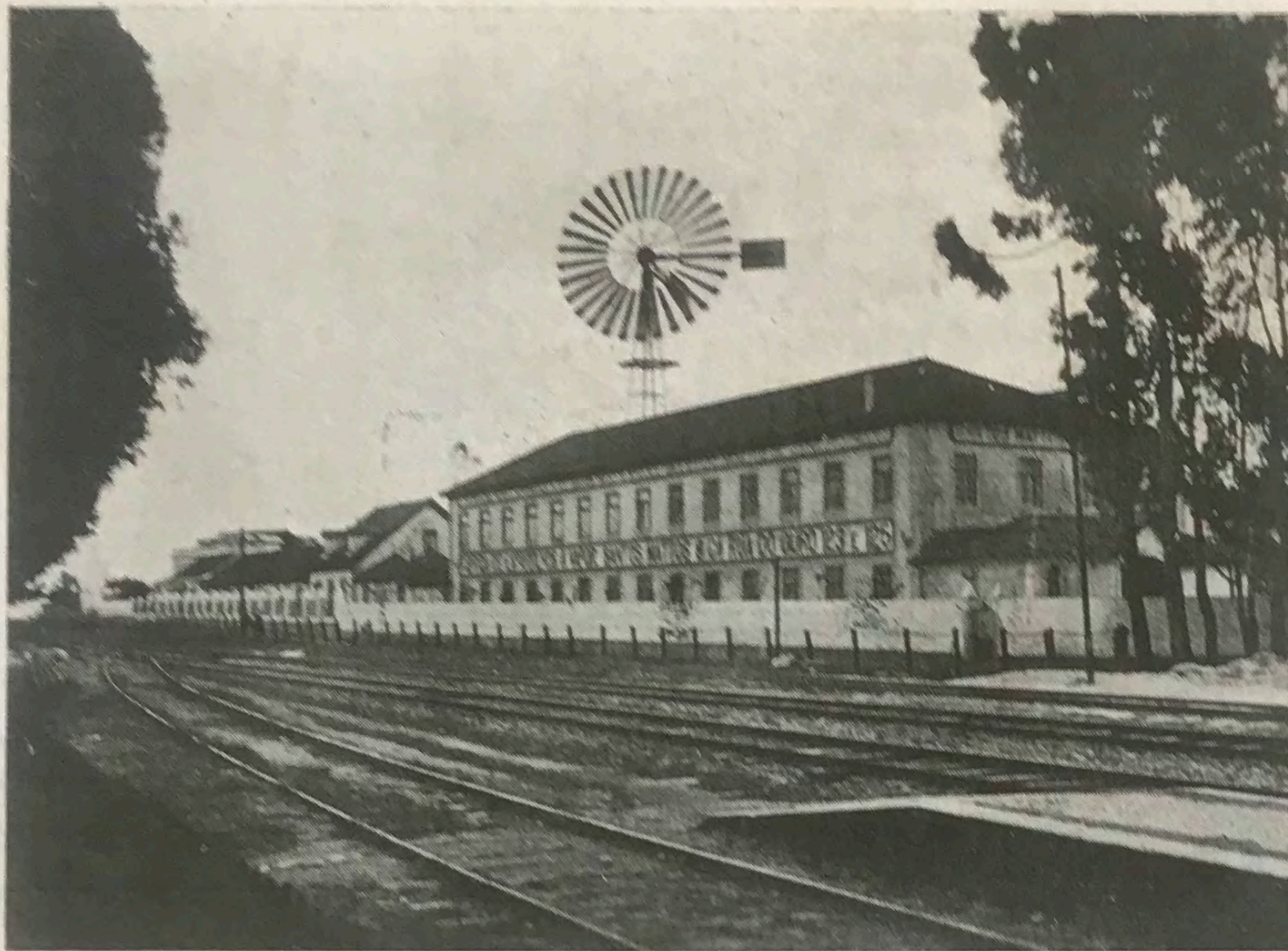
Tratamento de Beleza por Electricidade  
aplicada sob todas as fórmulas

Gimnastica Medica — Massagem Medica  
vibratoria e manual

## ALTA FREQUENCIA

Lavagem e secagem dos cabelos e seus tratamentos, descoloração e applicações de Henné,  
Ondulação « Marcel » Manncure

## CREME PALMIRA



FABRICA DA AMADORA

Em deposito todos os feitos e qualidades de :

Espartilhos, Cintas, Soutien-  
Gorges, Pelotas Pneumaticas,  
(modelos exclusivos)

Confortadores, Omoplatas,  
Cintos ligas, Cinturas perio-  
dicas, Pensos higienicos, etc.

FABRICA A VAPOR NA AMADORA

## Casa dos Espartilhos e Cintas

DE

## SANTOS MATOS & C.<sup>A</sup>

Fornecedores dos HOSPITAES CIVIS DE LISBOA  
e das principais Casas de Saude do Paiz

Especialidade em CINTAS MEDICINAES

Escolhido e variado sortido de cintos Higogastricos  
para todos os padecimentos abdominaes



ESTABELECIMENTO NA RUA DO OURO

123 - Rua do Ouro - 125

LISBOA

TELEFONE 1306 - CENTRAL



# E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

64 - CAES DO SODRÉ - 64

LISBOA

---

**Agentes das Companhias de Navegação**

The Pacific Steam Navigation Company  
Cosulich Line  
The Union Castle Mail Steamship Company Ltd.  
John Hall Junior & C.<sup>o</sup> Ltd.  
H. Hogarth & Sons  
E muitas outras companhias.

---

**Fornecedores de carvão**

Unicos Importadores de carvão  
Lewis Marthyr Steam Coal

Representantes: Da Baldwin Locomotive Works  
Stohert Pitt e outros fabricantes

Unicos Agentes em Portugal  
dos afamados azeites espanhóis  
da casa Hijos de Ybara de Sevilha

Secção de Despachos e Transitos

TELEFONES: Central N.<sup>os</sup> 3601, 3602, 3603, 3605

# Orey, Antunes & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

**Grandes Armazens de Ferro,  
Aço, Carvão e Metais**

---

**ESCRITORIO:**

**Praça de D. Luiz, 31, 1.<sup>o</sup>  
Telefone Central 751**

**ARMAZENS:**

**T. do Carvalho, 27 e 29  
Telefone Central 323**

**Rua 24 de Julho, 52-G  
Telefone Central 459**

# HARLEY-DAVIDSON

**A MARCA**

**de reputação Universal**

**Agente exclusivo**

**para Portugal e Colonias**

**Manuel Ferreira**

**Avenida da Liberdade, 180 a 184**

TELE { FONE: 1506 N.  
GRAMAS: MOTARLEY

**MOTORES - DINAMOS**

**ALTERNADORES - TRANSFORMADORES  
DA**

**GANZ E. A. G. - BUDAPEST**

**MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS**

**Material Electrico**

**Fabrica de cobertura de fios  
para Electricidade**

**Aparelhos e accessorios para T. S. F.**

**Empresa Comercial de Maquinas e Electricidade L.<sup>da</sup>**

**Rua da Palma, N.<sup>os</sup> 225 a 235**

**LISBOA**

Tele { fone N. 3580  
gramas Dinamica



# CASE

MOTORS - CARS

O mais resistente automovel  
da actualidade

6 cilindros - travões ás 4 rodas



Unico representante para continente e Ilhas

**GARAGE PORTUGAL**

A. Rodrigues Sampaio, 80

Telefone N. 2102

LISBOA



UNICOS CONCESSIONARIOS

PARA

Portugal, Ilhas e Colonias

ARMANDO CRESPO & C.<sup>A</sup>

118, RUA DO CRUCIFIXO, 124

LISBOA

MAGAZINE



MENSAL

## PREÇOS DE ASSINATURA

3 meses 21\$50

6 meses 41\$00

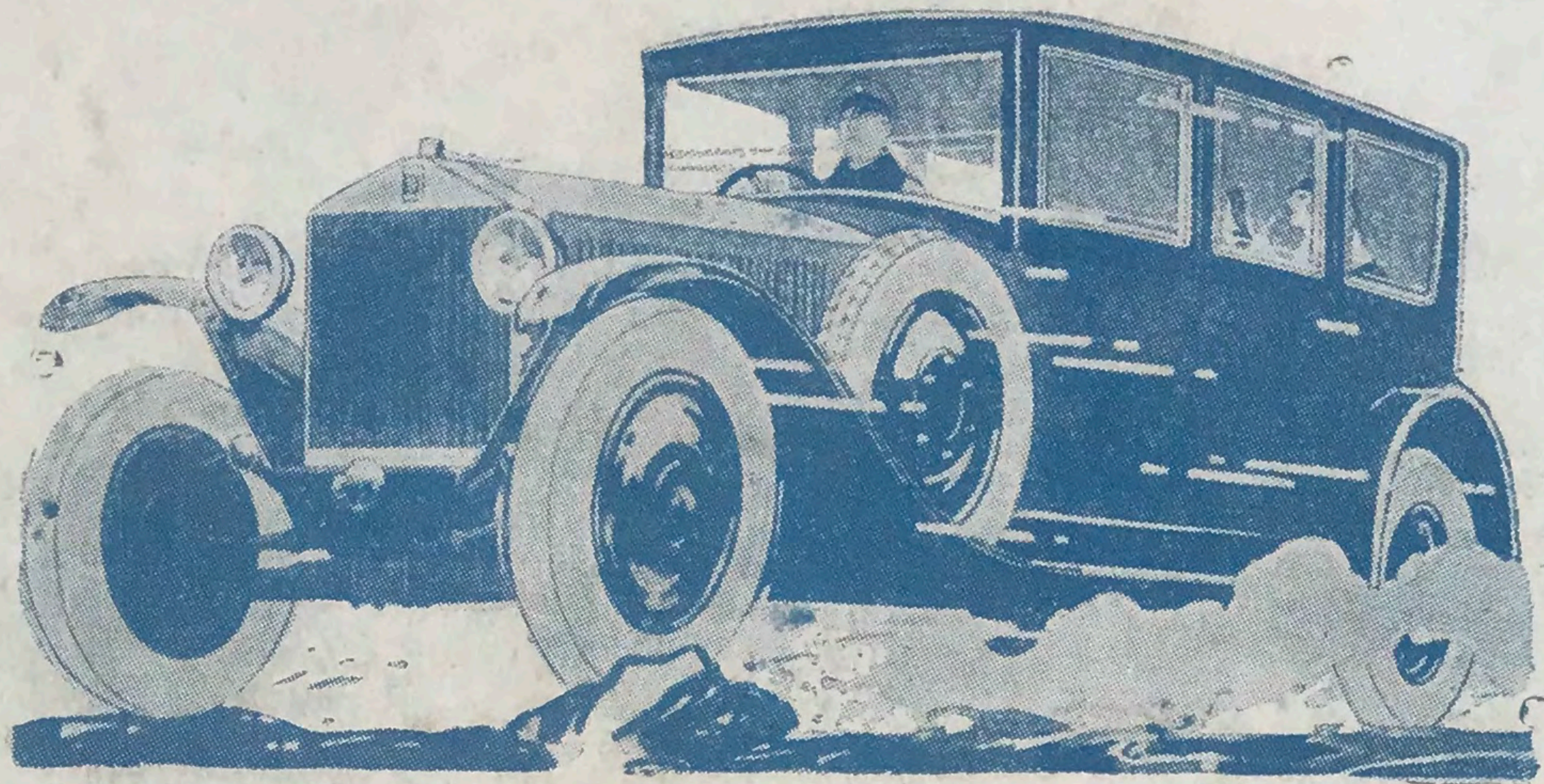
Ano 79\$00

NUMERO AVULSO 7\$50

Pedidos á Administração: LARGO DO CALHARIZ, 29

Previnem-se os Senhores assinantes de que já procedemos á cobrança do 1.º trimestre





*4 roues indépendantes ?*

*La meilleure suspension ?*

*La plus forte moyenne de route ?*

**... C'est la**

**11 CV**

# **SIZAIRE FRÈRES**

**1<sup>re</sup>** des autos parties de Paris dans le Rallye  
de Monte-Carlo, devant les 35 CV...

PRIX DU CHASSIS : 34.000 Frs



REPRESENTANT POUR LE PORTUGAL

**N. GUIMARÃES & C.<sup>IE</sup>**

3, CITÉ TRÉVISE

PARIS

